

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
CURSO DE ARTES VISUAIS
HISTÓRIA, TEORIA E CRÍTICA DA ARTE

RENATA MACHADO CAMARGO

**“PROPOSTAS RELACIONAIS” DE ARTE EM PORTO ALEGRE:
Feira de Arte Contemporânea Desvenda e Semana Experimental Urbana – SEU**

Porto Alegre
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
CURSO DE ARTES VISUAIS
HISTÓRIA, TEORIA E CRÍTICA DA ARTE

RENATA MACHADO CAMARGO

**“PROPOSTAS RELACIONAIS” DE ARTE EM PORTO ALEGRE:
Feira de Arte Contemporânea Desvenda e Semana Experimental Urbana – SEU**

Monografia apresentada ao Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Artes Visuais, ênfase em História, Teoria e Crítica da Arte.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Maria Albani de Carvalho

Banca Examinadora: Prof^ª. Dr^ª. Bianca Knaak
Prof. Dr. Paulo Gomes

Porto Alegre
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
CURSO DE ARTES VISUAIS

RENATA MACHADO CAMARGO

**“PROPOSTAS RELACIONAIS” DE ARTE EM PORTO ALEGRE:
Feira de Arte Contemporânea Desvenda e Semana Experimental Urbana – SEU**

Monografia apresentada ao Curso de Artes Visuais ao
Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de
título de Bacharel em Artes Visuais, ênfase em História,
Teoria e Crítica da Arte.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Ana Maria Albani de Carvalho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^a. Dr^a. Bianca Knaak
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Paulo Gomes
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Aprovada em: 15 de dezembro de 2011.

A minha família que me ensinou que: “O conhecimento adquirido é o único bem que não perdemos na vida”. A meu marido e companheiro que me ajudou nessa jornada. A minha orientadora, aos professores e aos colegas que ajudaram na minha formação no Instituto de Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Aos produtores, artistas, grupos e coletivos de artistas da Feira de Arte Contemporânea Desvenda e da Semana Experimental Urbana (SEU).

AGRADECIMENTOS

A minha família, marido e amigos, pela força, dedicação e apoio contínuos ao longo de minha vida. A meus colegas, orientadora, professores e funcionários do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por colaborarem com a minha formação acadêmica e no meu trabalho de conclusão. A minha Orientadora Professora Ana Maria Albani de Carvalho pela dedicação, incentivo, presteza e auxílio às atividades e discussões sobre o andamento e normatização desta Monografia de Conclusão de Curso. Ao Professor Paulo Gomes por me alertar que a maioria das pesquisas em Artes Visuais, realizadas no Rio Grande do Sul, é voltada para outros lugares do Brasil ou exterior, precisando-se valorizar as produções de nossa região. A Professora Bianca Knaak por idealizar um trabalho sobre a Feira de Arte Contemporânea Desvenda e a Semana Experimental Urbana (SEU), durante Disciplina de Ciência da Arte: Campo Social, no 2º Semestre de 2010. A minha colega Giovana Bocchese Leal pela coragem de enfrentar o desafio e problemas de marcação das datas e horários de 52 bancas a serem distribuídas em dez dias. Ao Rodrigo Lourenço, Camila Mello, Fernanda Manéa, Gaby Benedyct, Lílian Santos Gomes, entre outros artistas e coletivos que colaboraram em seus depoimentos relacionados às entrevistas realizadas neste trabalho de conclusão. A Deus pela oportunidade e privilégio de ter colocado todas essas pessoas no meu caminho e por poder realizar meu segundo curso superior, fazendo com que tenha persistência e vontade na minha jornada acadêmica.

RESUMO

A presente monografia aborda duas propostas consideradas relacionais de Arte em Porto Alegre: *A Feira de Arte Contemporânea Desvenda* e a *Semana Experimental Urbana – SEU*, procurando perceber como surgiram, funcionam e quais os artistas que as integram e participam. Na realização da pesquisa, entrevistaram-se os produtores: Camila Mello e Rodrigo Lourenço, artistas (Camila Mello, Fernanda Manéa, Gaby Benedyct e Lílian Santos Gomes) e coletivos destes dois projetos artísticos, como o *Coletivos Sala Dobradiça – S.D. -*, com o objetivo de obter informações sobre as propostas pesquisadas e averiguar se os discursos dos produtores estão de acordo com as percepções de artistas que as integram. Outra questão importante era saber se as propostas geraram oportunidade e visibilidade para artistas iniciantes. Coletou-se dados em *sites*, *blogs* e páginas da *Internet*, incluindo as de relacionamento, como: *Facebook*. Na tentativa de integrar conceitos, pesquisou-se bibliografia que auxiliou no embasamento e tratamento do conteúdo das entrevistas, sendo o livro *“Estética Relacional”*, de Nicolas Bourriaud, a principal referência para desenvolvimento inicial de novo conceito: “proposta relacional”, com base no significado de *“interstício social”* comentado pelo autor. As duas propostas são diferentes em suas formas de atuarem pelo fato de a Desvenda se configurar inicialmente como feira, adquirindo traços posteriores de exposição, e a SEU como modo de se relacionar com o espaço da cidade de Porto Alegre, com o artista, público e proposta artística.

Palavras-chave: Proposta. Relacional. Arte. Porto Alegre. Artistas Iniciantes.

ABSTRACT

This monograph approaches two overtures consider relational of Art in Porto Alegre: *Contemporary Art Fair Desvenda* and *Experimental Urban Week – SEU* -, looking for to understand: theirs appearance, acting and what artists integrate and participate. In the research, the producers: Camila Mello and Rodrigo Lourenço, the artists (Camila Mello, Fernanda Manéa, Gaby Benedyct and Lílian Santos Gomes) and collectives, such as *Hinge Room Collective – S. D.* -, these two artistic projects, were interviewed, with the objective for information on proposed and investigated to ascertain whether the producers' speech are in agreement with the perceptions of artists who integrate. In an attempt to integrate concepts, research was conducted literature that helped in the basement and treatment of the interview content. Others important questions were to know if the two proposals provide opportunity and visibility beginner artists. Data were collected on websites and blogs, including the relationship, such as *Facebook*. In an attempt to integrate concepts, bibliography research gathered in the basement and helped treat the content of the interviews, the book "*Relational Aesthetics*" by Nicolas Bourriaud, the main reference for the initial development of new concept: "relational proposal" based the meaning of "social interstice" commented by the author. The two proposals are different in their ways of acting because *Desvenda* initially set up as a marketplace, acquiring traits after exposure, and *SEU* as a way of relating to the area of Porto Alegre, with the artist audience and artistic proposal.

Keywords: Proposal. Relational. Art. Porto Alegre. Beginner Artists.

SUMÁRIO

RESUMO	5
ABSTRACT	6
INTRODUÇÃO	8
1 CONCEITOS E BREVE HISTÓRICO DE ACONTECIMENTOS RECENTES COM “PROPOSTA RELACIONAL”, NO BRASIL E EM PORTO ALEGRE	13
1.1 CONCEITOS QUE PERMEIAM “PROPOSTAS RELACIONAIS” DE ARTE	14
1.2 ALGUMAS INICIATIVAS RECENTES VINCULADAS À ESTÉTICA RELACIONAL EM PORTO ALEGRE E EM OUTROS CENTROS BRASILEIROS (2002-2009)	24
2 DUAS “PROPOSTAS RELACIONAIS” EM PORTO ALEGRE	32
2.1 <i>FEIRA DE ARTE CONTEMPORÂNEA DESVENDA</i>	33
2.1.1 <i>A feira da Travessa dos Venezianos</i>	34
2.1.2 <i>Mapeamento da Desvenda em Porto Alegre</i>	37
2.1.3 <i>Os artistas emergentes e a Desvenda</i>	55
2.2 <i>SEMANA EXPERIMENTAL URBANA (SEU)</i>	65
2.2.1 <i>A intervenção urbana como ideia motriz</i>	65
2.2.2 <i>A SEU em Porto Alegre: 2010</i>	67
2.2.3 <i>Percepção da artista Fernanda Manéa sobre a SEU</i>	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
BIBLIOGRAFIA	93
APÊNDICE A: <i>Texto sobre a Desvenda</i>	96
APÊNDICE B: <i>Espaço expositivo reservado à Desvenda</i>	97
APÊNDICE C: <i>Festa de Rua SEU</i>	98
APÊNDICE D: <i>Entrevista com Rodrigo Lourenço (13/11/2010)</i>	99
APÊNDICE E: <i>Entrevista com Rodrigo Lourenço (19/04/2011)</i>	101
APÊNDICE F: <i>Entrevista com Rodrigo Lourenço (13/05/2011)</i>	102
APÊNDICE G: <i>Entrevista com Fernanda Manéa (Desvenda)</i>	104
APÊNDICE H: <i>Entrevista com Fernanda Manéa (SEU)</i>	107
APÊNDICE I: <i>Entrevista com Lílian Santos Gomes</i>	109
APÊNDICE J: <i>Entrevista com Gaby Benedyct</i>	111
APÊNDICE K: <i>Entrevista com Camila Mello (Desvenda)</i>	120
APÊNDICE L: <i>Entrevista com Camila Mello (SEU)</i>	126
APÊNDICE M: <i>Entrevista com Rodrigo Lourenço (27/09/2011)</i>	135
ANEXO A: <i>O sítio da Desvenda na “Internet”</i>	148
ANEXO B: <i>O sítio da SEU na “Internet”</i>	149
ANEXO C: <i>Integrantes da Desvenda</i>	150
ANEXO D: <i>Integrantes da SEU (2010)</i>	155

INTRODUÇÃO

Um artista em início de carreira precisa mostrar seus trabalhos, como qualquer outro em sua profissão, não havendo sentido em criar sem apresentá-los para um público que se relacione com o que produz. O primeiro passo é encontrar um lugar para expor. Mas onde encontrá-lo, visto que a maioria dos espaços expositivos privilegia artistas reconhecidos pelo sistema de arte? E, locais que os possibilitam expor, em muitos casos, promovem Editais com processo seletivo para espaços públicos ou privados, em que os escolhidos assumem os custos pelo convite, adesivagem de parede e coquetel de abertura, de certa forma, pagam parte da exposição. A tendência é de que artistas, principalmente os iniciantes se organizem em agrupamentos, para exporem seus trabalhos, com o objetivo de dinamizar o ingresso no circuito de arte e, quem sabe serem reconhecidos no sistema de arte.

O presente trabalho busca fornecer conhecimento sobre a *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* e a *Semana Experimental Urbana (SEU)*, os quais possibilitam que os artistas, dos iniciantes aos experientes, realizem exposições de arte em Porto Alegre. E são relevantes por contribuírem com o circuito de arte local, sendo a feira desburocratizada e de fácil acesso a quem queira participar. Quanto a *SEU* passa por processos mais burocráticos referentes ao procedimento de financiamento, o que pode acarretar em diminuição de artistas participantes no evento.

A *Feira de Arte Contemporânea (Desvenda)* e a *Semana Experimental Urbana (SEU)* são produzidas por Rodrigo Lourenço (Porto Alegre/ 1975)¹. A feira tem como objetivo encontrar pessoas com a ideia de estar juntos para trocar, vender, expor e falar de arte fora de instituições artísticas formais e do meio acadêmico. A *Semana Experimental Urbana* foi produzida por Camila Mello (Porto Alegre/ 1976)², Manuela Eichner (Arroio do Tigre/ 1984)³ e Rodrigo Lourenço, com o intuito de,

¹ Artista e produtor formado pelo Instituto de Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com Ênfase em Gravura.

² Artista visual, gráfica e produtora, formada em Direitos Humanos, na Unisinos, com Especialização na área de Poéticas Visuais, na Feevale e com Bacharelado em Desenho e Fotografia, no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³ Artista visual, gráfica e produtora, Bacharel em Artes Plásticas com Habilitação em Escultura, pelo Instituto de Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

segundo o catálogo lançado por este coletivo, para o evento de Junho de 2010: “interferir, por meio de ações e gestos, no acontecer dos impulsos do espaço público” (Vivência, rua e relação. *Semana Experimental Urbana*. 2010), tomando a cidade para si, interagindo com o seu espaço e as pessoas.

O objetivo da presente pesquisa é entender como a *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* e a *Semana Experimental Urbana (SEU)*, de Porto Alegre, surgiram, como funcionam e quais os artistas as integram e participam. É relevante por apresentar possibilidades a artistas iniciantes para começarem suas carreiras artísticas, ao integrarem grupos, em que há o apoio das partes envolvidas em termos de produção e exposição. As questões adotadas por Claudia Paim (2009), sobre os “modos de fazer coletivos”, são semelhantes a algumas do meu trabalho sobre a *Desvenda* e a *SEU*, como: “Por que agrupar-se para atuar, refletir e buscar visibilidade? Como se instauram? Como atuam?” (PAIM, 2009, p. 18).

Realizou-se pesquisa de campo sobre o surgimento da *Feira de Arte Contemporânea* e a *Semana Experimental Urbana (SEU)*, com entrevista a seus respectivos produtores, procurando fazer um mapeamento dos mesmos e incluir artistas integrados e engajados nesses projetos. O enfoque estará nos espaços de iniciativa coletiva de artistas que, de acordo com Fernanda Carvalho de Albuquerque (2006, p. 9), são abrangentes, envolvendo as mais variadas formas de parceria entre artistas, desde trabalhar coletivamente, até a exposição e divulgação de seus trabalhos.

A pesquisa sobre essas duas propostas ocorreu por levantamento histórico, geográfico, fotográfico e entrevistas, buscando fazer um mapeamento desses locais em Porto Alegre, RS. As entrevistas tiveram como objetivo perceber novos dados sobre esses locais, para conhecer o discurso sobre arte elaborado pelos próprios produtores desses grupos e impressões que algumas artistas emergentes (Camila Mello, Fernanda Manéa, Gaby Benedyct e Lílian Santos Gomes) têm sobre esses projetos, procurando fazer o contraponto entre discurso e realidade. Nos apêndices as entrevistas estão transcritas na sua forma integral para se buscar informações complementares.

Os critérios de seleção de artistas a serem entrevistadas foram por acessibilidade, tempos diferenciados de participação e, no caso da Gaby Benedyct, por ter a *Azul Produtora Galeria*, além de ser artista e ter mostrado trabalhos, mesmo que por pouco tempo na *Feira de Arte Contemporânea Desvenda*. A artista Lílian Santos Gomes participou de poucas edições, voltando a participar em outubro de 2011.

A artista Fernanda Manéa é integrante da *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* e da *Semana Experimental Urbana (SEU)*, de 2010. Conheço e acompanho seu trabalho artístico desde a minha primeira formação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde fomos colegas em algumas disciplinas, e continuamos mantendo contato ao longo desses anos. A escolha de entrevistá-la foi por oferecer percepção diferente de quem está totalmente envolvido diretamente com o projeto, como é o caso dos produtores Camila Mello, Maunela Eichner e Rodrigo Lourenço, além da relação de amizade e respeito que mantêm por eles. Dessa maneira, há a tentativa de fazer análise das semelhanças e diferenças entre discurso e realidade sobre esses dois projetos, podendo fazer esse contraponto a partir de dados de entrevistas realizadas com Rodrigo Lourenço e Camila Mello.

Entre as fontes bibliográficas específicas, foram estudados trabalhos de conclusão de curso, de Alice Souza, intitulada: “*Atelier Subterrânea⁴: uma abordagem sobre estratégias artísticas coletivas no meio artístico de Porto Alegre*” (Bacharelado em Artes Visuais – HTC, Depto. Artes Visuais, IA – UFRGS, 2009). A Monografia de Bacharelado de Dânia Moreira (Bacharelado em Artes Visuais, HTC, Depto. Artes Visuais, IA, UFRGS, 2010) “*Sobre o lugar expositivo: um olhar crítico sobre os espaços de exposição de arte contemporânea em Porto Alegre*”. A Dissertação de Mestrado de Fernanda Albuquerque (2006 PPG Artes Visuais IA – UFRGS) “*Troca, soma de esforços, atitude crítica e proposição: Uma reflexão sobre os coletivos de artistas no Brasil (1995 a 2005)⁵*”. A Dissertação de Mestrado de

⁴ Espaço expositivo, situado na Avenida Independência, nº 745/ Subsolo, em Porto Alegre/ RS, onde há: produção, exposição e eventos relacionados à arte. Surgiu em 2006, pela iniciativa dos artistas Gabriel Netto (Porto Alegre/ 1974), Jorge Soledar (Porto Alegre/ 1979) e Túlio Pinto (Brasília/ 1974). Atualmente, são seis artistas com produção individual que mantêm o local ativo: Gabriel Netto, Túlio Pinto, Adayany Zimovski (São José dos Campos/ 1983), Guilherme Dable (Porto Alegre/ 1976), James Zortéa (Porto Alegre/ 1978) e Lílian Maus (Salvador/ 1983).

⁵ O tema da dissertação de Fernanda Albuquerque são os coletivos brasileiros, formados por jovens artistas no período de 1995 a 2005, partindo da análise de como se posicionam frente ao sistema das artes.

Claudia Paim (2004 PPG Artes Visuais IA – UFRGS) *“Espaços de Arte, espaços da Arte: perguntas e respostas de iniciativas coletivas de artistas em Porto Alegre, anos 90”* e a Tese de Doutorado de Claudia Paim (2009 PPG Artes Visuais IA – UFRGS): *“Coletivos e iniciativas coletivas: modos de fazer na América Latina Contemporânea”*. Essas produções serviram de embasamento teórico para a realização do presente trabalho acadêmico, visto que apresentam breves questões históricas sobre coletivos e do circuito de arte local.

Consideramos esses projetos importantes, por ser um meio de artistas iniciantes dinamizarem seu ingresso no circuito de arte. São relevantes para o campo artístico local, por não terem uma sede onde ocorram as exposições, podendo apresentar suas produções artísticas nas ruas, ou em “espaços convencionais (museiais ou comerciais do sistema das artes)⁶”, como galerias e museus. Denotam que a arte pode estar em qualquer lugar desde que se tenha o interesse em expor o que se está produzindo e pensar sobre arte ‘de forma colaborativa’ (termo usado por Rodrigo Lourenço em entrevista a mim concedida no dia 27 de setembro de 2011), o que prova que os artistas não estão sozinhos e não precisam se isolar para fazer seus trabalhos. Ao exporem as produções artísticas, estão sozinhos e não precisam se isolar para fazer seus trabalhos. Ao exporem as produções artísticas, estão ajudando aos artistas iniciantes a serem percebidos no circuito de arte local.

A partir da primeira entrevista, em 13 de novembro de 2010, com o artista e produtor Rodrigo Lourenço, percebem-se questões que podem ser consideradas relacionais em arte, presentes na teoria originária desses projetos⁷. Quais questões que podem ser consideradas como relacionais em arte? A ideia de estar-juntos, de encontro e de troca (que está inserida no significado de interstício, comentado por Nicolas Bourriaud (2009, p. 22-23).

⁶ O termo espaços convencionais (museiais ou comerciais do sistema das artes) foi elaborado na Dissertação de Mestrado de Claudia Paim (2004, p. 10), está sendo reutilizado no presente trabalho, por se considerar como o mais adequado para tratar de lugares tradicionais de exposição de arte.

⁷ Entrevista a mim concedida por Rodrigo Lourenço, em 13 de novembro de 2010, procurando ser fiel ao que disse.

Segundo Rodrigo Lourenço, em entrevista realizada dia 26 de Abril de 2011, a *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* não tem mais a sede, que se localizava na Travessa dos Venezianos, nº 30, em Porto Alegre (RS), o que motivou a realização de exposições do coletivo em vários lugares do Brasil, sendo que no final de Abril de 2011, ocorreu em Brasília. Concluindo que a Feira de Arte se aprofundou no conceito de troca⁸.

Parte do embasamento teórico dessa pesquisa está presente no livro *Estética Relacional* (BOURRIAUD, 2009), por considerarmos a *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* e da *Semana Experimental Urbana (SEU)* como relacionais, assim como o produtor Rodrigo Lourenço as considera. Essa questão será abordada buscando construir um conceito que contemple o significado de relacional, segundo o produtor, sabendo que o livro de Bourriaud não se insere no mesmo contexto das duas ações em Porto Alegre, visto que foi pensado para espaços expositivos formais franceses.

Preferimos dividir o presente trabalho em dois capítulos, cada um contendo subseções que auxiliam na compreensão dos conteúdos expostos. A primeira subseção, do Capítulo 1, apresenta conceitos que ajudam a definir a teorização de proposta relacional de arte e a segunda subseção desse capítulo apresenta algumas iniciativas recentes ligadas a propostas relacionais no Brasil e em Porto Alegre, como a 27ª Bienal de São Paulo, que aborda questões conviviais, ou a Azul Galeria e Produtora que realizou experiências de troca.

O segundo capítulo é subdividido em duas partes, sendo a primeira sobre a *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* e a segunda sobre a *Semana Experimental Urbana (SEU)*, ambas trazendo informações detalhadas desses projetos. A parte sobre a *Desvenda* apresenta as percepções do produtor Rodrigo Lourenço e de quatro artistas participantes da feira: Camila Mello, Fernanda Manéa, Gaby Benedyct e Lílian Santos Gomes. A parte destinada à *SEU*, traz a percepção de Rodrigo Lourenço e Camila Mello enquanto produtores desse projeto e de Fernanda Manéa enquanto artista participante. Por fim, busca estabelecer comparações entre as impressões de todos entrevistados, procurando ligações entre discurso e realidade e construção de conceito que melhor se insira nos projetos, que no caso, pensa-se no termo: proposta relacional.

⁸ Entrevista a mim concedida por Rodrigo Lourenço, em 26 de abril de 2011, procurando ser fiel ao que disse.

1 CONCEITOS E BREVE HISTÓRICO DE ACONTECIMENTOS RECENTES COM “PROPOSTA RELACIONAL”, NO BRASIL E EM PORTO ALEGRE

Buscando conceitualizar duas propostas consideradas relacionais a *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* e a *Semana Experimental Urbana (SEU)*, a serem apresentadas no próximo capítulo (Capítulo 2), abordaremos, na primeira subseção deste capítulo (1.1), alguns conceitos centrais para a compreensão dos referidos estudos de caso: “*Estética Relacional*”, de Nicolas Bourriaud (2009), “*Comunidade*”, de Zygmunt Bauman (2003), “*cooperativa*”, em “*Introdução à Economia Solidária*”, de Paul Singer, 2002, em “*A emoção e a regra*”, de Domenico De Masi, e “*políticas culturais*”, em “*Dicionário crítico de política cultural*”, de Teixeira Coelho (1997).

Sobre as noções de “coletivos” e “iniciativas coletivas” foram utilizadas como referências: Dissertação de Mestrado “*Espaços de Arte, Espaços da Arte: perguntas e respostas de iniciativas coletivas de artistas em Porto Alegre, anos 90*” e a Tese de Doutorado “*Coletivos e iniciativas coletivas: modos de fazer na América Latina contemporânea*”, ambas de Claudia Paim (2004 e 2009, respectivamente, PPG Artes Visuais IA – UFRGS). Será mostrado breve histórico recente de acontecimentos com propostas relacionais, com o objetivo de denotar que é algo recorrente desde, aproximadamente, o início da primeira década de 2000 até o presente momento. Empregaremos o termo “espaços convencionais” (museais ou comerciais do sistema das artes) abordado na Dissertação de Mestrado de Claudia Paim (2004 PPG Artes Visuais IA – UFRGS , p. 10), por se considerar como o mais adequado para se referir a lugares tradicionais de exposição de arte.

Na segunda subseção deste capítulo (1.2), serão apresentados uma parte histórica recente vinculada à “*Estética Relacional*” descrita por Nicolas Bourriaud (2009). A presente monografia é uma pesquisa recente, em que muitos dados foram adquiridos pela “*Internet*”, havendo somente em um dos locais citados: *Azul Galeria Produtora* a realização de entrevista com a artista e produtora Gaby Benedyct. Informações sobre o evento da 27ª Bienal de São Paulo foram adquiridas pelo estudo da Dissertação de Mestrado “*27ª Bienal de São Paulo: É possível viver junto?*”, de Gilberto Garcia da Costa Júnior (2008).

1.1 CONCEITOS QUE PERMEIAM “PROPOSTAS RELACIONAIS” DE ARTE

Quando mencionamos a proposta relacional, pensamos em projetos artísticos que envolvem convívio, “fazer-juntos”, troca e estética, na linha de argumentação desenvolvida em *“Estética Relacional”*, de Nicolas Bourriaud (2009). Embora percebamos que o autor tem como foco espaços fechados de museus e galerias e o contexto francês, aspectos que se diferenciam do caso da *Desvenda* e da *SEU*, nossos objetos de estudo nesta monografia. Serão mencionados espaços abertos ou fechados de exposições e o contexto brasileiro, mais especificamente o de Porto Alegre.

Fazemos a distinção entre estética relacional e proposta relacional: a primeira abordada por Nicolas Bourriaud (2009) preocupa-se em julgar “as obras de arte em função das relações inter-humanas que elas figuram, produzem ou criam”, destacando maior atenção às *obras de arte* (2009, p. 151). A segunda é um conceito teórico o qual iniciamos sua elaboração neste trabalho de conclusão, preocupando-se com os *modos de atuação* baseados nas relações inter-humanas que eles podem produzir ou criar, sendo secundárias as produções artísticas, por serem meios de aplicação da proposta, estando nela inseridos. O que é relevante para o presente desenvolvimento teórico é a preocupação dos modos de atuação sobre o funcionamento das relações inter-humanas na contemporaneidade.

Muitos artistas se unem para dividir valores de exposições, por eles promovidas ou se inscrevem em editais para conseguir financiamento de mostras de seus trabalhos em algum espaço público. Nem todos procuram auxílio junto a empresas privadas. O fato é que as empresas públicas ou privadas, ao promoverem exposições esperam algum tipo de retorno em termos de mídia como financiadores das apresentações dos trabalhos artísticos, desconsiderando que os artistas tenham arcado com alguma despesa, que deveria ser por elas ofertada. Procurando escapar deste tipo de 'armadilha' promocional ou de 'fazer marketing' para empresas privadas, muitos artistas optam pela união em coletivos, organizados de diversas formas de autogestão, para financiar os custos ou ampliar as possibilidades de difusão dos seus trabalhos junto ao público.

O conceito de “proposta relacional” a que se pretende chegar está no âmbito das relações humanas que envolvem troca no sentido mais amplo, não só de bens materiais, mas de oportunidade de contato direto do público com obra e artista, em que cada um contribui como pode nas experiências, ou vivências sugeridas, gerando um espaço de afetividade e, por vezes, descontração e aprendizagem. O público não é obrigado a participar, afinal são propostas de relação, o que implica em escolher integrá-las ou não. Pensa-se na questão de levar a arte para fora de espaços convencionais em que as pessoas não costumam visitar ou entrar, mesmo que gratuitos, por terem uma estrutura arquitetônica imponente o que gera certo desconforto de quem por eles passa. E levar arte para espaços urbanos fora desses lugares, de certa forma, é democratizá-la e tirá-la de seu estado de elitização, tornando-a acessível para um grande público que, muitas vezes, não tem esse contato e, por isso, não tem a oportunidade de compreendê-la.

Existem projetos que não precisam de espaço fixo para existir, como é o caso da *Semana Experimental Urbana (SEU)* e da *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* por se apoiarem no pensamento e ações artísticas que envolvem seus participantes e integrantes com a ideia de fazer juntos e de encontrar pessoas o que está no âmbito das relações humanas, podendo ser considerados relacionais ao se pensar nessa perspectiva. Segundo Nicolas Bourriaud em seu livro “*Estética Relacional*” (2009): “a arte se desenvolve em função de noções interativas, conviviais e relacionais” (2009, p. 11). Segundo Althusser (1995 apud BOURRIAUD, 2009, p.21), “a cidade permitiu e generalizou a experiência da proximidade: ela é o símbolo tangível e o quadro histórico do estado de sociedade, esse “estado de encontro fortuito imposto aos homens”, com isso, criou-se “uma forma de arte cujo substrato é dado pela intersubjetividade e tem como tema central o “estar-juntos”, o “encontro” entre observador e quadro, a elaboração coletiva do sentido” (BOURRIAUD, 2009, p. 21).

Nesse tipo de proposição, percebe-se a questão de convívio, do “estar-juntos” e da importância do encontro, tanto para produzir em grupo, ou colaborativamente, ocasionando exposições de arte, quanto do olhar do público em relação ao trabalho do artista. Têm como espaço a cidade, onde surgiram e onde é necessária a experiência da proximidade, visto que as pessoas não têm mais tempo para

conviverem com outras e, às vezes, nem tempo para si, pois saem de casa para o trabalho retornando posteriormente, onde se alimentam e descansam para repetir toda a rotina no dia seguinte, vivendo mecanicamente. Então, para romper com esse cotidiano surgem essas propostas com pensamento voltado para as relações sociais e afetivas que se perdem em meio ao ambiente urbano, que é individualista.

O individualismo começou a ser conquistado na modernidade, pelo discurso de busca da “felicidade e a esperança de sucesso”, encontrados no futuro, sendo ambos: a “motivação principal da participação do indivíduo na sociedade” (BAUMAN, 2003, p. 76). Mas, a felicidade que se busca é somente encontrada na obtenção de bens materiais, o que gerou inveja e sentimento de injustiça entre possuí-los ou não e diferenças de renda, que é mal distribuída à sociedade. (2003, p. 77-78). Quando se vive em comunidade as questões individualistas são substituídas por questões coletivas, não se pensa no bem estar próprio, pensa-se no bem estar de todos. Tudo é compartilhado, não existe o “eu” indivíduo, existe o “nós” enquanto coletivo (2003, p. 56).

Segundo Zygmunt Bauman, no livro “*Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*”, comunidade significa segurança e aconchego, que trazem falta de liberdade, ou direito à identidade (BAUMAN, 2003, p. 7-11), por serem questões individualistas e não coletivas. O significado de liberdade, empregado por Bauman, é “a capacidade de fazer com que as coisas sejam realizadas do modo como queremos, sem que ninguém seja capaz de resistir ao resultado, e muito menos desfazê-lo” (2003, p. 26). Para Bauman identidade é “aparecer: ser diferente e, por essa diferença, singular – e assim a procura da identidade não pode deixar de dividir e separar” (2003, p.21). Ao se viver em uma comunidade, as pessoas nem sempre permitirão que outras façam o que querem, porque existem opiniões contrárias ou regras que devem ser consideradas, por isso, diz não haver liberdade ou direito à identidade na vida comunitária. Esta é outra questão individualista que pode levar pessoas a se dividirem em grupos por afinidades ou não pertencerem a comunidades, onde indivíduos não se preocupam consigo e sim com todos.

Pertencer a uma comunidade traz a ideia de segurança o que aparentemente é bom, visto que vivemos em um mundo inseguro, mas, segundo Zygmunt Bauman, existe sempre a preocupação com quem está de fora, que gostaria de extingui-la ou

com quem está dentro e quer deixá-la para se unir ao que é externo a ela (BAUMAN, 2003, p. 19). Mesmo assim, existe no imaginário das pessoas a ideia de aconchego, de algo acolhedor, que é contrário ao processo de individualização iniciado na modernidade a qual traz problemas sociais, econômicos e políticos no modo de viver de cada um. Integrá-la é não precisar se preocupar com esses problemas, por não tê-los, visto que não há espaço para o individualismo ao viver na coletividade. Como é o caso da *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* quando localizada na *Travessa dos Venezianos*⁹.

A Dissertação de Mestrado de Cláudia Paim (2004 PPG Artes Visuais IA - UFRGS) tem foco no formato de coletivo e de espaços específicos que criaram para a difusão da arte, onde artistas agem com maior autonomia e liberdade. São críticos em relação às instituições quanto às insuficiências e limitações que apresentam, tendo vontade de realização fora do circuito estabelecido. Questionam espaços existentes, o próprio sistema das artes visuais, os percursos de inserção do artista e seu trabalho. Esses aspectos são condizentes com o surgimento e a forma de atuação da *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* e a *Semana Experimental Urbana* e com questões abordadas por Rodrigo Lourenço, em entrevista, mostrando indignação com o sistema das artes de Porto Alegre, devido à burocratização de espaços expositivos e a falta de políticas culturais eficazes no financiamento de projetos em Artes Visuais¹⁰.

Segundo Teixeira Coelho (1997, p. 292-299), política cultural é: “um programa de intervenções realizadas pelo Estado, instituições civis, entidades privadas ou grupos comunitários com o objetivo de satisfazer as necessidades culturais da população e promover o desenvolvimento de suas representações simbólicas”. O Estado-nação moderno era responsável por controlar as políticas culturais (BAUMAN, 2003, p. 89) e com a globalização, tanto a economia, quanto a política e a cultura desenvolveram-se desigualmente, sendo que a política e o poder separaram-se, por esse ser absorvido à “circulação mundial do capital e da informação”, deixando de ser territorial e se tornando “extraterritorial”,

9 Essa questão será desenvolvida no próximo capítulo ao abordar a *Desvenda* quando localizada na *Travessa dos Venezianos*, parte 2.1.2 do capítulo, em que foi realizado mapeamento da feira em Porto Alegre.

10 Segundo Rodrigo Lourenço, em entrevista a mim concedida, realizada no dia 27 de setembro de 2011.

permanecendo somente as políticas arraigadas ao território a que pertencem. Com isso, há o “enfraquecimento do Estado-nação”, por não terem recursos que arquem com as despesas de forma eficaz e não conseguem “uma política social independente”, tendo que aderir a “estratégias de desregulamentação”, deixando de controlar os “processos econômicos e culturais”, cedendo “às forças do mercado” (“às forças extraterritoriais”). Em relação ao funcionamento da administração da cultura nos Estados, de acordo com Zygmunt Bauman (2003, p. 90):

O Estado não mais preside os processos de integração social ou manejo sistêmico que faziam indispensáveis a regulamentação normativa, a administração da cultura e a mobilização patriótica, deixando tais tarefas (por ação ou omissão) para forças sobre as quais não tem jurisdição. O policiamento do território administrado é a única função deixada nas mãos dos governos dos Estados; outras funções ortodoxas foram abandonadas ou passaram a ser compartilhadas e assim são apenas em parte monitoradas pelo Estado e por seus órgãos, e não de maneira autônoma.
(BAUMAN, 2003, p.90)

De acordo com o autor Teixeira Coelho (1997, p. 301-305), cria paralelo entre Modernidade e Pós-Modernidade, apresentando as características de cada uma, com o objetivo de mostrar como funcionam as políticas culturais pós-modernas, que estão de acordo com Zygmunt Bauman, quando comenta sobre a administração da cultura nos Estados, no livro “*Comunidade*” (BAUMAN, 2003, p. 90). Para o autor, a principal característica da Pós-Modernidade é “o relativo abandono do futuro como polo orientador da vida individual e coletiva” (COELHO, 1997, p. 301).

Segundo Teixeira Coelho, na modernidade “a vida individual e coletiva” era voltada praticamente para o futuro, “a partir de um amanhã a ser construído” que, ao ser “alcançado, recompensaria esse indivíduo e esse coletivo pela postergação do prazer exigido por aquele objetivo” (COELHO, 1997, p. 301). Outra questão apontada pelo autor é a “homogeneidade” que tem como “propósito” “procurar a diversidade na unidade” (Idem, ibidem), devido a isso, criou-se o “Estado-nação” e “instituições sociais em geral” (1997, p. 301).

Na pós-modernidade, segundo Teixeira Coelho (1997, p. 301-305) há a busca de satisfação no momento presente, “à valorização da vida vivida como bem de primeira grandeza” (COELHO, 1997, p. 301). Diferente da modernidade, a pós-modernidade acredita na heterogeneidade, valorizando “a diferença”, o que resulta no “desbastamento da figura da instituição”, que antes era “estável” (“Estado”,

“família”, “escola” e “universidade”, “partido”), com isso, dissolveu-se “as noções de representação e delegação” (1997, p. 301-302). A instituição passou a ser percebida como algo necessário a qual não se pode esperar “a solução de todos os problemas” (1997, p. 302). O autor aponta como “consequência” da pós-modernidade para a “formulação e implementação das políticas culturais”:

uma política cultural dificilmente pode agora apresentar-se como instrumento para o desenvolvimento das simbólicas dos indivíduos ou comunidades. Como as ideias de futuro, projeto, progresso e evolução entram em desuso, a busca do desenvolvimento cultural – própria do dirigismo cultural em suas diferentes versões (políticas nacionalistas, de tradicionalismo patrimonialista, estatistas – populistas, etc.) - deixa de ser uma prioridade.

(COELHO, 1997, p. 302)

Além disso, houve a “descrença na potencialidade organizativa do Estado para a solução dos problemas humanos” e nas instituições, embora sejam necessárias, começou-se a buscar a máxima “redução” de “ação direta da burocracia” através do:

esfriamento ou rejeição pura e simples da representação e da delegação (o indivíduo não mais delega a um Estado, que não o representa, a função de atender a suas necessidades culturais: ele mesmo o faz), e ocupar diretamente os nichos organizacionais que se possa vislumbrar.

(COELHO, 1997, p. 302)

Diante de tantos problemas relacionados às políticas culturais e o modo como o Estado às administra, Rodrigo Lourenço sentiu a necessidade de seguir passos semelhantes aos descritos no livro *“Dicionário Crítico de Política Cultural”*, de Teixeira Coelho (1997, p. 302), criando formas menos burocráticas para programar seus projetos: a *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* e a *Semana Experimental Urbana (SEU)*. No caso da *Desvenda*, não precisa utilizar recursos financeiros públicos ou privados, visto que é baseado na economia solidária, de Paul Singer (2002). Quanto a *Semana Experimental Urbana* necessita de auxílio financeiro de editais para que o projeto se viabilize.

Paul Singer, em *Introdução à Economia Solidária* (2002) faz contraponto entre capitalismo e economia solidária, mostrando as partes econômicas que envolvem esses sistemas. Singer define capitalismo como:

um *modo de produção* [“forma como se organizam as atividades econômicas”] “cujos princípios são o direito de propriedade individual aplicado ao capital e o direito à liberdade individual”, [gerando a divisão da sociedade em] “duas classes: “proprietária ou possuidora do capital e a classe” [desprovida de capital que] “ganha a vida mediante a venda de sua força de trabalho à outra classe”. [Tendo como] “resultado natural”: “competição” e “desigualdade.

(SINGER, 2002, p. 10)

E define economia solidária como:

“A economia solidária é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual”, [gerando a união de todos os produtores em] “única classe de trabalhadores possuidores de mesmo capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica”. [Tendo como] “resultado natural”: “solidariedade”, “igualdade, cuja reprodução, no entanto, exige mecanismos estatais de redistribuição solidária de renda”.

(SINGER, 2002, p. 10)

Segundo o autor, o capitalismo gera competição de mercado, sendo bom em “dois pontos de vista”: 1º) favorece aos consumidores a escolha pelo menor preço. 2º) proporciona as empresas que a melhor obtenha lucros e cresça e que a menor venha a bancarota caso não obter mais clientes (SINGER, 2002, p.7). Por outro lado, o capitalismo não se preocupa com “os efeitos sociais”, por perceber somente os vencedores, “que acumulam vantagens”, enquanto que os perdedores “acumulam desvantagens” e ficam desacreditados no mercado, que exige que continuem a competir (2002, p.8). “Vantagens e desvantagens” passam de geração em geração (2002, p. 8). À luz disso, está a economia solidária que é capaz de tornar a sociedade mais igualitária (2002, p.9). “Isso significa que os participantes na atividade econômica deveriam cooperar entre si em vez de competir” (2002, p.9).

A solidariedade na economia só pode se realizar se ela for organizada *igualmente* pelos que se associam para produzir, comerciar ou poupar. A chave dessa proposta é a associação entre iguais em vez do contrato entre desiguais. Na cooperativa de produção, protótipo da empresa solidária, todos os sócios têm a parcela do capital e, por decorrência, o mesmo direito de voto em todas as decisões. Este é o seu princípio básico. Se a cooperativa precisa de diretores, estes são eleitos por todos os sócios e são responsáveis perante eles. *Ninguém manda em ninguém*. E não há competição entre os sócios: se a cooperativa progredir, acumular capital, todos ganham por igual. Se ela for mal, acumular dívidas, todos participam por igual nos prejuízos e nos esforços para saldar os débitos assumidos.

(SINGER, 2002, p. 9-10)

De acordo com Paul Singer (2002), o surgimento do primeiro projeto de cooperativa foi em 1817, sendo Robert Owen o mentor dessa ideia apresentada ao governo britânico como maneira de remanejar pessoas pobres que, até o momento eram sustentadas com fundos do governo. O objetivo era utilizar esses subsídios para a compra de terras, onde se construiriam “Aldeias Cooperativas”, assentando “cerca de 1.200 pessoas”, que trabalhariam “na terra e em indústrias produzindo sua própria subsistência” (SINGER, 2002, p. 25). O governo negou a Owen que realizasse a ideia de implementação de uma cooperativa, levando-o “a radicalizar sua proposta” que não pretendia somente “baratear o sustento dos pobres, mas uma mudança completa no sistema social e uma abolição da empresa lucrativa capitalista” (2002, p. 26). Segundo Paul Singer, Owen passou a ter admiradores que construíram a primeira cooperativa owenista em 1821 e 1822, com o lançamento do “primeiro jornal cooperativo” “*The Economist*”, por George “Mudie e seus companheiros”. Essa cooperativa reunindo “um grupo de jornalistas e gráficos em Londres” sob a proposta de formação de “uma comunidade para juntos viverem dos ganhos de suas atividades profissionais” (2002, p. 27).

Rodrigo Lourenço ao criar a *Feira de Arte Contemporânea Desvenda*, na *Travessa dos Venezianos*, acabou fazendo uma proposta de associação cooperativa entre iguais, pois todos estavam envolvidos com arte, sendo produtores de espaços artísticos culturais ou artistas. O objetivo inicial era dividir o espaço que utilizava para atelier promovendo a feira, onde eram vendidos os trabalhos de vários artistas, formando uma comunidade na *Travessa*, onde conviviam e obtinham “ganhos em suas atividades profissionais”, como a proposta de George Mudie, descrita por Paul Singer (2002, p. 27). Após, a *Desvenda* ganhar novos rumos, saindo do espaço da *Travessa dos Venezianos*, e adquirir sua forma itinerante, o produtor passou a utilizar a economia solidária para financiar as despesas de locomoção entre Porto Alegre e outros lugares do Brasil, onde a feira perpassou com obras de artistas.

Paul Singer define autogestão como: “empresa que se administra democraticamente”, sendo a forma de gestão das empresas solidárias, em que todos seus integrantes devem se preocupar com tarefas referentes a seu cargo e

“com os problemas gerais da empresa”, para tentar resolvê-los (2002, p.18-19). Para Singer, “o maior inimigo da autogestão é o desinteresse dos sócios, sua recusa ao esforço adicional que a prática democrática exige” (2002, p.19). Essa definição está de acordo com a Tese de Doutorado de Cláudia Paim (2009 PPG Artes Visuais IA – UFRGS), em que analisa os espaços autogestionados, definindo-os como “aqueles cuja idealização e gestão é realizada de maneira associativa por algum coletivo ou iniciativa coletiva” (2009 PPG Artes Visuais IA - UFRGS, p. 12).

Segundo Claudia Paim (2009 PPG Artes Visuais IA - UFRGS) sobre coletivos e agrupamentos artísticos:

Coletivos são os agrupamentos de artistas ou multidisciplinares que, sob um mesmo nome, atuam propositalmente de forma conjunta, criativa, autoconsciente e não hierárquica. O processo de criação pode ser inteira ou parcialmente compartilhado e buscam a realização e visibilidade de seus projetos e proposições.

(PAIM, 2009, p. 11)

Ainda de acordo com a Tese de Doutorado de Claudia Paim (2009 PPG Artes Visuais IA - UFRGS), a estrutura dos coletivos:

Os coletivos podem ser mais ou menos fechados. Alguns possuem uma formação fixa e determinada internamente, outros um núcleo central em torno do qual se agregam distintos parceiros de acordo com os projetos em execução. Já as iniciativas coletivas são abertas.

(PAIM PPG Artes Visuais IA - UFRGS, p. 11-12)

Em relação às iniciativas coletivas presentes nos estudos da Tese de Doutorado de Cláudia Paim (2009 PPG Artes Visuais IA – UFRGS) comenta que essas não têm propósito de ser um coletivo e nem de formá-lo:

“*Iniciativas coletivas* são projetos com autogestão de equipes de trabalho constituídas por artistas ou mistas, que se formam para um determinado fim e que não pretendem estabelecer vínculos como nos coletivos nem têm o propósito de formar um coletivo”.

(2009 PPG Artes Visuais IA - UFRGS, p.12)

A *Semana Experimental Urbana (SEU)* pode ser definida como uma iniciativa coletiva, porque foi formado por três artistas e produtores: Camila Mello, Manuela Eichner e Rodrigo Lourenço, sem ter o propósito de se tornar um coletivo. A definição de coletivo pode ser pensada quanto a existência de um núcleo central formado por seus produtores os quais selecionam artistas de acordo com as

propostas de projetos que interessem as ações da *SEU*. Esses projetos partem de ideias de diferentes artistas de vários lugares, mas são repensados coletivamente, para serem apresentados a um público diversificado de transeuntes da cidade de Porto Alegre, o que proporciona a visibilidade das proposições artísticas¹¹.

Domenico de Masi, no livro “*A Emoção e a Regra*” (2007), define as “habilidades intelectuais e preparação rigorosa dos indivíduos” (2007, p. 19-20), como:

exaltadas por um forte envolvimento emotivo e, quase sempre, por uma admirável correção profissional, além de um forte senso de união por pertencer ao mesmo grupo. Espírito de iniciativa, confiança recíproca, vontade firme, dedicação total, flexibilidade, precedência ligada à expressividade do trabalho mais do que a instrumentalidade, orientação para o trabalho criativo (...) segurança das próprias ideias e capacidade organizativa(...) culto pela estética, pelos valores, pela dignidade e pela supremacia da arte e da ciência acima de qualquer outra expressão da atividade humana.

(DE MASI, 2007, p. 19-20)

Dentre as características dos grupos criativos De Masi (2007) destaca:

a procura obstinada de um ambiente físico acolhedor, bonito, digno, funcional; a flexibilidade dos horários, mas também a capacidade de sincronismo e de pontualidade; a interdisciplinaridade e a forte complementaridade e afinidade cultural de todos os membros; a habilidade de concentração de energias de cada um no objetivo comum; a capacidade de captar tempestivamente as ocasiões, de calibrar a dimensão do grupo em relação à tarefa, de encontrar os recursos de contemporizar a natureza afetiva com o profissionalismo de moda a facilitar o intercâmbio entre desempenhos e funções.

(DE MASI, 2007, p. 20)

Segundo o autor, o que melhor “se destaca é a proeminência do líder-fundador” (DE MASI, 2007, p. 20):

capaz de uma dedicação quase heroica para com o objetivo; excepcionalmente eficaz na criação de um *set* psicossocial, um clima, um fervor fora do comum; fortemente orientado, com tensões equivalentes, seja para com a tarefa, seja para com o grupo, seja para consigo próprio; carismático e competente (...) atento em alimentar a história do grupo com (...) documentação meticulosa; capaz de transformar os conflitos em estímulos para a idealização e a solidariedade.

(DE MASI, 2007, p. 20)

Por fim, o autor revela que integrantes do grupo praticamente sempre aceitam a “liderança” como modo de respeito e “veneração”, “honrando”:

11 Essa informação foi obtida em entrevista a mim concedida por Rodrigo Lourenço, em 27 de setembro de 2011.

os imperativos éticos do universalismo, do interclassismo, do antiburocratismo, do antiacademismo, do internacionalismo e os imperativos práticos da parcimônia, do amor pelo belo e pela modernidade tecnológica.

(DE MASI, 2007, p. 20)

As características de grupos criativos são encontradas tanto na *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* quanto na *Semana Experimental Urbana (SEU)*. Ambos os projetos são marcados por produtores carismáticos, competentes e dedicados, que registram as ações referentes a essas duas propostas. O ambiente físico e acolhedor onde se concentravam para organizarem os eventos era no QG da *Travessa dos Venezianos*, nº. 30. Participantes dessas duas propostas admiram os produtores pela competência profissional que eles têm, além de serem antiburocráticos, éticos e terem parcimônia e amor pelo belo e pela modernidade tecnológica, visto que procuram meios de desburocratizar seus projetos, são produtores de arte e são a favor da utilização de recursos tecnológicos para apresentação, confecção, divulgação e venda de arte¹².

1.2 ALGUMAS INICIATIVAS RECENTES VINCULADAS À ESTÉTICA RELACIONAL EM PORTO ALEGRE E EM OUTROS CENTROS BRASILEIROS (2002-2009)

Apresentaremos algumas iniciativas recentes, promovidas por artistas e instituições, vinculadas à estética relacional, de Nicolas Bourriaud (2009), em Porto Alegre e em outras cidades brasileiras, no período entre 2002 a 2009. A principal fonte de pesquisa foi em “sites” e “blogs” da “Internet”, além de parte de uma entrevista que foi realizada com Gaby Benedyct, em 1 de setembro de 2011, sobre a *Azul Galeria Produtora* e de estudo da Dissertação de Mestrado “*27ª Bienal de São Paulo: É possível viver junto?*” de Gilberto Garcia da Costa Júnior (2008), que traz dados referentes a *27ª Bienal de São Paulo*, ocorrida em 2006. O objetivo é mostrar que não só a *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* e a *Semana Experimental Urbana (SEU)* têm ligações com a “*Estética Relacional*”, de Nicolas Bourriaud (2009).

¹² As informações foram obtidas em entrevista a mim concedida por artistas (Camila Mello, Fernanda Manéa, Gaby Benedyct e Lílian Santos Gomes) e produtores da *Desvenda* (Rodrigo Lourenço) e da *SEU* (Camila Mello, Manuela Eichner e Rodrigo Lourenço), de 2010 a 2011. As datas das entrevistas estão melhor especificadas ao longo deste trabalho acadêmico.

➤ O SPA das Artes: iniciou em 2002, com nome de *Semana de Artes Visuais de Recife*, surgindo a partir da ideia de três artistas: Rinaldo Silva, José Paulo e Maurício Castro, da geração de 1980, que tinham sentimento de afeto e vontade de promover encontro que unisse artistas, público, críticos e curadores, assim contribuindo com a instauração de um novo circuito de arte na cidade de Recife. Com o intuito de terem suas ideias viabilizadas, os três artistas a vincularam a instituição: a Prefeitura de Recife, que recebe apoio da Secretaria de Cultura e da Fundação de Cultura Cidade do Recife. Os encontros são realizados anualmente, com avaliações sobre o evento no final de cada edição, realizadas de forma aberta e colaborativa entre participantes e a Prefeitura de Recife, procurando atender as suas necessidades. Há a seleção de artistas participantes que recebem prêmio por seus trabalhos, como ocorre quando artistas passam por processo seletivo de editais¹³.

Em 2003, virou um evento de médio porte da Prefeitura de Recife, sendo incorporada como política cultural do governo, adotando a característica de intervir na rotina da cidade. Abriu espaço para artistas de vários lugares do Brasil participarem com trabalhos de intervenção urbana e performances nas ruas. É um lugar de formação de novos artistas, do olhar do público e das relações com a cidade em esferas públicas e privadas. Em 2004 e 2005, já tinha característica de evento consolidado no circuito das artes visuais do Brasil, conhecido por sua abrangência em reunir artistas de várias localidades do país, para uma semana realizarem suas ações e experiências, finalizando com reflexão e produção. Atualmente, sua configuração inicial está sofrendo descaracterização, por se aproximar das instituições artísticas locais, o que gera o afastamento do público¹⁴.

Segundo Rodrigo Lourenço, ideia de promover evento com vários artistas de diferentes lugares do Brasil, durante uma semana de ações nas ruas da cidade, serviu como base para a proposta da *Semana Experimental Urbana (SEU)*. As questões de estética relacional estão vinculadas ao convívio e interação entre artistas e público, ao apresentarem trabalhos de intervenção urbana e performances

13 As informações sobre o SPA das Artes foram adquiridas em documento eletrônico: *ReviSPA 2011*, p. 11, disponível no site: <www.issuu.com/zoludesign/docs/revispa_2011> Acesso em: 26 out. 2011. A apresentação foi desenvolvida por Beth da Matta (artista visual) que é coordenadora do SPA das Artes em Recife.

14 Informações de Gilberto Vieira baseadas no site: <<http://www.canalcontemporaneo.art.br/arteemcirculacao/archives/004363.htm>> Acesso em: 26 out. 2011.

nas ruas de Recife¹⁵.

O *SPA das Artes* se diferencia da *Semana Experimental Urbana (SEU)*, no momento em que foi incorporado como política cultural do governo, institucionalizando-se desde sua origem. A *SEU* é um projeto independente do governo enquanto proposta, mas depende de editais para viabilizá-la por questões de subsídios financeiros.

Quanto a *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* não apresenta grandes relações com o *SPA das Artes*, a não ser por ter propostas de estética relacional quando era localizada na *Travessa dos Venezianos*, nº. 30, até metade de 2010. A feira não tinha vínculos institucionais para ser viabilizada quando estava na *Travessa*, atualmente, necessita expor em espaços institucionalizados como galerias de arte de vários lugares do Brasil para que aconteça enquanto evento. Porém, diferentemente da *SEU* não precisa de auxílio financeiro de editais, por ser autossustentável.

➤ *A Experiência Imersiva Ambiental (EIA)*: teve sua primeira edição em novembro de 2004, em São Paulo/ SP, sendo que os artistas que integram o núcleo do coletivo aberto são: Caio Franzolin, Felipe Brait, Florian Breyer, Gisella Hiche, Marcos Martins, Marina Ronco, Milena Durante e Rodrigo Vitullo¹⁶. Propuseram-se a mapear, reunir, promover, viabilizar e sugerir ações voltadas para o espaço de rua. Realiza anualmente um encontro nacional, com duração de aproximadamente dez dias, de propostas de arte pública enviadas por artistas de vários lugares do Brasil, reunindo-os em intenso intercâmbio cultural, tendo na prática a fonte de pesquisa e no espaço público o foco de atuação, com o objetivo de torná-lo um espaço de convívio ativo e questionador¹⁷.

Assim como o *SPA das Artes* a *Experiência Imersiva Ambiental (EIA)* se propõe a convidar artistas de outros lugares do Brasil para integrarem seus eventos anuais. As características de estética relacional estão em propiciar um espaço de convívio ativo e questionador, que, por sua vez, também sai de “espaços convencionais” como museus e galerias para interagir com o espaço urbano. Como

15 Dados obtidos em entrevista a mim concedida por Rodrigo Lourenço, em 27 de setembro de 2011.

16 Informação obtida no “site”: <www.corocoletivo.org/reverberacoes/percurso.htm> Acesso em: 04 dez. 2011.

17 Informações baseadas nos sites: <http://eia05.zip.net/arch2005-08-01_2005-08-31.html>; <<http://www.corocoletivo.org/experienciaimersivaambiental/index.htm>> Acessos em: 26 out. 2011.

são eventos em que o produtor da *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* e da *Semana Experimental Urbana (SEU)*, Rodrigo Lourenço, participou junto a Camila Mello e Manuela Eichner, acabaram servindo de embasamento teórico e experiência para a criação e viabilização destas duas propostas artísticas.

➤ No âmbito institucional, a 27ª Bienal de São Paulo: ocorreu de 07 de outubro a dezembro de 2006, sob a curadoria de Lisette Lagnado, tendo como tema central: “Como Viver Junto”, baseado no título de um curso ministrado no *Collège de France* em 1976 a 1977, por Roland Barthes (1915-1980). O tema tem referência em um dos escritos conceituais das propostas artísticas realizadas pelo artista brasileiro Hélio Oiticica (1939-1980): *Programa Ambiental*, que traz a reflexão do instante em que a obra está no mundo, sendo o espectador um participante da experiência artística. E referência na crítica às instituições museológicas e a utilização da arte como modo de ação e crítica sociais e políticas, presentes no pensamento do artista Marcel Broodthaers (1924-1976)¹⁸.

O tema da 27ª Bienal de São Paulo foi polêmico e gerou duas vertentes: uma negativa em que afirmava que a ética se sobrepôs à estética e que havia um elevado papel social que desmoralizaria a arte, sendo uma mostra com trabalhos monótonos que cumprem com seu papel social por estarem relacionados à Organizações Não-Governamentais, chegando a ser caracterizada como uma Bienal de ativismo social. Por outro lado, há os que a viram positivamente e que a perceberam com micropolíticas de resistência ou de acordo com a atual produção internacional¹⁹.

A Arte é um fenômeno social e cultural, que entre seus inúmeros conceitos, há os que embasam o tema gerador da 27ª Bienal de São Paulo. Provavelmente, o que mais incomoda em uma proposição como dessa bienal é a percepção de que artistas podem fazer arte junto com pessoas fora desse campo de conhecimento, ajudando-as socialmente e, principalmente, rompendo com barreiras entre artista, público e obra.

Segundo o “*site*” da 27ª Bienal de São Paulo, a “estética relacional, teoria

18 Informações baseadas no site: <<http://devanearte.spawdin.net/bienal.html>> Acesso em 08 ago. 2011 e na Dissertação de Mestrado *27ª Bienal de São Paulo: É possível viver junto? Os profissionais de bastidores e a arte contemporânea*, de Gilberto Garcia da Costa Junior, São Paulo: 2008.

19 Informações baseadas na Dissertação de Mestrado de Gilberto Garcia da Costa Junior citada na nota 14.

estética elaborada por Bourriaud, permite superar a divisão tradicional entre artista-produtor e público-espectador, possibilitando uma “arena de trocas”²⁰. Tem como questão principal o tema ‘viver juntos’ com foco na estética relacional. Como prova desse enfoque dado a esta edição da Bienal, convidaram Nicolas Bourriaud para vir palestrar em São Paulo, durante o Seminário ‘Trocas’ promovido no evento, organizado pela co curadora Rosa Martínez, entre os dias 9 e 10 de outubro de 2006²¹. De acordo com o “*site*” da *27ª Bienal de São Paulo*, o termo “troca” significa:

‘Trocas’ enfoca a ideia de transferência e intercâmbio como um modo mais otimista de organização entre as pessoas. Desde comunicação e amor até religião e trabalho, todos os aspectos de nossa vida podem ser vistos como integrantes de uma economia de dar e receber, a despeito da equação normalmente desequilibrada entre esses dois polos seja na esfera política, artística, social ou emocional. (“*Site*” da *27ª Bienal de São Paulo*)²²

A Azul Galeria Produtora: foi criada em 1º de maio de 2008, pela artista e agente cultural Gaby Benedyct, que utilizou o espaço de sua própria residência para criar atelier e local de exposição, promovendo várias manifestações artísticas contemporâneas e fomentando economicamente a arte. A ideia principal de Gaby Benedyct era possibilitar oportunidade para artistas em início de carreira. Segundo a artista e agente cultural, a galeria surgiu em caráter de laboratório experimental, procurando perceber se teria “visibilidade” e “afinidade com os processos artísticos”²³ contemporâneos”, enquanto “*galeria produtora*” (BENEDYCT, “*site*” da *Azul Galeria Produtora*). O projeto ganhou força e deixou de ser experimental, profissionalizando-se²⁴.

Durante dois anos, promoveu-se exposições com sistema idêntico ao de galerias convencionais, em que os artistas eram convidados ou se apresentavam com interesse em participá-las. Nesse momento, observou-se o público frequentador do local buscando melhor atendê-lo, ao proporcionar ambiente “afetivo e personalizado”, em que era atendido um visitante por vez, no espaço interno da galeria, para melhor apreciação dos trabalhos artísticos, enquanto que a parte

20 Informação disponível no “*site*” da *27ª Bienal de São Paulo*:

<<http://www.artbr.com.br/bienalinternacionaldesaopaulo/index.htm>> Acesso em: 05 dez. 2011.

21 Ver nota 20

22 Ver nota 20.

23 Informações disponíveis no “*site*” da *Azul Galeria Produtora*: <www.azulgaleria.com.br> Acesso em: 29 set. 2011.

24 Ver nota 23.

externa era onde todos se encontravam para confraternizar. Inicialmente o que chamava mais a atenção do público eram obras, do acervo de Gaby Benedyct, do que as exposições em cartaz²⁵.

Em 2009 a artista começa a promover ações de mídia para divulgar os eventos da *Azul Galeria Produtora*, o que ajudou a aguçar a curiosidade do público. Gaby Benedyct além de ser dona da residência onde ocorriam os eventos da *Azul Galeria Produtora*, também era a mantenedora do projeto financeiramente, tendo emprego fora desse espaço, o que gerava dificuldades de encontro com os artistas participantes de exposições na galeria.

Atualmente, a artista teve que desistir da ideia de manter a galeria no formato anterior, devido a não ter tempo para auxiliar os artistas na montagem das exposições e, como funcionava em sua residência, isso acabava dependendo dos momentos em que a agente cultural se encontrava em casa. Assim, o local ficou sendo melhor utilizado como um tipo de “secretaria, QG, ou escritório”, para melhor atender as necessidades da produtora, auxiliando em aspectos de logística relacionados à montagem de exposições no próprio local, quando há falta de espaço para apresentação de projeto, ou em outros lugares, o que é mais recorrente²⁶.

De acordo com Gaby Benedyct, logo no início da *Azul Galeria Produtora*, houve um evento denominado “Escambo”, em que artistas trocavam trabalhos artísticos²⁷. Após o surgimento da *Feira de Arte Contemporânea Desvenda*, no final de 2008, iniciou-se também esse tipo de prática, que é denominada como “*interstício social*”, por Nicolas Bourriaud (2009, p. 22-23). Segundo Bourriaud, “o termo *interstício* foi usado por Karl Marx para designar comunidades de troca que escapavam ao quadro da economia capitalista, pois não obedeciam à lei do lucro” (2009, p. 22), sendo o “escambo” citado como exemplo.

- No Santander Cultural a exposição TRANSFER cultura urbana. arte contemporânea. transferências. Transformações.: ocorreu de 24 de junho a 28 de setembro de 2008, com curadoria de Lucas V. F. Ribeiro 'Pexão' (1978), Fabio Zimbres, Alexandre Cruz e Christian Strike, no espaço do Santander Cultural, em Porto Alegre, RS, reunindo aproximadamente 300 obras e materiais, como vídeo e fotografias, de acervos privados nacionais e do exterior, tendo “mais de 100 artistas” participantes. O objetivo era propor “reflexão sobre a cultura produzida nas ruas das cidades” de vários lugares

²⁵ Informações obtidas no “site” da *Azul Galeria Produtora* e em entrevista a mim concedida por Gaby Benedyct, em 1 de setembro de 2011.

²⁶ Dados referentes à entrevista a mim concedida por Gaby Benedyct, em 1 de setembro de 2011.

do mundo, incluindo o Brasil, reunindo os mais importantes artistas urbanos em “grande mostra brasileira”. O projeto foi “ponto de partida para um laboratório de experiências e convivência”²⁷.

A exposição *Transfer* subverteu a ordem ao levar arte produzida em ambientes urbanos de âmbito mundial para um lugar fechado e institucionalizado como o *Santander Cultural*, em Porto Alegre, RS. Esse ponto é extremamente divergente em relação a *Semana Experimental Urbana (SEU)*, de 2010, e da *Feira de Arte Contemporânea Desvenda*, quando até metade de 2010 estava localizada na *Travessa dos Venezianos*, nº 30, em que a arte é levada para a rua não sendo institucionalizada. A *Transfer* apresenta caráter relacional pelos mesmos motivos apresentados no *SPA das Artes* de Recife, na *Experiência Imersiva Ambiental (EIA)* de São Paulo e na *27ª Bienal de São Paulo*, todas sendo conviviais e experimentais.

➤ *A Galeria Fita Tape*: foi criada em 20 de agosto de 2009, para exposições de Arte Contemporânea, com curadoria de Lucas V. F. Ribeiro 'Pexão' (1978), localiza-se na Avenida José Bonifácio, nº 485, em Porto Alegre, funcionando de terça a domingo das 14h às 19h. Lucas Ribeiro, mais conhecido por 'Pexão' nasceu em Porto Alegre, em 1978, mora em São Paulo/ SP, estudou Jornalismo na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo/ RS, organizou a maior exposição de arte urbana brasileira: a *Transfer*, no *Santander Cultural*, em Porto Alegre. O enfoque do espaço está na relação com a arte e cultura urbana, principalmente em linguagens como a arte de rua (*street art*), *skate* e produção independente, privilegiando o desenho e a pintura, além de fotografia, escultura e performance do *skate* e da música²⁸.

O espaço da *Galeria Fita Tape* tem grande relação com a exposição *Transfer*, ocorrida no *Santander Cultural*, em Porto Alegre, pelo foco da arte de rua e cultura urbana, que são característica dessas duas ações artísticas. Ambas se diferenciam da *SEU*, por levarem a arte que é produzida nas ruas para locais fechados e institucionalizados de museus e galerias, enquanto que a *SEU* pretende promover

²⁷ Parte das informações estão disponíveis em documento eletrônico denominado *Nota de Imprensa*, emitido por *Santander Cultural*: <<http://www.santandercultural.com.br/imprensa/download/ProssegueTRANSFERsetembro.pdf>> e no “site” do *Flickr*: <<http://www.flickr.com/photos/oniolands/2695013184/>> Ambos acessados em: 08 ago. 2011.

²⁸ Informações baseadas nos sites: <<http://guiadecidades.terra.com.br/pl/lazer-cultura-galeria-galeria-fita-tape-en-porto-alegre>>; <<http://www.o cafe.com.br/2011/04/07/fita-tape-a-galeria-de-arte-da-rua>> Acesso em 08 ago. 2011; <[pt-br.facebook.com/people/Lucas-Ribeiro/100000927589937](https://www.facebook.com/people/Lucas-Ribeiro/100000927589937)> Acesso em: 11 nov. 2011.

arte na rua, interagindo com o espaço urbano e com seus transeuntes.

2 DUAS “PROPOSTAS RELACIONAIS” EM PORTO ALEGRE

Quando se pensa em Artes Visuais e exposições de arte, imagina-se um público elitizado que visita galerias, museus e demais instituições museológicas formais, onde não se pode chegar perto, nem sequer tocar nas obras, como: escultura, pintura, gravura, exceto se forem obras interativas ou instalações. Esses “espaços convencionais” são lugares em que artistas iniciantes não têm acesso fácil para exporem seus trabalhos.

Nos anos de 2009 e 2010, ocorreram mostras artísticas em Porto Alegre em que público, obra e artistas de diversas linguagens (Artes Visuais, Teatro e Dança), alguns iniciantes e outros experientes em suas carreiras, podiam estar em contato, relacionando-se na forma mais ampla desse conceito de relação onde permitia-se que as pessoas tocassem nos trabalhos com a finalidade de aquisição, no caso da *Feira de Arte Contemporânea Desvenda*, possibilitava-se integrá-los como participantes, coautores, como no caso da *Semana Experimental Urbana (SEU)*. Conviviam com artistas, criando outros vínculos que vão para o âmbito das relações humanas, envolvendo, além de comunicação: sentimentos, trocas de informações, experimentações e aprendizado de uma nova forma de olhar para o mundo, algo que é possibilitado em encontros com pessoas de ideias diferentes.

A *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* e a *Semana Experimental Urbana (SEU)* são duas propostas artísticas que possuem características próprias em suas origens e funcionamentos. As informações sobre esses projetos foram obtidas através de entrevistas, *sites*, *blogs*, páginas da web, ferramentas de comunicação na *Internet*, como: “*Gtalk*” e “*e-mail*”, utilização de “*sites*” de relacionamento como: o “*Facebook*” para descobrir dados pessoais de artistas (data e local de nascimento, local de formação, onde moram e trabalham) e realização de perguntas para alguns coletivos. Procurou-se fotos dos locais na *Internet*, além de tirar outras, obtendo informações, dados e registros seja por imagens ou entrevistas, para mapear essas propostas. Buscou-se bibliografia sobre conceitos que servem como base comparativa de seus modos de funcionamento e estrutura, como: “*Comunidade*”, de Zygmunt Bauman (BAUMAN, 2003), “*Introdução à Economia Solidária*”, de Paul Singer (SINGER, 2002), “*A emoção e a regra*”, de Domenico De Masi (DE MASI,

2007), “*Estética Relacional*”, de Nicolas Bourriaud (BOURRIAUD, 2009), “*A partilha do sensível*”, de Jacques Rancière (RANCIÈRE, 2009) e “*Participação*”, de Claire Bishop (BISHOP, 2006).

2.1 FEIRA DE ARTE CONTEMPORÂNEA DESVENDA

“*Quem não gostaria de viver entre pessoas amigáveis e bem intencionadas nas quais pudesse confiar e de cujas palavras pudesse se apoiar?*”
(BAUMAN, 2003, p.8)

Os artistas emergentes não estão acostumados a ter apoio para mostrar ou vender suas produções. Por essa falta de incentivo seus trabalhos acabam ficando guardados em suas casas ou atelieres, sem serem vistos e, em consequência, reconhecidos por público mais amplo.

O projeto da *Feira de Arte Contemporânea Desvenda*, está servindo como forma de apresentação de suas produções para pessoas que gostam de arte, seja para ver ou comprar. No final de 2008 a metade de 2010, quando situado na *Travessa dos Venezianos*, nº. 30, foi um lugar de “troca”, em que artistas iniciantes aprendiam com outros experientes na área, a emoldurar, embalar e valorar seus trabalhos, além de estabelecer vínculos de amizade e confiança.

Neste texto daremos maior enfoque para a *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* quando localizada na *Travessa dos Venezianos*, momento em que o público podia se aproximar informalmente das produções artísticas, por poder tocá-las ou sair com as aquisições obtidas na compra ou troca de trabalhos artísticos. Após, será abordada sua descaracterização de feira, mostrando-se mais como uma exposição artística realizada em galerias, onde também há venda de obras de arte. E, por fim, como ela é vista e pensada por alguns artistas participantes entre 2008 a 2011, como: Camila Mello, Fernanda Manéa, Gaby Benedyct e Lílian Santos Gomes. Muitas das informações foram obtidas, principalmente em entrevistas às artistas e ao artista e produtor Rodrigo Lourenço (Porto Alegre/ 1975), além de pesquisa na *Internet*.

2.1.1 A feira da *Travessa dos Venezianos*

Segundo o artista e produtor Rodrigo Lourenço, idealizador e criador da *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* junto a Lia Braga, esta parecia uma ideia que não seria posta em prática, mas todos se uniram e a tornaram possível. Surgiu para que ele e outros artistas pudessem mostrar seus trabalhos a baixo custo em espaço desburocratizado e de fácil acesso (em seu atelier de gravura, na *Travessa dos Venezianos*, nº. 30), além de local de encontro para pensar arte fora do meio acadêmico. Estruturou-se como feira para que artistas tivessem melhor possibilidade de aproximação sem haver dificuldades encontradas nas exposições de arte em “espaços convencionais” (museus e galerias)²⁹.

Segundo a monografia *Sobre o lugar expositivo: um olhar crítico sobre os espaços de exposição de arte contemporânea em Porto Alegre*, de Dânia Moreira (2010), “a primeira Desvenda aconteceu no dia 7 de dezembro de 2008, no espaço da *Travessa dos Venezianos*, contando com cerca de 40 artistas e 100 obras à venda”. De acordo com Rodrigo Lourenço, alugou, na metade de 2008, junto com a artista Lia Braga, uma casa na *Travessa dos Venezianos*, onde reformaram para funcionar como atelier de gravura e cerâmica. Logo surgiram ideias de como aproveitar aquele espaço, “para atender alguma necessidade”, mas não sabiam como.

Em outubro de 2008 (dois meses antes de acontecer a primeira *Desvenda*), iniciou-se a produção voltada para o evento em dezembro. Percebendo que Porto Alegre não carecia de espaços expositivos, mas de espaços expositivos desburocratizados, gerenciados e políticas de fomento a cultura com maior enfoque em trabalhos experimentais de jovens artistas, realizaram a *Feira de Arte Contemporânea Desvenda*³⁰.

No *site*, constam as ideias iniciais e o rumo que a *Desvenda* estava tomando, até aquele momento (2009, ano em que as informações foram postadas por Rodrigo Lourenço):

²⁹ Em entrevista a mim concedida, em 13 de novembro de 2010, no Centro Cultural CEEE, procurando reproduzir mais fielmente possível o que disse.

³⁰ Declaração de Rodrigo Lourenço em entrevista a mim concedida, em 27 de setembro de 2011, procurando reproduzir fielmente o que disse.

Como acreditamos que arte se faz melhor junto, desde o início deste projeto tivemos em mente a ideia de promover algum tipo de atividade de integração, de troca e de construção coletiva. Primeiramente, pensamos na possibilidade de abarcar algumas exposições, coletivas ou não. No andar da carruagem, porém, concluímos que Porto Alegre não carece de bons espaços expositivos; mas de investimento público para que os artistas possam ocupar dignamente esses lugares. Mas essa é outra história.

Em nossa concepção, seria mais relevante para o estímulo à produção independente a criação de um espaço onde o artista pudesse, de forma desburocratizada, comercializar o resultado de suas pesquisas.

(LOURENÇO, 2009, informações do “site” da *Desvenda*³¹)

O objetivo da *Desvenda*, segundo o que Rodrigo Lourenço postou no “site”, em 2009, é:

A intenção da *DESVENDA* é oferecer ao público obras de arte com preços acessíveis. Entendemos que, ao estimular a aquisição de objetos desvinculados de modismo e tendência de decoração, estaremos colaborando com a formação de novas coleções particulares e conseqüentemente lançando a possibilidade de criação de um mercado específico.

(LOURENÇO, 2009, informações do “site” da *Desvenda*)

A *Desvenda* ocorre, regularmente, no primeiro domingo de cada mês, sendo que em 2010, não foi realizada por dois meses e quando reativou voltou com a agenda cheia de eventos, na *Travessa dos Venezianos*, lugar onde sempre ocorria a feira e outros eventos paralelos a ela³². A proposta dessa feira é que as pessoas se encontrem para trocar, vender e falar de arte fora de instituições artísticas formais e, nesse encontro, percebe-se a noção de coletivo de Liliana da Escóssia e de Virgínia Kastrup na ideia de agenciamento e da criação de “algo que não está nem em você nem no outro, mas entre os dois, neste espaço-tempo comum” (ESCÓSSIA; KASTRUP, 2005, p. 303).

O formato de feira é devido ao modo de apresentação dos trabalhos, sem grandes preocupações com questões museográficas de distanciamento correto entre as obras e de como funcionam visualmente ao lado umas das outras, tendo a preocupação de conseguir expor todos os trabalhos enviados para a *Desvenda* no espaço de exposição disponível, destacando os pequenos mais abaixo e os maiores mais acima, para melhor visualização dos observadores. Quanto a seus critérios,

31 Disponível em: <www.desvenda.wordpress.com> Acesso em: 13 nov. 2011.

32 Informações disponíveis no site da *Desvenda*, ver nota 31.

não há diferenciação dos trabalhos a serem expostos, como gravura, cerâmica, escultura, pintura, todos dividem o mesmo espaço expositivo. O que se espera é o comprometimento das várias gerações de artistas (a maioria em início de carreira), com suas produções, para que se possa cobrar valor justo por seus trabalhos. E, por esse mesmo motivo, facilita-se a compra dos trabalhos artísticos ao parcelar e aceitar cheques como formas de pagamento³³.

De acordo com o produtor Rodrigo Lourenço, a *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* participou de poucos editais até o momento, porque cada exposição é financiada pelos próprios artistas. O único custo que eles têm é referente ao envio de seus trabalhos para o local da exposição. Para o produtor, isso a torna independente e alternativa em relação ao sistema de arte de museus e galerias, em que o artista precisa arcar com custos referentes a vernissage, como: coquetel, convites de exposição, e, por vezes, ao passar em editais, tem que doar algum trabalho para o acervo da instituição. Concluiu que o artista praticamente paga para mostrar seus trabalhos, apresentando-os mais para familiares e amigos, quando se trata de artista emergente³⁴.

Em questões práticas referentes a editais, sabe-se que os artistas precisam passar por processo seletivo em que, muitas vezes, é necessário deixar alguma obra para o acervo do local expositivo, o que é o ponto negativo em relação a essa forma de oportunidade apresentada aos artistas. Porém, os editais não seriam tão procurados se dependessem só dessas questões referentes a dificuldades encontradas pelos artistas, principalmente, os em início de carreira. Quando se participa de um processo seletivo como em edital, busca-se visibilidade, possibilitada no ganho da concorrência com outros artistas, gerando enriquecimento curricular ao se ter trabalho de arte aprovado.

A *Desvenda* se estrutura no apoio entre artistas, isso é o que a faz continuar existindo. Formou-se um grupo de 128 artistas que colaboram entre si para mantê-la no formato de feira, como forma de mostrarem suas produções artísticas³⁵. São aceitos outros artistas desde que mostrem seus trabalhos e os mantenham dentro de certo padrão de qualidade, em termos de acabamento, como: emolduração (no

33 Informações disponíveis no site da *Desvenda*, ver nota 31.

34 Ver nota 30.

35 Informação obtida a partir de listagem dos artistas participantes que consta no site da “Desvenda”, ver nota 31.

caso de ser pintura, fotografia, desenho, serigrafia) e empacotamento para transporte³⁶.

2.1.2 Mapeamento da Desvenda em Porto Alegre

A sede da *Desvenda* se localizava na *Travessa dos Venezianos*, nº. 30, em Porto Alegre, desde seu surgimento, no final de 2008, até o primeiro semestre de 2010³⁷. Segundo Rodrigo Lourenço, o local era alugado e passou por reformas, valorizando-o e encarecendo o aluguel, tornando-se inviável mantê-lo³⁸.

A *Travessa dos Venezianos* se localiza no *Bairro Cidade Baixa* entre as ruas *Lopo Gonçalves* e *Joaquim Nabuco*. É uma rua estreita com calçamento de pedras irregulares, que estão ali desde sua origem. Têm dezessete casas geminadas e enfileiradas, que foram tombadas como patrimônio pelo município. Todas as fachadas são pintadas em cores fortes, chamando a atenção de quem por ali passa. Não têm muitos recortes arquitetônicos, são retas e as cores diferenciadas ajudam saber onde cada uma começa ou termina, caso contrário, não se poderia distingui-las corretamente. Possuem uma porta e uma ou duas janelas e eram casas alugadas por pessoas de baixa renda no início do século XX. A calçada, assim como a rua, é estreita, o lugar é antigo, típico da arquitetura de urbanismo português, sendo um dos poucos lugares que restam em Porto Alegre, por isso, a preservação por patrimônio³⁹. [Fig.1]

Na mesma travessa fica a atual sede da *Associação Riograndense de Artistas Plásticos Francisco Lisboa* (“*Associação Chico Lisboa*”, como é conhecida) foi fundada em 1938, sendo uma das mais antigas entidades culturais em

36 Em relação ao padrão de qualidade de trabalhos artísticos selecionados a participarem da *Desvenda*, os dados foram a mim concedidos em entrevista com Gaby Benedyct, em 01 de setembro de 2011, procurando reproduzir fielmente as informações obtidas. E em entrevista com Rodrigo Lourenço, em 27 de setembro de 2011, também procurando reproduzir fielmente o que disse.

37 Segundo Dânia Moreira (2010) em sua monografia *Sobre o lugar expositivo: um olhar crítico sobre os espaços de exposição de arte contemporânea em Porto Alegre*: “a primeira *Desvenda* aconteceu no dia 7 de dezembro de 2008, no espaço da *Travessa dos Venezianos*”, dado confirmado em entrevista mim concedida, em 27 de setembro de 2011, com o produtor Rodrigo Lourenço.

38 Em encontro com Rodrigo Lourenço, em Abril de 2011, durante a exposição da *Desvenda* na Casa de Cultura Mário Quintana, ele disse que o lugar estava desativado. E isso era devido ao fato de que o custo para manter o espaço estava difícil.

39 Informações disponíveis no site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Travessa_dos_Venezianos> Acesso em: 13 out. 2011.

funcionamento no Estado e, desde 2004, localiza-se na *Travessa dos Venezianos*, nº. 19. Tem por objetivo promover artes visuais, representar a classe artística, defender os interesses dos seus associados perante a sociedade e garantir o direito à expressão artística, tendo como atual Presidente de Diretoria Vera Pellin e Vice-Presidente Kátia Costa⁴⁰. Em 2008, ganhou o “II Prêmio Açorianos de Artes Plásticas”, na categoria de: “Destaque Espaço Institucional”, quando completou 70 anos⁴¹.

40 Vera Pellin nasceu em Porto Alegre e, em 1973, formou-se no *Instituto de Artes da UFRGS*, com ênfase em Gravura; Em 1982, concluiu o Curso de “*Pós-Graduação e Especialização em Artes Plásticas, Suportes Científicos e Práxis*” pela *PUCRS*. De 1976 a 1990, foi professora no Colégio Israelita e, de 1985 a 2002, no “*Atelier Livre*” da Prefeitura de Porto Alegre. É Produtora Cultural desde 1986 e também é Presidente de Diretoria do “*Instituto Estadual de Artes Visuais*” (*IEAVi*), que foi criado em 20 de julho de 1990. (informações do “*blog*”: <fundamentosdaarte-iaufrgs.blogspot.com/2008/07/entrevista-5-vera-regina-pellin.html> e do site de relacionamento LinkedIn: <www.linkedin.com/> Acesso em: 14 nov. 2011). Kátia Costa nasceu em Porto Alegre, em 1969, é fotógrafa profissional e artista plástica, bacharel em fotografia pelo *Instituto de Artes da UFRGS*. Artista integrante da *Desvenda*, trabalha no atelier de arte *Plano B*, desenvolvendo projetos, ministrando cursos e mantendo estúdio de produção fotográfica, além de assessorar artistas e outras especialidades. (Informações dos “*sites*”: <artistasgauchos.com.br/portal/?id=529> e <www.katiacosta.fot.br/biography#!/biography> Acesso em: 14 nov. 2011).

41 Informações disponíveis no “*Facebook*” da “*Chico Lisboa*”: <www.facebook.com/associacaochicolisboa?sk=info> e no “*site*”: <chicolisboa.com.br/wp/historico/chico-liboa-70-anos/> Acessos em: 14 nov. 2011.



Fig. 1. Travessa dos Venezianos, em Porto Alegre. Foto de Felipe Oliveira dos Anjos.

A casa em tom entre verde e azul claro, com porta e janela brancas, entre a casa roxa e a azul, foi o espaço de encontro e convívio entre artistas e interessados por arte em Porto Alegre. Assim como a *Desvenda*, a “*Associação Chico Lisboa*” reuniu e reúne artistas de segmentos variados, promovendo atividades que incluem exposições, eventos e mostras anuais como a *Arte+Arte*, que está na sua quinta edição, em 2011, e que ocorre regularmente⁴².

42 As informações encontram-se no site da “*Chico Lisboa*”. Ver nota 41.



Fig. 2. Detalhes da Travessa dos Venezianos. Foto de Felipe Oliveira dos Anjos.

A casa de nº. 30 foi o *QG da Desvenda* na *Travessa dos Venezianos*, em Porto Alegre. Vista de frente, percebe-se um local bem simples, com apenas uma porta e uma janela, que foi por determinado tempo aproveitado como sede de encontros e eventos de arte, movimentando a rua. [Fig.2 e 3]



Fig. 3. QG da Desvenda. Foto de Felipe Oliveira dos Anjos.

A *Travessa dos Venezianos* ficava movimentada durante a tarde e a noite, no primeiro domingo de cada mês, quando ocorria a *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* com outros eventos de arte, promovidos por galerias, como: a *Azul Galeria Produtora*⁴³ atelieres de outros artistas e pela “*Associação Chico Lisboa*”. Artistas com atelier nos arredores sentiram-se estimulados a promover ações artísticas, por causa de *Desvenda*, e isso gerava fluxo intenso de pessoas na rua, nesse ponto, podendo ser considerado como um evento comunitário. [Fig. 4 e 5]

Segundo o autor Zygmunt Bauman, no livro “*Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*” vivemos em um mundo sem segurança em que pessoas gostariam de integrar uma comunidade, o que aparentemente é bom, porque é onde ela é encontrada, embora perdessem a liberdade, ou o direito à identidade, por serem questões individualistas e não coletivas (BAUMAN, 2003, p. 7-11). A *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* pode ser considerada como promotora de uma comunidade quando situada na *Travessa dos Venezianos*, devido a Rodrigo

⁴³ Surgiu em 1º de maio de 2008, na casa da artista Gaby Benedyct como um espaço de diálogo e questionamento, abrindo portas para manifestações de arte contemporâneas. Informações do site: <www.azulgaleria.com.br/?pg=7903> Acesso em: 14 nov. 2011.

Lourenço junto a Lia Braga serem capazes de praticar uma ideia que gerou a sensação de segurança e aconchego, descrito por Bauman, e trouxe consigo a vontade de participar e integrar algo, próximo a artistas, galerias e espaços de arte locais, cada um contribuindo com o que podia para promover um evento capaz de movimentar as pessoas do local e arredor. A comunidade se constituiu não por pessoas que vinham de fora para “bisbilhotar” o que ocorria na *Travessa*, originou-se entre as pessoas que se integravam para ali promover ações e eventos.

Anteriormente a *Desvenda*, artistas ficavam em seus atelieres somente produzindo arte, podiam até pensar na possibilidade de fazer algo grandioso a ponto de movimentar a rua, mas fazê-lo é outra questão, que provavelmente envolve tempo, dinheiro e recursos. Isso ocorreu até chegar alguém (Rodrigo Lourenço e Lia Braga) que conseguiu colocar seus pensamentos em prática, procurando interação e com a firme ideia de estar e fazer algo junto: “Podemos discutir – mas são discussões amigáveis, pois todos estamos tentando tornar nosso “estar juntos” ainda melhor e mais agradável do que até aqui e, embora levados pela mesma vontade de melhorar nossa vida em comum, podemos discordar sobre como fazê-lo” (BAUMAN, 2003, p. 8).



Fig. 4. A *Travessa dos Venezianos* lotada durante o dia. Foto de Rodrigo Lourenço⁴⁴.

44 As fotos tiradas por Rodrigo Lourenço estão disponíveis no site da “Desvenda”: <http://desvenda.wordpress.com/page/> Acesso em: 14 de out. 2011.



Fig. 5. A *Travessa dos Venezianos* movimentada durante apresentação do Show do “CowBees”, na noite do primeiro domingo de junho de 2009. Foto de Rodrigo Lourenço.

No interior da casa nº. 30 da “Travessa dos Venezianos” a abertura da porta e da janela auxiliam na iluminação do ambiente de apresentação da *Feira de Arte Contemporânea Desvenda*. O público frequentador do local tem acesso aos trabalhos, podendo tocá-los sem se preocupar com limites de distanciamento entre público e obra, impostos por “espaços convencionais” de exposição de arte, como museus e galerias. Na parede ao fundo, observa-se as obras maiores colocadas abaixo, as médias no meio e as pequenas acima. Percebe-se que o espaço é pequeno e estreito, mas os visitantes não parecem se importar. [Fig. 6]



Fig. 6. Vista interna da casa nº 30 da *Travessa dos Venezianos*, onde ocorriam as mostras da feira, em junho de 2009. Foto de Rodrigo Lourenço.

Algumas partes da parede eram rebocadas e pintadas de branco, outras eram de tijolo a vista. Os trabalhos são colocados nas paredes e sobre uma mesa feita com cavaletes de metal e tampo de madeira em forma retangular, disposta no centro do ambiente. Tem paredes com quadros imensos e outras de tamanhos variados, sendo que os trabalhos artísticos são expostos baseados na forma de gabinete das curiosidades. Segundo Danièle Giraudy e Henri Bouilhet, no livro “O museu e a vida”, os “*gabinetes das curiosidades*, ou *câmeras de maravilhas*, reúnem animais, objetos ou obras raras, fabulosas ou insólitas, em um bricabraque no qual impera o amontoamento” (GIRAUDY; BOUILHET, 1990, p. 23). E em entrevista a mim concedida por Rodrigo Lourenço, no dia 27 de setembro de 2011, comentou que a forma de apresentação da feira é baseada no gabinete das curiosidades. [fig. 7]



Fig. 7. O ambiente onde ocorriam as mostras da feira, em junho de 2009. Foto de Rodrigo Lourenço

Após passar por reformas e terminar o contrato de aluguel da casa (QG) nº. 30 da *Travessa dos Venezianos*, em 2010, a *Feira de Arte Contemporânea* ganhou novos rumos, tendo maior força em seu intercâmbio com outros lugares. Ela passou a ocupar espaços de galerias de arte em Porto Alegre, como o “SESC Central” (setembro de 2010), o *Centro Municipal de Cultura Lupicínio Rodrigues* (outubro de 2010) e o *Espaço Maurício Rosemblat*, na *Casa de Cultura Mário Quintana*, (abril de 2011). Acabou adquirindo novo formato, mais próximo ao de exposições em galerias, onde o público não tem a liberdade de tocar nos trabalhos e nem de tirá-los da parede com o objetivo de comprá-los. Pode-se dizer que não tem mais aparência do formato original de feira tal qual estava na época de sua localização fixa na travessa⁴⁵. A própria disposição das obras, baseada no estilo em gabinete das curiosidades, não é a mesma, basta comparar as fotos da Fig. 6 e Fig. 7 (da feira na *Travessa dos Venezianos*, nº. 30) e Fig. 13 (da feira na *Casa de Cultura Mário*

⁴⁵ Informação obtida em entrevista a mim concedida por Rodrigo Lourenço em 14 de dezembro de 2011.

Quintana) das mostras para se perceber isso.

A *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* promoveu uma de suas feiras de intercâmbio entre Porto Alegre e Santa Maria, em setembro de 2010. Nesse momento, a feira não ocorria mais na *Travessa dos Venezianos* e a solução encontrada pelo produtor Rodrigo Lourenço foi realizá-la no *SESC Central*, localizado na *Avenida Alberto Bins*, nº. 665, em Porto Alegre, do dia 03 a 30 de setembro de 2010, com visitação das 8h às 19h, no térreo. Nessa ocasião trinta e nove artistas participaram do evento de intercâmbio. [Fig. 8 e 9]



Fig. 8. *SESC Central*, em Porto Alegre. O local estava fechado na ocasião. Foto de Felipe Oliveira dos Anjos.



Fig. 9. Detalhe da entrada do prédio, onde localiza-se o *SESC Central*. Foto de Felipe Oliveira dos Anjos.

O *Centro Municipal de Cultura Lupicínio Rodrigues*, também conhecido como *CMC*, fica na Avenida Érico Veríssimo, nº. 307, no Bairro Menino Deus, em Porto Alegre, abrangendo uma área de 3.636,32m². O local teve origem a partir da proposta do governo federal de Emilio Médici (1969-1974): *Projeto Renascença*, no início da década de 1970, com objetivo de recuperar áreas deterioradas na região central de grandes capitais. Em Porto Alegre, investiu-se nas áreas situadas entre a *Cidade Baixa* e *Menino Deus*, sendo que o espaço do atual *CMC* foi idealizado para ser uma *Escola de Criatividade*, passando por alterações que o constituíram como centro cultural da cidade. A criação do local foi oficializada no governo do Prefeito Guilherme Vilella, em 1978, e foi projetado pelos arquitetos Edgar do Valle e Sérgio Matte. Em 1986, no governo de Alceu Collares, homenageou-se o músico Lupicínio Rodrigues ao colocar seu nome no local⁴⁶. Constituem o local: o *Atelier Livre*, a *Sala*

46 Informações obtidas no site: <www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?reg=6&p_secao=19> Acesso em: 15 nov. 2011.

Álvaro Moreyra (local de palestras, seminários, entre outros eventos), *Biblioteca Pública Municipal, Teatro Renascença e Saguão de Exposições*⁴⁷. [Fig. 10]. A *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* começou a ter caráter institucionalizado, porque adentrou um espaço que abriga o *Atelier Livre* da Prefeitura, que é voltado para as artes e reconhecido como uma instituição artística pelas políticas públicas⁴⁸.

O espaço é uma construção baixa com amplo terreno a sua volta, típico deste tipo de construção pública, têm algumas partes de tijolo a vista e outras com reboco pintado na mesma tonalidade dos tijolos. Sua entrada é toda de vidro com metal. Na sua parte superior, têm letreiros brancos correspondente ao nome e ao que contém no local. Em sua fachada, têm seis e sete degraus de escadas, com corrimãos de metal, pintados de cinza. Foi cercado com grades em 2005 que segue o padrão dos corrimãos, em relação ao material e pintura utilizados. [Fig. 11]

O *Saguão de Exposições*, vinculado ao *Atelier Livre*, recebeu a *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* em 4 de outubro de 2010. É um espaço utilizado para eventos variados (exposições, performances entre outros), com área de 60m² não-climatizada, sendo aberta ao público das 9h às 22h⁴⁹. O CMC conta com o *Atelier Livre*, que foi criado, no final de 1960, a partir de proposta do artista plástico Iberê Camargo: “Encontros com Iberê”, para movimentar o espaço cultural no Rio Grande do Sul. Em 1962, sob coordenação de um dos mais importantes escultores gaúchos Xico Stockinger, obteve-se a concessão de local no *Mercado Público* para realização de encontros sob patrocínio da *Seção de Cultura da Secretaria Municipal da Educação e Assistência*. Durante o golpe militar de 1964, por alguns dias, o local foi abrigo do *Comitê de Propaganda e Resistência Popular*. Passou por vários lugares até ter sua sede definitiva com área de 1.716m², salas para realização de oficinas, saguão de exposições e auditório no CMC, em novembro de 1978⁵⁰.

47 Ver nota 46.

48 As informações estão disponíveis no site: <<http://www.2.portoalegre.rs.gov.br/>> Acesso em: 14 out. 2011.

49 Informações obtidas no site: <www.2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?reg=4&p_secao=33> Acesso em: 15 nov. 2011.

50 Informações obtidas no site: <www.portoalegre.rs.gov.br/cap/atelier/hist/hist.htm> Acesso em: 15 nov. 2011.



Fig. 10. Vista aérea disponível no "Google Earth".

O espaço é uma construção baixa com amplo terreno a sua volta, típico deste tipo de construção pública, simples e de baixo custo, têm algumas partes de tijolo a vista e outras com reboco pintado na mesma tonalidade dos tijolos. Sua entrada é toda de vidro com metal. Na sua parte superior, têm letreiros brancos correspondentes ao nome e o que contém no local. Em sua fachada, têm seis e sete degraus de escadas, com corrimãos de metal, pintados de cinza. Foi cercado com grades em 2005 que segue o padrão dos corrimãos, em relação ao material e pintura utilizados. [Fig. 11]



Fig. 11. Detalhes da fachada do CMC. Foto de Felipe Oliveira dos Anjos.

O CMC tem duas esculturas em sua entrada e vasos com plantas que a enfeitam, além de murais que são protegidos por vidro, que ficam nas laterais internas da entrada. [Fig. 12]



Fig. 12. Detalhe da vista frontal do CMC. Foto de Felipe Oliveira dos Anjos

Em 31 de Março de 2011, ocorreu a abertura de exposição da *Desvenda* na *Casa de Cultura Mário Quintana*, juntamente com a *Associação de Arte e Cultura*, (uma ONG), o *Arena* - espaço dedicado fundamentalmente à promoção de cursos livres em artes visuais, produção cultural e artística⁵¹ - e o *Atelier Subterrânea* – espaço autônomo e independente de trabalho de seis artistas, onde ocorrem exposições, cursos e eventos⁵² -, promovidas pelo *Instituto Estadual de Artes Visuais (IEAVI)*. Segundo o *site* da *Casa de Cultura*:

O Instituto Estadual de Artes Visuais (IEAVI) começa o ano com três exposições de coletivos de artistas contemporâneos (..) às 19 horas, inauguram as exposições “Instâncias do Desenho”, na Galeria Augusto Mayer, e “Desvenda” e “Arena”, no espaço Mauricio Rosenblatt, no 3º andar da CCMQ. A visitação segue de 1º a 24 de abril, de terças a domingos. (...) A “Desvenda”, Feira de Arte Contemporânea, apresenta uma nova forma autônoma de abordar as questões das artes visuais e surgiu do desejo de um grupo de artistas por um espaço específico, onde se pudesse, de forma desburocratizada e sem intermediários, divulgar e comercializar o resultado de suas pesquisas em arte, junto a um público heterogêneo. Artistas: Gerson Reichert, Acácia Xaplin, Carlos Asp, Antônio Augusto Bueno, Lia Braga, Juliana Lima, Rodrigo Pecci, Ananda Kuhn, Roger Mothcy, Talitha Bueno Motter, Sandro Ka, Katia Costa, Flávia Giroflai, Yara Baungarten, Eduardo Uchoa, Rodrigo Lourenço, Ana Paula Tomimori e Claudia Barbisan.

(Site da Casa de Cultura Mário Quintana)

51 Formada pelos artistas plásticos: André Severo (Porto Alegre/ 1974), Paula Krause (Canela/ 1977), Melissa Flôres (Marau/ 1977), Maria Helena Bernardes (Porto Alegre/ 1966) e pelo músico Fernando Mattos (Porto Alegre/ 1963), localiza-se na Rua General João Telles, 379/102, em Porto Alegre (RS).

52 Informações obtidas no site: <subterranea.art.br/wpress/> Acesso em: 15 nov. 2011, o “Atelier Subterrânea” localiza-se na “Avenida Independência”, nº 745/ Subsolo, em Porto Alegre, funcionando das 14h às 18h. É integrado pelos artistas: Adauany Zimovski (Porto Alegre), Gabriel Netto (Porto Alegre/ 1974), Guilherme Dable (Porto Alegre/ 1976), James Zortéa, Lilian Maus (Salvador/ 1983) e Túlio Pinto (Brasília/ 1974).



Fig. 13. Casa de Cultura Mário Quintana, exposição da *Desvenda*, em 01 a 24 de abril de 2011. Foto de Renata Machado Camargo, em 19 abr. 2011.

A exposição da *Feira de Arte Contemporânea Desvenda*, na Casa de Cultura Mário Quintana (de 01 a 24 de abril de 2011, nas terças-feiras aos domingos), ocorreu no 3º. andar, onde dividiu o *Espaço Maurício Roseblatt* com a *Arena*. Até a presente data, a última exposição da *Desvenda* ocorreu em 25 de Abril de 2011, em Brasília, no Museu da República. Contou com a participação de 18 artistas, incluindo o produtor e artista Rodrigo Lourenço. Alguns participantes formaram-se no *Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, sendo que vão de artistas emergentes como: Ana Paula Tomimori e Sandro Ka, a experientes com exposições individuais e premiações, como: Antonio Augusto Bueno (Porto Alegre/ 1972), bacharel em desenho em 2004 e em escultura em 2008; Gerson Reichert (Porto Alegre/ 1967), formado em “Artes Visuais”; Rodrigo Lourenço, bacharel em gravura.

2.1.3 Os artistas emergentes e a Desvenda

Quatro artistas emergentes participantes da *Feira de Arte Contemporânea Desvenda*: Camila Mello, Fernanda Manéa, Gaby Benedyct e Lílian Santos Gomes foram entrevistadas, com o objetivo de perceber o que as levaram a participar e como notaram a forma de funcionamento do projeto. Os critérios de seleção de artistas a serem entrevistadas foram por acessibilidade, tempos diferenciados de participação e, no caso da Gaby Benedyct, por ter a *Azul Galeria Produtora*, além de ser artista e ter mostrado trabalhos, mesmo que por pouco tempo. As artistas Camila Mello e Fernanda Manéa são integrantes assíduas da feira, por terem participado de muitas edições. e Lílian Santos Gomes participou de poucas edições e voltou a participar em outubro.

O objetivo da presente pesquisa é buscar visão diferente do ponto de vista do produtor Rodrigo Lourenço sobre a feira, tendo a percepção de quem participa do evento, para entender diferenças e semelhanças entre discurso e realidade. Todas as artistas entrevistadas destacaram a *Desvenda* como oportunidade para exporem seus trabalhos, pelo fato de a proposta possibilitar fácil acesso e venda de produções⁵³.

➤ Camila Mello: nasceu em Porto Alegre, em 1976, é artista multimídia e produtora que vive e trabalha entre Brasil e Londres. Integra o coletivo “Mergulho” e é produtora do projeto “Semana Experimental Urbana” (SEU), além de participar dos projetos: ***Practicing Space***, organizado por Beatrice Jarvis, e ***Technoxamanismo Performance Ritual***, junto com Fabiane Borges⁵³. Apresentou seus trabalhos em vídeo à *Desvenda* e um dos projetos foi do coletivo *Mergulho*, participando junto a Manuela Eichner, Ali Khodr e Jorge Soledar, em que lançaram a experiência de produção, projeção e publicação de vídeos denominada: *Zona*, envolvendo estratégias de venda, envio pelo correio e troca, tendo como objetivo inicial a “sustentabilidade da iniciativa”, o que não ocorreu. E destas três estratégias a que funcionou melhor foi a de distribuição gratuita⁵⁴.

53 Informação obtida no site da “Desvenda”: <desvenda.net/2011/09/12/artistas-e-obras-da-desvenda-no-spa-das-artes-atualizando/camila-mello_-image_corpolugar_boundaryaroad-1/> Acesso em: 18 nov. 2011.

54 Informação obtida em entrevista a mim concedida por Camila Mello, em 6 de setembro de 2011, procurando reproduzir mais fielmente parte do que enviou por escrito em comunicação por escrito utilizando o ***Gtalk*** (ferramenta de comunicação instantânea pela ***Internet***).

Todos os vídeos produzidos pelo coletivo *Mergulho* estão no “*YouTube*”, sendo que participaram da mostra *Vaga-lume*. Promovida pelo *Laboratório de Infografia e Multimeios* do Programa de *Pós-Graduação em Artes Visuais* junto ao *Departamento de Artes Visuais*, do *Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)*, desde 2002. O objetivo é desenvolver a investigação artística através de novas tecnologias⁵⁵. Em contraponto ao *Vaga-lume* e aproveitando o fluxo de pessoas no *Instituto de Artes da UFRGS*, local onde ocorre o evento, lançaram a ação paralela: *Louva a Deus*, mostra de vídeo ambulante, apresentados em televisão colocada em um carrinho de supermercado, na frente do *Instituto de Artes*, da *UFRGS*, em 2006. Quando lançaram a mostra, tinham recém-chegado do *SPA das Artes*, que ocorre em Recife, trazendo vários vídeos de artistas os quais conheceram durante o encontro, servindo de inspiração para o *Louva a Deus*.

A impressão que Camila Mello tem sobre a *Desvenda* é de:

“uma iniciativa inclusiva, horizontal, com uma história que começa por necessidade de compartilhar produção que, normalmente, não tem espaço acessível para isso. E muito menos uma relação direta, nem com a experiência do trabalho, nem com o desejo de circulação. A *Desvenda* também é uma proposta de discussão sobre a relação econômica que envolve o trabalho do artista e outras coisas, claro: intercâmbio”⁵⁶.

(Camila Mello, em entrevista a mim concedida, em 6 set. 2011)

Quando comenta sobre “outras coisas”, refere-se a *Desvenda* como “um espaço horizontal e de circulação de trabalhos” de vários lugares, em que há troca, venda, forma de pensar economicamente o trabalho do artista, compartilhamento e circulação. Pensa a *Desvenda* como uma “proposta coletiva”, embora a figura do Rodrigo Lourenço seja a forma centralizadora da iniciativa da feira, por tornar-se um “espaço coletivo” e “cooperativo”, “aberto”, “interdependente” e de “articulação coletiva”. Comenta que não vê a *Desvenda* como um “espaço físico”, mas como um “espaço temporário”, organizado conforme o envolvimento de “várias pessoas”, mas que depende do Rodrigo Lourenço para que funcione. Define a feira mais como uma

55 Informações sobre o *Vaga-lume* foram obtidas pelo site: <www.artes.ufrgs.br/pos-graduacao/artes-visuais/estrutura-de-apoio/?searchterm=vaga-lume> Acesso em: 19 nov. 2011.

56 Reprodução de comunicação por escrito entre mim e Camila Mello, utilizando o “*Gtalk*”, durante a entrevista no dia 6 de setembro de 2011.

ação, além de considerá-la também como: comunidade e grupo abertos e evento. Informando que ocorre em um local determinado e fica aberta à recepção de trabalhos até o último momento, tornando-a “um espaço em movimento para ser ocupado” e, por isso, “proposta de ocupação coletiva”⁵⁷.

De acordo com Camila Mello, participou da *Desvenda* por pensá-la como “um lugar crítico, inquieto e em transformação”, podendo satisfazer o “desejo de compartilhar” o que produz de “forma horizontal”, além de ter credibilidade no trabalho de Rodrigo Lourenço. E pensa que a proposta da feira é “ampliar um movimento paralelo ao circuito de arte, ou se tornar outro circuito dentre tantos que existem”, não vendo somente como oportunidade para artistas iniciantes, mas como “forma de compartilhamento e de circulação para quem está ou não em início de carreira artística. Em relação a forma de expor trabalhos artísticos na *Desvenda*, percebe que a prioridade não está em questões curatoriais e museográficas, embora exista cuidado, pensamento, organização visual e relação com o espaço na montagem da feira⁵⁸.

➤ Fernanda Manéa: nasceu em Porto Alegre, em 1980, é *Bacharel em Desenho* pelo *Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, em 2003. É desenhista, gravadora, pintora e fotógrafa e realiza intervenções urbanas⁵⁹. Representa constantemente a figura humana em suas produções, tendo algumas que enfocam mãos e pés, que segundo a artista, era algo que tinha dificuldade de desenhar quando estava em formação acadêmica, conseguindo superá-la com a ajuda do Professor Alfredo Nicolaiewsky. Em alguns trabalhos utilizou disquetes encontrados na rua como suporte para seus desenhos, cruzando “limites entre o que é desenho e o que é suporte”. Dessa forma, busca ampliar “o espaço de representação” para que o desenho se integre “com o espaço inserido, à materialidade da superfície, tornando-se uma composição aberta, que invade e é invadida pelo espaço entorno”. Pensa o desenho como uma linguagem expressiva que ajuda a melhor perceber o que é representado, considerando mãos e pés algo que pode remeter a qualquer pessoa (por não ter identidade) e à gestualidade,

57 Ver nota 56.

58 Ver nota 56.

59 Informações obtidas no *Facebook* de Fernanda Manéa e do “*site*” *Artistas Gaúchos*: <www.facebook.com/profile.php?id=1188577146> e <www.artistasgauchos.com/portal/?id=111> Acesso em: 18 nov. 2011.

sendo que esta é o maior enfoque do trabalho da artista⁶⁰.

A artista Fernanda Manéa participa da *Desvenda* desde quando a feira iniciou em 2008, conseguindo vender vários trabalhos e quatro para um mesmo colecionador, em uma das mostras. Sentiu-se reconhecida quando um colecionador que havia comprado seus trabalhos em outra edição, resolveu adquirir mais trabalhos da artista. Vendeu uma de suas produções por intermédio de Gaby Benedyct e participou de troca (“escambo”), quando dividia apartamento com Manuela Eichner. Demonstrou saudade ao comentar sobre a *Desvenda* quando localizada na *Travessa dos Venezianos*, denotando a importância do evento quando estava em local fixo:

Na “Travessa dos Venezianos” foi uma grande possibilidade de troca, de intercâmbio de ideias, ali era um lugar próprio para isso e já tinha a data marcada, além de falar sobre trabalho e novas experimentações, conhecer outros artistas de outros Estados, por meio de grupos que o Rodrigo Lourenço já conhecia e convidou para participarem⁶¹.

(Fernanda Manéa, em entrevista, em 23 ago. 2011)

De acordo com a percepção de Fernanda Manéa sobre a *Desvenda*, considera-a como: “coletivo em que todos são iguais, lugar de ações de arte” (devido a constante presença de performances, “música”, “projeções de vídeo na fachada” da *Travessa dos Venezianos*), “discussão”, “troca”, liberdade, não hierárquica, desburocratizada e “aberta”. Uma espécie de “confraternização artística e aprendizagem”, por pessoas aprenderem umas com as outras, por exemplo: artistas iniciantes aprendiam com os mais experientes a emoldurar trabalhos para mostrá-los. Quem quisesse poderia colaborar com ideias relacionadas a “modos de expor”⁶².

Conforme Fernanda Manéa, na *Desvenda* os artistas iniciantes têm a possibilidade de “mostrar suas produções em outros Estados”, conhecendo vários artistas e formas independentes de exposição, rentes das apresentadas em “museus e galerias tradicionais”. Durante sua participação na *Travessa dos*

60 Informação obtida em entrevista a mim concedida por Fernanda Manéa, em 23 de agosto de 2011, procurando ser fiel ao que disse.

61 Transcrição literal da fala de Fernanda Manéa, em entrevista a mim concedida, no dia 23 de agosto de 2011.

62 Ver nota 60.

Venezianos, ficou reconhecida por pessoas frequentadoras do local e, ainda, é notada por visitantes do blog da *Desvenda* (teve maiores picos de acesso em 2009, ficando entre os 100 sites mais visualizados no mundo, pertencentes a **WordPress.com**), o que resulta em público diversificado interessado em arte⁶³. Percebe que na *Desvenda* há a possibilidade de acompanhar o desenvolvimento das produções artísticas, comentários, interpretações e críticas sobre arte e trabalhos apresentados, por ser evento mensal⁶⁴.

Quanto a forma de a *Desvenda* mostrar os trabalhos artísticos, Fernanda Manéa acredita que pessoas participavam sabendo da proposta em forma de gabinete das curiosidades, o que entende como estilo da feira, e algumas até ajudavam a montar a exposição na *Travessa dos Venezianos*. Considera mais importante a forma múltipla e aberta de a *Desvenda* propor edições, não diferenciando ou hierarquizando quem ou o que se relaciona a ela. Relata que o público visitante da feira podia manipular as obras, tocando-as, retirando-as e as recolocando na parede. E artistas tinham a liberdade de expor obras em processo, sem molduras e experimentações⁶⁵.

➤ Gaby Benedyct: nasceu em Porto Alegre, em 1966, é *Bacharel em Pintura* pelo *Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul* e trabalha há, aproximadamente, 20 anos com produção de eventos artísticos e fomento à cultura, tendo vasta experiência em marketing, multimídia, performance, cenários e edição de fanzines. Criou a *Azul Galeria Produtora*, em 2009, espaço de exposições de arte que tornou-se somente produtora. Atualmente é *Técnica em Assuntos Culturais* no *Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul* e mantém a *Azul Produtora*⁶⁶. A *Azul Galeria Produtora* surgiu, aproximadamente, seis meses antes da *Desvenda* e teve seu segundo evento, denominado “Escambo”, que era específico para a troca

63 O blog antigo da *Desvenda* é: <www.desvenda.wordpress.com> Acesso em: 20 nov. 2011, que foi o de maior acesso em 2009, chegando nas posições: 91º (26 fev. 2009) e 59º (19 mar. 2009) entre os blogs que mais crescem na **Web**, sem veicular material pornográfico, pirataria, futebol ou “lixo POP”, como descrito por Rodrigo Lourenço na página: <www.desvenda.wordpress.com/2009/03/15/a-desvenda-na-internet-parte-2/> Acesso em: 20 nov. 2011.

64 Ver nota 60.

65 Ver nota 60.

66 Informações obtidas no *Facebook* de Gaby Benedyct e no site *Artistas Gaúchos*: <www.facebook.com/benedyct> e <artistasgauchos.com.br/portal/?id=431> Acesso em: 18 nov. 2011.

de trabalhos artísticos, prática que também era realizada na *Desvenda*, com o nome de 'troca'⁶⁷.

Quando participou da *Desvenda*, não sentia seu processo artístico (pintura de aquarelas) amadurecido, embora notasse que com a *Azul Galeria* era o contrário, tinha um trabalho artístico melhor estabelecido. Participou da feira com a *Azul Galeria* e seus trabalhos em aquarela, conseguindo vender e trocar alguns deles. Pensa que para participar da *Desvenda*, tanto na *Travessa* quanto da itinerância, o artista precisa ter uma logística de apresentação dos trabalhos, preocupando-se com detalhes referentes a obra e a forma que será exposta, como emolduração e reposição de materiais, caso o trabalho do artista exija tais cuidados. E disse que: “para participar seja da *Desvenda* quanto qualquer outro ambiente de coletividade, de exposição coletiva, de colaboracionismo”, o artista tem que fazer a sua parte⁶⁸.

De acordo com Gaby Benedyct, a *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* foi muito importante para ela, principalmente, no formato da *Travessa dos Venezianos*, em que gostou muito de ter participado. Percebe a feira como um evento extremamente democrático, reconhecendo o trabalho do produtor Rodrigo Lourenço em organizar múltiplas questões e articular diversas pessoas, conseguindo como resultado um evento descontraído, que ajuda artistas iniciantes a melhorar a apresentação logística de seus trabalhos, como emolduração. Acredita ser um sucesso quando a *Desvenda* estava localizada na *Travessa* e no seu novo formato itinerante, por promover intercâmbio entre artistas de Porto Alegre e de outros lugares ressaltando a importância de alguns artistas colaborarem com o produtor na montagem do evento⁶⁹.

A forma de apresentação dos trabalhos da *Desvenda*, para Gaby Benedyct é “democrática”, pela coexistência de várias técnicas, e é o que a caracteriza como feira de arte e não como exposição. Comenta que o público vai para comprar e não para reparar em como as obras estão dispostas. E que devido a essa coexistência de técnicas, o trabalho do artista deve ter uma apresentação de qualidade para que

67 Informações obtidas no *Facebook* de Gaby Benedyct e no site *Artistas Gaúchos*: <www.facebook.com/benedyct> e <artistasgauchos.com.br/portal/?id=431> Acesso em: 18 nov. 2011.

68 Conforme dados de entrevista a mim concedida por Gaby Benedyct, em 1 setembro de 2011, procurando reproduzir fielmente o que disse.

69 Ver nota 68.

seja notado e até vendido.

Gaby Benedyct pensa a *Desvenda* como um coletivo devido a sua forma de funcionamento, em que alguns artistas mais engajados com o projeto ajudam o produtor Rodrigo Lourenço a viabilizar a feira. Ou como uma cooperativa em que existe um dirigente natural, no caso: Rodrigo Lourenço, denotando que tanto um coletivo quanto uma cooperativa precisa de uma liderança em seu modo de organização. Comenta que a artista Lia Braga junto a Rodrigo Lourenço são responsáveis pela criação da *Desvenda* e que o papel da artista foi de apoiá-lo para que houvesse a viabilização do atelier na *Travessa dos Venezianos*⁷⁰.

Em entrevista com Gaby Benedyct a artista e agente cultural manifesta sua opinião sobre o artista iniciante em relação ao circuito de arte, dizendo que deve se preocupar com: acabamento de seus trabalhos, retirada do atelier ou de suas casas, onde ficam guardados, para que sejam apresentados a espectadores, emolduração (se for o caso), embalagem e proteção e transporte para o local onde acontecerá a exposição. De acordo com a artista e produtora em uma espécie de 'desabafo'⁷¹:

“Não devem procurar estruturas expositivas 'perfeitas', como oferecimento de segurança e de coquetel pago pelos espaços expositivos, no Brasil, porque isso não existe no país e, talvez, não exista em nenhum outro lugar. Devem se engajar para não deixarem seus trabalhos guardados em algum canto 'mofando', na expectativa de que apareça alguém a sua procura, sem nem saber de sua existência enquanto pessoa, oferecendo espaço e algum tipo de “mimo”, como embalar e carregar as obras, até o local de apresentação dos trabalhos”⁷².

(Gaby Benedyct, em entrevista, 01 de setembro de 2011)

Realmente, Gaby tem razão em dizer que artistas devem se engajar na profissão, porque todo profissional, sendo artista ou não deve mostrar seu currículo para ter credibilidade no mercado de trabalho. E com o artista não é e nem deve ser diferente, sendo necessário ter portfólio para que outros vejam suas produções e procurar expor, sem esperar por ninguém. Tem que fazer sua parte para ser percebido e, quem sabe conhecido entre grupos de pessoas que apreciem, ou comprem seus trabalhos. Mas, diferente do que pensa Gaby sobre as reclamações

70 Ver nota 68.

71 Ver nota 68.

72 Informação obtida a partir de transcrição literal do que Gaby Benedyct disse em entrevista a mim concedida, em 1 de setembro de 2011.

dos artistas em relação aos espaços expositivos de arte, acredita-se que devem exigir locais adequados, porque todo o profissional tem o direito de querer trabalhar em lugar apropriado, e com o artista, nesse ponto, também, não deve ser diferente: as galerias têm obrigação de oferecer, ao menos segurança, para exporem produções de artistas.

Quando a agente cultural trata da perfeição inexistente dos espaços expositivos, não se refere à questão espaço-obra. O que traz são questões estruturais relacionadas à segurança, ao ambiente com temperatura adequada, para manter os trabalhos a salvo da deterioração, ao oferecimento de coquetel, que, para ela, deve ser pago pelo artista. Isso retoma questões como: Os gastos do coquetel devem ou não ser feitos pelo artista? Quem deveria pagar os detalhes inerentes à exposição? O artista? O agente cultural de algum espaço expositivo? Ou mostras de trabalhos artísticos deveriam ser totalmente financiadas por leis de incentivo a cultura?

Em Porto Alegre, em 2001, foi lançado o logotipo *APIC! (Artistas Patrocinando Instituições Culturais)*, pelos artistas Nick Hands e Maria Lúcia Cattani, para que artistas o utilizassem em seus convites, indicando suas efetivas participações nos custos da exposição, podendo ser acessado no site: <www.artewebbrasil.com.br>. O objetivo é de reivindicar contra instituições públicas que são apoiadas involuntariamente por artistas, quando estes arcam com custos, como: transporte, seguro, fotografias, elaboração de catálogos, coquetel e doação de seus trabalhos, para coleções públicas que não fornecem segurança e condições adequadas de conservação, muitas vezes, não recebendo valor justo pelo pagamento da exposição. E serve como meio de encorajá-los a fazer campanhas locais ou nacionais para obter: pagamentos de taxas e despesas relativas a exposições em espaços públicos, exigir dedução no Imposto de Renda referente a custos de exposição e doações de trabalhos a instituições públicas e ressarcimento de valor alusivo a danos e roubos de suas produções⁷³.

O fato é que há falta de financiamento público ou privado voltado a artistas iniciantes, na área de Artes Visuais. Não há muito incentivo à cultura no país e há instituições artísticas que não conseguem financiamento para organizações de

73 Informações obtidas a partir de texto enviado por Maria Lúcia Cattani através de e-mail, em 17 nov. 2011.

eventos, como exposições. Não possuem verba para bancar convites, coquetel e detalhes inerentes a isso. Retoma-se o ponto inicial, o artista pagando partes do evento, sem ter qualquer mérito, por ter ajudado com as despesas. O melhor seria que as instituições fossem mais humildes e éticas, reconhecendo a necessidade de serem, por eles, auxiliadas.

➤ Lílian Santos Gomes: nasceu em Porto Alegre, em 1984, *Bacharel em Fotografia* pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2008. É fotógrafa e artista visual, em sua graduação, dedicou-se a série *Decomposição*, em que fotografava a destruição de espaços a serem reconstruídos no entorno da “Rua Dom Pedro”, em Porto Alegre. A artista, em sua produção atual, tem fotografado espaços de cemitério, por pensar na “questão da vida e da morte”, que está presente em sua produção anterior, “além da memória”⁷⁴.

Lílian Santos Gomes havia participado somente de duas versões da *Desvenda*, até o momento da entrevista, no dia 23 de agosto de 2011, e está retornando na próxima que ocorrerá em Porto Alegre, na *Casa M* (evento da 8ª *Bienal do Mercosul*), de 8 a 16 de dezembro de 2011 e, em Recife no *Museu Murillo La Greca* (em evento do *SPA das Artes*), de 1 à 8 de fevereiro de 2012. Provavelmente, por participar pouco não conseguiu vender e nem trocar trabalhos. E o que a fez participar foram os convites e informativos sobre a feira, enviados por e-mail, parecendo convidativos e interessantes⁷⁵.

Segundo Lílian Santos Gomes, a *Desvenda* é “uma mistura de exposição, galeria, mercado” e, atualmente, “itinerância”, com um artista que a administra: Rodrigo Lourenço, considerando-a “importante para artistas jovens e iniciantes” ficarem integrados com outros experientes, além de ser uma forma de apresentar trabalhos. Pensa que o objetivo de Rodrigo Lourenço com a feira é “fazer uma crítica ao mercado de arte e ao espaço” proporcionado aos “artistas consagrados”, já que “jovens artistas têm que se destacar muito para chegar nesse mercado”. Considera-a como uma forma aberta de exposição e de participação do trabalho, não tendo

74 Informações obtidas no “Facebook” de Lílian Santos Gomes (Lílian Gomes) e no “LinkedIn” da artista: <www.facebook.com/liliangomesfotografa> e <www.linkedin.com/pub/lilian-santos-gomes/35/85a/a99> Acesso em: 18 nov. 2011. E por entrevista a mim concedida pela artista, em 23 de agosto de 2011, procurando reproduzir fielmente o que disse.

75 Informações obtidas em entrevista a mim concedida pela artista, em 23 de agosto de 2011, procurando reproduzir fielmente o que disse.

critérios rígidos de escolha de produção⁷⁶.

Segundo Lílian Santos Gomes, a *Desvenda* é convidativa, por mandar “e-mails” sugerindo a participação do artista. Essa informação está de acordo com o depoimento de Gaby Benedyct em entrevista sobre a feira, em que aborda o fato de não ter grandes exigências para pessoas integrá-la, bastando mostrar trabalhos ao produtor, junto a portfólio, para conhecer o que produz em arte. Esse fato foi confirmado na entrevista com Rodrigo Lourenço, que comentou sempre pedir ao artista para apresentar portfólio de trabalhos, procurando perceber se tem alguma premiação e se participou em outras exposições. Outra questão abordada em entrevista de Gaby Benedyct, é que o produtor Rodrigo Lourenço observa aspectos de acabamento dos trabalhos artísticos, para serem expostos na feira, buscando saber se têm condições de serem mostrados. E o produtor mencionou o que Gaby Benedyct comentou em entrevista, acrescentando que procura estipular valores referenciados no mercado de arte. Percebe-se, dessa maneira, que existem semelhanças entre os discursos do produtor com os das pessoas entrevistadas, o que denota que a prática da feira está de acordo com o que se pensa sobre ela.

76 Ver nota 75.

2.2 SEMANA EXPERIMENTAL URBANA (SEU)

Levar arte para as ruas, promovendo sua “deselitização”, tornando-a pública e participativa, em que pessoas, artistas e obras ficam em contato direto, chegando a criar algum tipo de sentimento, seja de amizade, aprendizagem, ou desconforto e desprezo. A proposta da *Semana Experimental Urbana (SEU)*, de 2010, foi de se relacionar diretamente com transeuntes da cidade de Porto Alegre, procurando ocupar o espaço urbano para interagir com as pessoas e com espaços específicos, de Porto Alegre, escolhidos por artistas participantes do evento.

Primeiramente, será abordado a forma que surgiu o evento da *Semana Experimental Urbana*, a proposta e a maneira de manter a sustentabilidade do projeto. Após, será comentada a trajetória, o envolvimento dos artistas, grupos, coletivos, bem como seus respectivos trabalhos realizados na *SEU* em 2010. E a última parte é referente às percepções da artista Fernanda Manéa sobre a “SEU”, visto que participou do evento em 2010. A opinião da artista é relevante por possibilitar o contraponto entre realidade e discurso dos produtores do projeto.

2.2.1 A intervenção urbana como ideia motriz

Camila Mello (Porto Alegre/ 1976), Manuela Eichner (Arroio do Tigre/ 1984) e Rodrigo Lourenço (Porto Alegre/ 1975), artistas e produtores formados no *Instituto de Artes da UFRGS*, conheciam-se e colaboravam mutuamente nos seus projetos, que eram ligados a: documentação, convivência, *performance* e pensamentos. Na *Experiência Imersiva Ambiental – EIA* (2005), evento que ocorre anualmente com o objetivo de integrar propostas de intervenção urbana na cidade de São Paulo, nesse momento começaram a demonstrar interesse em criar algo que envolvesse a experimentação em espaços públicos, principalmente de fazer isso em Porto Alegre. Foram assistentes de montagem da *Bienal do Mercosul*, onde esse convívio foi intensificado. Em 2006, surgiu o coletivo *Mergulho*, inicialmente formado por quatro integrantes: Ali Khodr (Porto Alegre/ 1980), Camila Mello, Jorge Soledar (Porto Alegre/ 1979) e Manuela Eichner, atualmente, o coletivo virou dupla parceria entre as artistas Camila e Manuela. E em 2008, com o surgimento da *Feira de Arte*

Contemporânea Desvenda os artistas e produtores tiveram mais contato, porque Camila Mello e a Manuela Eichner participaram de algumas edições da feira com o coletivo *Mergulho*⁷⁷.

A *Semana Experimental Urbana (SEU)* existia enquanto desejo de ser criada desde 2007, como projeto em 2009 e foi concretizada com patrocínio do FUMPROARTE, em 2010, tendo como fundadores: Camila Mello, Manuela Eichner e Rodrigo Lourenço, sendo que todos estavam em cidades diferentes, o que não os impossibilitou de realizar o projeto⁷⁸. Segundo Rodrigo Lourenço, o projeto foi criado pensando na falta de espaços alternativos de exposição (fora de instituições formais de arte, como galerias e museus, que são burocratizados) em Porto Alegre. Outro motivo, de acordo com a minha transcrição da fala de Rodrigo Lourenço em entrevista (13 nov. 2010, Centro Cultural CEEE), é a falta de incentivo dos governos junto à falta de vontade de sair a campo e de buscar informações sobre o circuito de arte no local⁷⁹.

Segundo documento da *SEU* lançado em Junho de 2011, a semana tem como objetivo: “interferir, por meio de ações e gestos, no acontecer dos impulsos do espaço público” (*Documento SEU*, 2011), em Porto Alegre, com o interesse em tomar a cidade para si, interagindo com ela e com as pessoas, além de mostrar os trabalhos artísticos selecionados a partir da proximidade com a proposta. A *SEU* atua promovendo encontros entre artistas que se relacionam com seu entorno (no caso, as cidades, especificamente, em 2010: Porto Alegre), podendo utilizar qualquer local público para expor. Produz catálogos com registros dos momentos em que ocorrem as intervenções, escrevendo sobre trabalhos expostos e/ ou coletivos que se integram a ele.

Segundo a Tese de Doutorado de Claudia Paim (PAIM 2009 PPG Artes Visuais – IA/ UFRGS) “praticar uma cidade é ativá-la. Dar-lhe vida. Praticar um espaço é torná-lo ativo” (PAIM 2009 PPG Artes Visuais – IA/ UFRGS, p. 28). A *Semana Experimental Urbana* busca ativar o espaço da cidade ao promover encontro dos artistas com transeuntes. Esse espaço torna-se praticado, ativo e vivo,

77 Camila Mello em entrevista a mim concedida, em 7 de setembro de 2011, procurando reproduzir fielmente o que disse.

78 Ver nota 56.

79 Rodrigo Lourenço em entrevista a mim concedida, em 13 de novembro de 2010, procurando reproduzir fielmente o que disse.

principalmente, ao mudar o cotidiano e interferir na rotina das pessoas que se relacionam com a produção do artista quem determina o lugar onde ocorrerá a intervenção.

A *Semana Experimental Urbana* precisa de financiamento para existir, porque são trazidos artistas de outros lugares, tendo passagem, hospedagem e cachê pagos a eles. Para viabilizar o acontecimento é necessário patrocínio adquirido por editais de concurso público, onde devem constar valores referentes a esses gastos. Em 2010, foi patrocinado pelo *FUMPROARTE* (*Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural* de Porto Alegre), que, segundo o site da Prefeitura de Porto Alegre, “tem por objetivo estimular a produção artístico-cultural da cidade, através de financiamento direto, a fundo perdido, de até 80% do custo total dos projetos de produção (decreto 10.867/93), ou sem limite previsto dos projetos de criação, formação, estudo ou pesquisa (decreto 16.0009/08)”⁸⁰. E em 2011, participaram do *Editais da FAC* (*Fundo de Apoio à Cultura*), que, segundo site do Governo do Estado: *Pró-cultura RS*, foi criado a 10 anos, sendo que seu primeiro edital foi lançado em 2010, oferecendo aproximado a R\$ 30.000,00, para 30 projetos selecionados. E assim como o *FUMPROARTE* é um projeto de financiamento direto para projetos culturais, pertencente ao Governo do Estado⁸¹.

2.2.2 A SEU em Porto Alegre: 2010

A *Semana Experimental Urbana* proporcionou que artistas se relacionassem com vários pontos da cidade de Porto Alegre, em 2010, como: *Cais do Porto*, *Cidade Baixa*, *Centro* e *Arroio Dilúvio (Avenida Ipiranga)*. Contou com vinte e seis participantes inscritos incluindo grupos e coletivos: Bim Fernandez (Sabará/ MG), Camila Lima Barreto (Porto Alegre/ RS), “*Chicamatafumba*” (Porto Alegre/ RS), *Clube da Sombra* (Porto Alegre/ RS), *Coletivo Curto-Circuito* (Fortaleza/ CE), *Coletivo de Intervenções Múltiplas – C.I.M.* (Buenos Aires/ AR), *Coletivo Sala Dobradiça – SD* (Santa Maria/ RS), Daggi Dornelles (São Leopoldo/ RS), *Experiência Imersiva Ambiental – EIA* (São Paulo/ SP), Fernanda Manéa (Porto

80 Informações disponíveis no site da *Prefeitura Municipal de Porto Alegre*: <www2.portoalegre.rs.gov.br/fumproarte> Acesso em: 20 nov. 2011.

81 Informação do site do Governo do Estado: *Pró-cultura RS*: <www.procultura.rs.gov.br/index.php?menu=facinf> Acesso em: 20 nov. 2011.

Alegre/ RS), George Sander (Resende/ RJ), *Grupo Centro de Desintoxicação Midiática – C.D.M.* (Pelotas/ RS), Isabela Silveira (Miraflores, Lima/ Perú – Mora em Salvador/ BA), Izidorio Cavalcanti (Recife/ PE), Júlio Leite (Campina Grande/ PB), Leopoldo Kunrath (Porto Alegre/ RS), Letícia Ramos (São Paulo/ SP), Lia Letícia (Porto Alegre/ RS), Lourival Cuquinha (Olinda/ PE – Mora em São Paulo/ SP), Maíra Vaz Valente (São Bernardo do Campo/ SP – Mora em São Paulo/SP), Milena Durante (Salvador/ BA), *Projeto Cérbero* (Rio de Janeiro/ RJ), *Teatro Porcos com Asas* (Porto Alegre/ RS), *Treze Numa Noite* (Rio de Janeiro/ RJ), Vânia Medeiros (São Paulo/ SP) e Wolder Wallace (Natal/ RN – Mora em Recife/ PE)⁸².

➤ Bim Fernandez (Sabará/ MG): artista que trabalha com grafite, e integra o coletivo *Azucrina!* (Belo Horizonte)⁸³. Realizou o projeto *Perseu vs. Crack (Reverse Graffiti)*, para a SEU, em que aumentou uma imagem em papel tamanho A4 com ferramenta específica (tipo de lápis com ponta de prego), retirando o excesso da sujeira, musgo e tinta com uma lixa até obter a figura desejada. O resultado parece um grafite, mas a técnica remete ao processo de gravura. Escolheu uma imagem conhecida da mitologia grega: Perseu segurando a cabeça arrancada da Medusa em ato heroico. Acima de sua alegoria, em uma das paredes que ajudam a sustentar o *Viaduto da Conceição*, escreveu o que poderia ser uma das falas do personagem: - “Chega de transformar tudo em pedra!” A Medusa é conhecida na mitologia por transformar quem olha em seus olhos em estátua de pedra, só que a citação feita pelo artista é ao consumo de *crack*, uma droga que vem marginalizando e matando milhares de pessoas, uma grande problemática no Brasil. O lugar escolhido pelo artista foi o *Viaduto da Conceição*, localizado entre a *Rua Voluntários da Pátria* e *Avenida Farrapos*, em Porto Alegre (dias 19 a 25 de junho)⁸⁴.

➤ Camila Lima Barreto (Porto Alegre/ RS): artista formada em “Artes Visuais”, com habilitação em escultura, pela *Universidade de Pelotas* e “Especialista em Cinema Expandido” pela *Pontífice Universidade Católica do Rio Grande do Sul*

82 Informações do site da SEU: <www.portoalegreseu.wordpress.com> Acesso em: 20 nov. 2011.

83 Sabe-se que o artista tem por aproximadamente trinta anos, devido a informações do seguinte site: <<http://curriculo.catho.com.br/curriculos-exassinanters/artes/minas-gerais/sabara/profissional-especializado-com-curso-superior-completo-cursando/trabalhar-na-area-de-producao-seja-ela-de-eventos-cinematografica-ou-musical/7820525/>> Acesso em: 02 nov. 2011, em que o artista tinha vinte e sete anos em 2009. Quanto a ser integrante do coletivo *Azucrina!*, essa informação está no Catálogo SEU, publicado em 2010, financiado pela FUMPROARTE.

84 Informações sobre Bim Fernandez foram encontradas no site da SEU, ver nota 82.

(PUCRS)⁸⁵. O projeto “*SolidAR ArquiEscultura ARautoInsuficiente*” que realizou para a SEU foi uma performance de montagem de um origami gigante de papel quadrado, tamanho 4m x 4m, feito no espaço interno do *Mercado Público*, localizada no *Largo Glênio Peres*, em Porto Alegre (dia 25 de junho, às 12h). Para fazer uma dobradura em origami as mãos se movimentam até dar forma ao papel, no caso do trabalho da artista é necessário a movimentação de todo o corpo para que o papel seja dobrado, o que torna o trabalho extremamente gestual, como o a pintura de Jackson Pollock: a “*action painting*” (pintura em ação), só que no caso é uma grande escultura em papel que dialoga com o corpo da artista, o espectador e a arquitetura da cidade, visto que o objeto torna-se parte da paisagem urbana de Porto Alegre até que fosse coletado por lixeiros ou alguém que vive da venda de materiais recicláveis. O tempo de execução do trabalho da artista é mais lento requer paciência e dedicação o que se relaciona com a tradição oriental de montar um origami. Essa ideia é oposta ao ambiente urbano em que as pessoas são ansiosas e agitadas, estando em constante correria na busca de contemplar as tarefas a serem realizadas no prazo de tempo estabelecido⁸⁶.

➤ “*Chicamatafumba*”: nome dado a um grupo de artistas responsáveis por intervenções urbanas, desde 2009, utilizando-se de ações poéticas performáticas que procuram chamar a atenção de pessoas, tirando-as da rotina gerada pelo cotidiano⁸⁷. Formado por Ana Paula Tomimori (São Paulo/ SP), Claudia Paim (Porto Alegre/ RS), Leandro Machado e Thaís Leite, às vezes, atua com artistas convidados, como ocorreu no projeto desenvolvido para a SEU, em 2010, em que convidaram o artista Ulisses Ferretti. A proposta *Inundação* era em dia de chuva (19 de junho, das 10h às 17h) entrarem em um mesmo meio de transporte (ônibus e Trensurb) com quatro aparelhos reprodutores de CD portáteis e um aparelho celular, escondidos em sacolas, que emitiam sons da água de uma praia (algo fora do contexto urbano de Porto Alegre), acionados simultaneamente para causar a sensação de inundação no local. Saíam do meio de transporte juntos, após certo tempo de percurso, sem se comunicarem em nenhum momento, para tornarem a

85 As informações sobre a idade e formação da artista foram obtidas no site:

<<http://www.oficinasgalpao.org.br/?selecionados=camila-lima-barreto>> Acesso em: 02 nov. 2011.

86 Dados sobre o Projeto *SolidAR ArquiEscultura ARautoInsuficiente* da artista para a SEU foram obtidos no site da SEU: <www.portoalegreseu.wordpress.com> Acesso em: 02 nov. 2011.

87 Informações obtidas no blog do Coletivo “*Chicamatafumba*”: <chicamatafumba4.blogspot.com> Acesso em: 02 nov. 2011.

ação mais marcante, instigante e curiosa para quem ali estivesse⁸⁸.

➤ Cia Teatro Lumbra: grupo de encenadores teatrais e artistas, criada e coordenada pelo pesquisador, cenógrafo e ator/ bonequeiro Alexandre Fávero, desde 2000, em Porto Alegre, é responsável pelo *Clube da Sombra* que tem em um de seus repertórios a *Bolha Luminosa*. Experimento que segundo descrito no site é metafísico, sendo parte integrante das dinâmicas experimentais com a linguagem do teatro de animação, utilizando-se de balão de “nylon” inflado por uma turbina de vento compacta, que após estar cheio permite aos artistas projetarem imagens de aparelhos audiovisuais, que são mostradas a um público⁸⁹. O projeto *Sombras da Cidade*, foi apresentado para a SEU, em 2010, considerado como “performance”, que era para ser mostrado na *Travessa dos Venezianos*, no dia 19 de junho às 19h, porém choveu muito no dia e não conseguiram organizar outro dia para a ação e por surgir um compromisso em último instante, fatores que os impediram de participar⁹⁰.

➤ Coletivo Curto-Circuito: criado em dezembro de 2004, em Fortaleza/ CE, é formado por artistas multimídia e ativistas, buscando a interseção entre arte, filosofia, arquitetura, urbanismo, comunicação e sociologia, baseados nos movimentos de ruptura como a *Contracultura*⁹¹. Tem blog próprio que traz a seguinte auto descrição: “Unidade de Subversão Desejante, Agenciamento Coletivo de Enunciação, Grupelho em *Semiose de Situ-Ações Micropolíticas no Cotidiano* partindo de “Intervenções-Obras-Experiências” pontuais e efêmeras”⁹². O projeto *A Procura* realizado para a SEU, em 2010, pelos artistas Airton Lima, David da Paz e Naiana Cabral, que compõem o coletivo, foi uma performance móvel, relacional a partir de uma “*Situ-Ação*” instável, de um corpo situado e de um lugar acionado ao acaso, que buscou a reflexão do que seria a vida diante da sobrevivência não para encontrar a verdade, mas para ter a verdade do encontro. O Coletivo saiu às ruas de Porto Alegre, partindo da *Praça da Matriz* do dia 20 a 24 de junho de 2010, às 10h10min, munidos com uma câmera, para perguntarem às pessoas onde se

88 Dados conseguidos no site da SEU: <www.portoalegreseu.wordpress.com> Acesso em: 02 nov. 2011.

89 A não participação do *Clube da Sombra*, com o repertório *Bolha Luminosa*, foi confirmada em realização de entrevista com os produtores Camila Mello e Rodrigo Lourenço a mim concedida, por e-mail e “*Gtalk*”, respectivamente, em 08 de novembro de 2011.

90 Informação obtida pelo site de relacionamento “*Facebook*”:
<www.facebook.com/coletivo.curtocircuito?sk=info> Acesso em: 04 nov. 2011.

91 Descrição segundo o blog do Coletivo Curto-Circuito: <www.coletivocurto-circuito.blogspot.com> Acesso em: 04 nov. 2011.

92 Informações do site *Clube da Sombra*: <www.clubedasombra.com.br> Acesso em: 03 nov. 2011.

poderia encontrar a vida, dizendo que acreditava na distinção entre vida e sobrevivência, fazendo com que os transeuntes indagados passassem a uma reflexão filosófica junto com o artista performático⁹³.

➤ Coletivo de Intervenções Múltiplas – C.I.M.: surgiu em Buenos Aires/ AR, formado pelos artistas: Flor Firvida, Andrea Vegazzi, Nicolás Casalnuovo e Santiago Cao, que pertencem a diferentes áreas artísticas (artes visuais, dança e teatro). O objetivo desse coletivo é de “intervir no espaço público” para gerar “questionamentos sobre as ações e a realidade do consenso social”. Utilizam o corpo como suporte para trabalhos artísticos e a “temporalidade como fator determinante, manifestado em ações de caráter duracional”. O projeto “*Comum-União*” foi apresentado para a SEU, em 2010, ao pensar no processo de colonização (séculos XV e XVI) e miscigenação através do uso da força pelo desbravador europeu que gerou o “distinto unido”: a cultura europeia, a africana e as diversas culturas indígenas (presentes na América colonizada). E a repetição desse processo com as imigrações europeias e poucas asiáticas, para as Américas, no final do século XIX e no século XX. Os integrantes do *Coletivo C.I.M.* utilizaram quatro elementos para simbolizar o “distinto unido”: fogo, água, terra e farinha, que juntos formam o pão. Cada artista representava um elemento e, partindo de direções opostas (os quatro pontos cardeais: *Catedral Metropolitana, Túnel da Conceição, Paróquia Martin Luther e Lago da Redenção*), no dia 24 de junho de 2010, tinham o objetivo de chegar a um mesmo local (*Praça Argentina*), onde construíram coletivamente um forno de barro, que serviu para fazer o pão, que foi redistribuído e repartido entre os presentes, o que traz a questão de compartilhar e que simboliza a união: a “comum-união”. A preparação para a performance ocorreu na *Praça Argentina*, em Porto Alegre, nos dias 19 a 23 de junho de 2010⁹⁴.

➤ Coletivo Sala Dobradiça – SD: surgiu em dezembro de 2008, em Santa Maria/ RS, formado por grupo de artistas e produtores culturais para conceder ou viabilizar exposições de artes visuais de vários lugares do mundo, estando direcionado a práticas curatoriais e a experiência da arte como bases poéticas, com um espaço físico próprio para instalações, soluções visuais “*in situ*” e “*site specific*” (*Espaço-Suporte*) e possui modelos para exposições alternativas (*Múltiplo SD*)

93 Ver nota 88.

94 Ver nota 88.

projeto de ocupação do espaço público para difusão da arte urbana (*Projeto Tapume*) e funciona como propositor artístico (*Itinerário SD 0.5*). O grupo convida ou seleciona projetos de artistas/ propositores para estabelecer parceria na criação conjunta e realizar ações. O projeto *Itinerário SD 0.5* foi apresentado a *SEU*, em 2010, pelos artistas: Alessandra Giovanella, Atílio Alencar, Elias Maroso, Lucas Figueiredo Baisch e Talita Tibola, com o objetivo de desenvolver uma prática artística transitante e complementar em diferentes territórios e panoramas. Utilizando-se de registros em vídeo e fotografias para capturar intervenções artísticas realizadas a partir de uma estrutura montável (*SD 0.5*) instalada em paisagens escolhidas, no dia 21 de junho de 2010, no *Largo Glênio Peres*, em Porto Alegre. Dentre essas estão alguns locais de: Santa Maria, do percurso da *BR 290* até a capital e a cidade de destino: Porto Alegre. Atualmente, os artistas que participaram da *SEU* e ainda integram o *Coletivo SD* são: Alessandra Giovanella e Elias Maroso⁹⁵.

➤ Daggi Dornelles (São Leopoldo/ RS): bailarina, atriz, coreógrafa, diretora, professora de dança com mais de 30 anos de carreira. Iniciou suas atividades profissionais em Porto Alegre nos anos 1970, vivendo parte da década de 1980 em São Paulo, onde adotou objetos como parceiros de movimento, prática que se instalou na vida da artista, ampliando sua concepção da dança ser realizada somente em espaços fechados para a de encontro do seu corpo com o mundo, assim ganhando o espaço das ruas, iniciando sua atuação como artista urbana. Foi para a Alemanha em 1989 e, de setembro a dezembro de 2002, ocorreu sua primeira experiência de longa duração em um espaço público (*“Kulturbrauerei”, Berlin*): *“Bdk Projekt”, pequenos poemas entre corpos*, onde surgiu a ideia de passagens “em branco” nos territórios urbanos, pois para a artista: “o passar será sempre em branco” (*“Catálogo SEU”, 2010*), retornando ao Brasil em 2003⁹⁶.

A artista Daggi Dornelles apresentou o projeto *Cor Veste Cidade – Não sei se ouço quadros, ou vejo contos...* - para a *SEU*, em 2010, em que resolveu vestir de cor o instante de um corpo (o próprio da artista)/ cidade (alguns lugares de Porto Alegre), pensando no primeiro instante sendo de cor vermelha. A artista realizou

95 Informações disponíveis nos “sites”: <<http://www.facebook.com/saladobradicapage> >, <<http://saladobradica.blogspot.com/2010/10/o-que-e-o-multiplo-sd-participacao-no.html>> e o “site” da *SEU* mencionado na nota 18. Acessos em: 03 nov. 2011.

96 Informações dos “sites”: <<http://poaemcena.blogspot.com/2010/09/daggi-dornelles-lonesome-cowboy.html> > e <<http://www.conexaodanca.art.br/imagens/textos/artigos/A%20arte%20do%20espet%20E1culo%20fora%20do%20teatro.htm>> Acesso em: 03 nov. 2011.

performances se relacionando com o espaço da cidade, os objetos que nela se inserem e com os transeuntes que olhavam atentos em sua direção ou a procuravam para conversar. Ocorreu no *Largo Glênio Peres*, na *Esquina Democrática* e no *Viaduto da Borges de Medeiros*, em 20 e 21 de junho de 2010⁹⁷.

➤ *Experiência Imersiva Ambiental – EIA*: criada em 2004, em São Paulo/ SP, por um coletivo aberto de artistas que se propõem a mapear, reunir, promover, viabilizar e propor ações voltadas para o espaço de rua. Realiza anualmente um encontro nacional de propostas de arte pública enviadas por artistas de vários lugares do Brasil, reunindo-os em intenso intercâmbio cultural, tendo na prática a fonte de pesquisa e no espaço público o foco de atuação, com o objetivo de torná-lo um espaço de convívio ativo e questionador. Rodrigo Lourenço, junto com Camila Mello e Manuela Eichner participaram da *EIA*, em 2005, antes de criarem a *Semana Experimental Urbana*. O projeto *SAIA SEU* apresentado para a *SEU*, em 2010, foi uma performance interativa, que parte da experiência de dinâmicas abertas e lúdicas do grupo. Artistas performáticos vestem uma saia com vários bolsos, onde podem ser colocadas sugestões de “*performances*” para serem executadas pelos próprios artistas ou por qualquer pessoa interessada, funcionando como um proponente de ações, o qual denota que a arte é realizada em conjunto (artistas, participantes e espectadores). O projeto foi realizado de 19 a 25 de junho em todos os lugares mapeados pela *SEU*, em Porto Alegre⁹⁸.

➤ *Fernanda Manéa (Porto Alegre/ RS)*: a artista é formada em Artes Plásticas, na área de Poéticas Visuais, pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A principal linguagem é o desenho, que serve como base para suas fotocópias e serigrafias, todas com ênfase na figura humana. A artista realiza intervenções urbanas levando seus desenhos para as ruas, colando-os em algum ponto da cidade. Participou da *SEU*, em 2010, com o projeto *Intervenção na Fachada*, em que imprimiu seus desenhos de mãos e de corpo humano em papéis adesivos, em grande proporção, para serem colados no “*site-specific*”: fachada da *Azul Galeria Produtora*, localizada na *Praça Marquesa de Sevigne*. O objetivo era o de aproximar a arte dos transeuntes possibilitando trocas, através da ação e reação

97 Ver nota 82.

98 Informações dos “*sites*”: <<http://mapeia.blogspot.com/>>, <<http://girame.wordpress.com/em-coletivos/eia-experiencia-imersiva-ambiental/>> e do “*site*” da *SEU*, ver nota 82. Acesso em: 04 nov. 2011.

e de comentários relacionados ao trabalho da artista, percebendo esse estabelecia relações de comunicação com o público intencionada pela artista. Intervenção realizada das 14h às 17h, dos dias 19 e 20 de junho de 2010, em Porto Alegre⁹⁹.

➤ George Sander (São Paulo/ SP): artista nasceu em 1973, em São Paulo/ SP, é performer, ator e bailarino. Estudou dança contemporânea na *Escola Municipal de Bailado*, praticou canto livre e coral e, em 1994 e iniciou pesquisa na dança oriental de “*Butoh*”. No final dos anos 1990, pesquisou e realizou apresentações de Performances individuais e coletivas, dedicando-se, atualmente, a estudos em *Dramaturgia do Corpo e Xamanismo*. Apresentou o projeto “*Psy-Soma*” para SEU, em 2010, que eram intervenções performáticas realizadas no *Viaduto da Borges de Medeiros*, no dia 21 de junho das 18 às 19h15min, e no *Arroio Dilúvio*, no dia 22 de junho, das 15h às 16h, em Porto Alegre. A proposta é de reflexão sobre o descaso político, alienação gerada pelo consumismo, a manipulação subjetiva e a anestesia psicossocial. Apresenta personagens urbanos e como se comportam diante da realidade cotidiana, referindo-se a exclusão social, construção de identidade e simulacros e tecnologias de poder, discutindo temas e tabus sociais como a sujeição e os processos de subjetivação, a produção de informação e a construção do “senso crítico” ao pensar nas relações humanas deterioradas pela economia mercantil, que prioriza o que cada um tem e não o que é, denotando e intensificando a coisificação do homem¹⁰⁰.

O artista se coloca como uma marionete de manipulação, preso a fitas zebreadas de sinalização que descem do *Viaduto da Borges de Medeiros*, realizando dança em que os movimentos estão de acordo com o fato de estar aprisionado ou como se fosse manipulado, colocando-se como sujeito que executa sua “coreografia” na hora de grande movimentação da cidade. Faz uma alusão de que todos são manipulados como marionetes pelo sistema e que isso é bem visível nos momentos de maior movimentação urbana¹⁰¹.

➤ Grupo Centro de Desintoxicação Midiática – C.D.M.: criado em 2003, em Pelotas/ RS, pelos artistas: Leonardo Furtado (1977), Pablo de la Rocha e Ricardo Mello (1980), que se intitulam como “*pseudo-artistas*”, desenvolvendo trabalho

99 Informações dos “sites”: <<http://www.facebook.com/people/Fernanda-Manea/1188577146>>, <<http://femanea.blogspot.com/>> e do “site”, ver nota 94. Acesso em: 04 nov. 2011.

100 Ver nota 82.

101 Ver nota 82.

experimental, em crítica ao senso comum e imposições mercantilistas. Interessa-se em discussões sobre arte contemporânea e suas inserções, a partir disso propõem reações públicas sistemáticas, com trabalhos inseridos no espaço urbano, rompendo com espaços artísticos considerados tradicionais, tornando-se independentes do circuito artístico convencional, procurando um possível circuito paralelo e alternativo de arte contemporânea e ilustração. Lançaram, no dia 10 de novembro de 2010, 70 exemplares do “*Dossiê do PSEUDO-ARTISTA*”, pela Editora da Universidade Federal de Pelotas, que eram enumerados e tinham capas únicas customizadas pelos integrantes do coletivo. Na realização do projeto para a *SEU*, em 2010, o grupo estava com outra formação tendo Eduardo Silveira (1975) e não mais Pablo de La Rocha como integrante. Apresentaram o projeto *Estamos nos libertando do hábito que tínhamos de explicar tudo* com o tema relacionado à influência da mídia sobre as realidades coletivas. Utilizando-se de reciclagem das técnicas e artifícios da comunicação para buscar manipular essas linguagens de forma contrária, junto a recursos precários. Dessa forma, aproveitaram os tapumes da *Praça da Alfândega*, em Porto Alegre, com aplicação gráfica em grande dimensão de uma frase dos diários e escritos de John Cage. A intervenção gráfica foi realizada no dia 19 de junho, das 14h às 18h, e no dia 20 de junho, das 8h às 12h¹⁰².

➤ Isabela Silveira (Salvador/ BA): atriz, dançarina e produtora cultural, “Bacharel em Interpretação Teatral” pela *Universidade Federal da Bahia*. Contemplada com o *Prêmio Interações Estéticas – Residências Artísticas em Pontos de Cultura* em 2008, da *FUNARTE*, pelo desenvolvimento do “*videodança*” *Mulheres de Magritte*. Em 2009, participou de residência artística no *Ponto de Cultura Maria Mulher*, em Porto Alegre, apresentando a “*videodança*” premiada em 2008, a partir da leitura de vivências de mulheres gaúchas, utilizando a dança contemporânea como linguagem artística. Integra o coletivo de artistas “*Núcleo VAGAPARA*”, criado em 2007, com sete integrantes, que trabalham com autonomia no desenvolvimento de suas atividades artísticas compartilhadas interna ou externamente com outros artistas e coletivos de forma criativa e colaborativa¹⁰³.

102 Informações disponíveis nos “sites”: <<http://coletivocdm.blogspot.com/>>, <<http://www.corocoletivo.org/c.d.m/index.htm>> e no “site” da *SEU*, ver nota 94. Acesso em: 04 nov. 2011.

103 Informações disponíveis nos “sites”: <<http://www.nucleovagapara.com.br/p/quem-somos-nos.html>> e no “site” da *SEU*, ver nota 18. Acesso em: 04 nov. 2011.

A artista Isabela Silveira apresentou para a *SEU*, em 2010, o projeto *Isto é apenas uma mulher*, em que encobriu a cabeça com um pano branco e sentou-se em um banco no *Parque da Redenção*, em Porto Alegre, no dia 19 de junho, das 13h às 16h. Esperava que as pessoas fossem a seu encontro, diante da figura de uma mulher com identidade ocultada por um pano branco, mas a reação do público gaúcho foi outra: a de indiferença e discreta rejeição, o que surpreendeu a artista, por ter realizado o mesmo trabalho em outras cidades em que o público reagiu com curiosidade mais aguçada e até agressivamente a figura encoberta¹⁰⁴.

➤ Izidorio Cavalcanti (Recife/ PE): O artista nasceu em 1966, em Gameleira e reside e trabalha em Recife, localizadas no Estado de Pernambuco. Formado em Desenho Arquitetônico, Liceu de Artes e Ofícios, em 1997 (Recife/ PE). De 2004 a 2006, foi aluno ouvinte de vários cursos na área de artes, da Universidade Federal de Pernambuco, trabalhando com arte há 15 anos, utilizando-se de várias técnicas e linguagens artísticas. Integra os grupos *MAMÃE* e *Branco do Olho – BO*, localizados em Recife/ PE. Participou de diversas exposições individuais e coletivas em vários lugares do Brasil e um em Valência, na Espanha, com acervo particular na instituições *FUNDAJ*, *Prefeitura de João Pessoa*, *Museu Afro Brasil* SP, *Governo do Estado de Pernambuco* e *Museu de Arte Contemporânea de Jataí* GO. Apresentou para a *SEU*, em 2010, o projeto *Sagrado Coração de Izidorio Cavalcante*, performance em que o artista caminhou por 45 minutos descalço, vestindo uma camiseta branca de manga comprida, com um coração de boi pendurado no pescoço, por uma corda. O ponto de partida foi o *QG da Travessa dos Venezianos*, nº 30, às 9h45min, chegando até a *Catedral Metropolitana*, às 10h30min, do dia 23 de junho. Com o objetivo de chegar a *Catedral* e ser fotografado na fachada e no altar como a imagem do sagrado coração de Jesus. Realizou esse mesmo projeto no festival de inverno, em Recife, Taquaritinga do Norte e Garanhuns¹⁰⁵.

➤ Júlio Leite (Campina Grande/ PB): o artista nasceu em 1969, em Campina Grande/ PB, onde vive e trabalha. É graduado em “Comunicação Social – Jornalismo”, pela *Universidade Estadual da Paraíba*, em 2000. Estudou desenho, pintura e gravura na *Escolinha de Arte do Recife*, em 1987 a 1988, e no *Museu de*

104 Ver nota 94.

105 Informações disponíveis nos “sites”: <<http://www.izidoriocavalcanti.com.br/home.htm>> e ver nota 94. Acesso em: 04 nov. 2011.

Arte Contemporânea, em Olinda/ PE. Entre 2002 a 2005, foi professor substituto da *Universidade Federal de Campina Grande/ PB*, dedicando-se à pesquisa e orientação de projetos em arte urbana, vídeo, fotografia, arte e tecnologia. Em 2004, criou e dirigiu a *Galeria Cilindro* (“*Site specific*”) em sua cidade natal, formada por um caixa do *Banco do Brasil*, na *Praça da Bandeira*. O projeto “*Croma*”, foi apresentado a *SEU*, de 22 a 24 de junho de 2010, às 15h, nas praças *Marechal Deodoro* e *da Alfândega*, aproveitando seus tapumes. Realizou uma poesia visual explorando a metalinguística relacionada ao tema proposto, em que homenageia algumas cores e tonalidades: azul, amarelo, verde, lilás e vermelho, utilizando-se da escrita, sendo o fundo e a frase com duas cores distintas da cor enunciada¹⁰⁶.

➤ Leopoldo Kunrath (Porto Alegre/ RS): artista multimídia que trabalha com: ilustração, videoarte, graffiti, arte de rua, objetos, pinturas, desenhos, fotos manipuladas, performances e intervenções urbanas. Apresentou para a *SEU*, em 2010, o projeto *DesAparecido*, em que retomou frases referentes a poesia popular urbana desaparecidas com o passar do tempo. Essas poesias remetiam ao artista imagens horripilantes, fazendo-o perceber a mudança de valores sociais e individuais, relacionados a ética, moral e honestidade, que ocorreram rapidamente do século passado até o presente momento, devido ao consumismo desenfreado. O artista escolheu a esquina da *Rua General Câmara* com a *Rua dos Andradas* (parte da *Praça da Alfândega*), em Porto Alegre, no dia 19 de junho, às 14h, situando-se próximo a três palmeiras, três postes de bandeira e uma pedra de aproximadamente 1,20 cm de altura, para realizar a ação de distribuir gratuitamente placas de vários tipos e tamanhos da “*Poesia DesAparecida Ilustrada*”, com ditos populares como: “Não me siga! Também estou perdido.” ou “Nessa terra de cego quem tem um olho enxerga cada coisa”¹⁰⁷.

➤ Letícia Ramos (São Paulo/ SP): nasceu em 1976, em Santo Antônio da Patrulha/ RS, vive e trabalha em São Paulo. cursou “Arquitetura e Urbanismo” na *Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Em 2004, ingressou no curso de cinema na *Fundação Armando Álvares Penteado (Faap)*, em São Paulo, e foi premiada na *36ª Mostra Anual de Arte*. Realizou exposições em São Paulo (2005 e

106 Informações disponíveis nos “sites”: <<http://artesvisuaisparaiba.com.br/artista.php?id=316> > e ver nota 94. Acesso em: 04 nov. 2011.

107 Ver nota 82.

2007), Londres/ Inglaterra (2007 e 2008) e Buenos Aires/ AR (2008). A artista e montadora cinematográfica pesquisa a criação de aparatos fotográficos próprios para a captação e reconstrução do movimento, para apresentá-los em vídeo¹⁰⁸.

O projeto *Eixo Z* foi uma “instalação pública”, apresentada para a *SEU*, em 2010, de 19 a 25 de junho, em que a artista Letícia Ramos construiu um periscópio que foi acoplado a um poste da *Rua Gonçalo de Carvalho*, área declarada, em 2006, como “Patrimônio Histórico, Cultural, Ecológico e Ambiental de Porto Alegre”. O objetivo é permitir aos pedestres ver o túnel verde formado pela parte superior das copas das árvores locais, a partir, de uma diferente perspectiva possibilitada por esse aparelho¹⁰⁹.

➤ Lia Letícia (Porto Alegre/ RS): nasceu em 1975, em Porto Alegre/ RS, morou dez anos em Olinda/ PE, retornando para sua terra natal a aproximadamente três anos atrás. Em 1999, iniciou a carreira de artista, participou de diversos salões e festivais de arte no Brasil e, atualmente, tem atelier na produtora *Avalanche*, onde trabalha com fotos, vídeos e instalações. E desde 2008, trabalha como “oficineira” de artes plásticas no projeto *Descentralização da Cultura* da Prefeitura de Porto Alegre. Realizou o projeto *Vendo meu voto: TRATAR AQUI*, para apresentar a *SEU*, em 2010, em que distribuiu gratuitamente 50 camisetas estampadas na hora, com mesmo título do projeto. A ação foi concretizada no dia 25 de junho, das 17h às 19h, em estante (tipo tenda gazebo), colocado na *Esquina Democrática* (na esquina da *Rua dos Andradas* com a *Avenida Borges de Medeiros*, em Porto Alegre). A proposta da artista era de “desativismo político”, em protesto a corrupção ou ironia a atual política brasileira, em que cada usuário ganhador da camiseta demonstrava diferente motivo para vesti-la. A artista pensou na camiseta com serigrafia como um meio de comunicação de massa com grande potencial de comunicação e expressão veiculadas por quem a usa¹¹⁰.

108 Ver nota 82.

109 Ver nota 82.

110 Informações disponíveis nos “sites”:

<<http://www2.sescsp.org.br/sesc/videobrasil/site/dossier050/apresenta.asp> >, <

<http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?>

[cd_pagina=2804&cd_verbete=9275&id_carteira=34517&cd_produto=70&area=Artes](http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd_pagina=2804&cd_verbete=9275&id_carteira=34517&cd_produto=70&area=Artes)

[%20Visuais&ano=2008-2009&carteira=Selecionado](http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?%20Visuais&ano=2008-2009&carteira=Selecionado)> e <<http://leticiaramos.com/midia/>> Acesso em: 04 nov. 2011.

➤ Lourival Cuquinha (Olinda/ PE; Mora em São Paulo/ SP): nasceu em 1975, em Olinda/ PE, vivendo e trabalhando no percurso de sua cidade natal com São Paulo/ SP e Londres/ UK. De 1993 a 2002, perpassou por vários cursos: engenharia química, filosofia, direito e história, da Universidade Federal de Pernambuco, não os finalizando. Iniciou carreira artística entre os anos de 1996 a 1997, quando integrou o coletivo de artistas *Molusco Lama*, fazendo muitas ações e “performances”. Atualmente, é artista visual que trabalha com várias mídias, refletindo pensamentos sobre a liberdade do indivíduo e o controle que a sociedade e a cultura exercem sobre este, e a liberdade da arte e o controle que as instituições possuem sobre esta. O projeto “*Image Off*”, foi apresentado para SEU, em 2010, em que o artista criou uma arte utilitária para os transeuntes, possibilitando não serem vistos por câmeras de segurança nas ruas, no caso o *Mercado Público*, em Porto Alegre. O uso de máscara, as quais o artista denomina de “preservador de rosto”, ficou pendurada em um gancho de parede, estando conectadas a uma câmera de segurança por um fio, o que proporcionou a indivíduos passarem por elas não tendo suas identidades reveladas. E para facilitar a ação, realizada nos dias 21 e 23 de junho, a partir das 13h, o artista mostrou partes de um vídeo com a mesma proposta concretizada em Londres/ UK¹¹¹.

➤ Maíra Vaz Valente (São Bernardo do Campo/ SP; Mora em São Paulo/ SP): graduada em “Artes Plásticas” na *Escola de Comunicações e Artes*, na *Universidade de São Paulo*, em 2009. Trabalha com práticas performativas no campo da visualidade e seus desdobramentos. Atualmente, convoca o público a participar de ações semelhantes a jogos. O projeto *1:1 versão Amarelo*, foi apresentado pela SEU, em 2010, e, como em propostas atuais da artista, convida o público a participar e integrar a ação, que traz a interação entre sujeitos. A artista criou um objeto que poderia ser vestido: o “Conector Amarelo”, remetendo aos Parangolés, de Hélio Oiticica, com a diferença de duas pessoas poderem conectar-se a ele e mais pessoas terem a possibilidade de interação com o objeto de cetim amarelo. Houve alguns prévios agendamentos com organizadores da mostra para que o público participasse do contato com a artista, depois, perceberam que não era necessário

111 Informação dos “sites”: <http://www.premiopipa.com.br/?page_id=929> e <http://www.canalcontemporaneo.art.br/_v3/site/perfil_individuo.php?idioma=br&perfil_usuario=38605> Acesso em 05 nov. 2011. Ver nota 82.

esse tipo de organização e que o público interessado se aproximava e integrava a ação de forma espontânea. Fizeram a divulgação do trabalho por cartazes distribuídos aos participantes da mostra. Dentro do objeto, os corpos podiam ficar dois metros distantes, negociando-se o tempo de duração da experiência para cada um que quisesse integrá-la e tendo como limite espacial e geográfico: a cidade de Porto Alegre, possibilitando de forma completa a integração entre artista, público e obra. Foi realizada nos dias 21 de junho, a partir das 15h, a 23 de junho, até as 23h59min¹¹².

➤ Milena Durante (Salvador/ BA): nasceu em São Paulo, em 1979, e mora em Salvador/ BA. Graduada em artes, formou o grupo *Experiência Imersiva Ambiental – EIA* junto a amigos, buscando agregar pessoas de diferentes contextos para criar pensando em questões urbanas. Trabalhou com arte e educação em pesquisas e práticas e, atualmente, é tradutora. A produção da artista, que sempre busca relações de troca traz temas diversificados como: consumo, religião, cinismo e outros conflitos contemporâneos que afligem as pessoas. Mostrou para a *SEU*, em 2010, o projeto *Como começou o mundo?* Realizou entrevistas, por todos os lugares de Porto Alegre, onde ocorreram a mostra, do dia 19 a 25 de junho, fazendo essa pergunta para as pessoas. Tudo foi registrado a partir da filmagem de cada uma por 30 segundos, com o objetivo de juntar as respostas em vídeo e ir mostrando para o seguinte indivíduo, possibilitando-o continuar a história ou iniciar outra. A questão que propôs remete a universos imaginários unidos por um vídeo editado e finalizado no retorno da artista para Salvador¹¹³.

➤ “Projeto Cérbero”: surgiu no Rio de Janeiro/ RJ, em 2008, com sua primeira ação: “A inconcebível vontade de olhar para o chão”. É um grupo aberto integrado pelos artistas Vinicius Saisse Nascimento, Anna Terra Saldanha, Filipe Codeço, Pedro Bento, Caroline Cantídio e Fernando Codeço. Desenvolvem uma ação por mês, que são improvisadas e filmadas nas ruas, sempre utilizando três câmeras que envolvem o processo de pensamento de captação de imagens, edição e finalização. O projeto *Aves Daninhas* apresentado para a *SEU*, em 2010, traz uma releitura artística do filme de Elaine May, contando a história de um grupo de amigos que sai

112 Informação disponível no “site”: <<http://multidaotodacoreografiaesocial.blogspot.com/p/maira-vaz-valente.html>> Acesso em: 5 nov. 2011. Ver nota 82.

113 Informação disponível no “site”: <<http://multidaotodacoreografiaesocial.blogspot.com/p/maira-vaz-valente.html>> Acesso em: 5 nov. 2011. Ver nota 82.

pelas ruas de Porto Alegre andando de bar em bar até o dia amanhecer. Filmado em pontos boêmios da *Cidade Baixa*, no dia 19 de junho, das 24h às 6h, permitindo que os atores improvisem durante as gravações¹¹⁴.

➤ *Teatro Porcos com Asas*: grupo de teatro que foi criado em 2006, em Porto Alegre, em busca de novas diretrizes faz parceria com o *Grupo dos Cinco*. Em 2008, fizeram parceria com o “*Ocidente Palco Ox*” e inauguraram o espaço “*Palco La Photo*”, no “*Espaço Cultural e Galeria La Photo*”. É integrado pelos artistas: André Paz Peres, Betânia Dutra, Di Machado, Haroldo Paraguassú, Isandria Fermiano, Manoela Wunderlich, Martina Fröhlich, Stéfanis Caiaffo e Viviana Schames. Em 2009 e 2010, apresentaram a peça “*Fando e Lis*”, de Fernando Arrabal, com direção de Di Machado. A partir dessa proposta criaram uma performance urbana que foi participante da *SEU*, em 2010, saindo dos palcos para ganhar as ruas de Porto Alegre, mais precisamente, a *Praça Brigadeiro Sampaio*, no dia 23 de junho, das 14h às 16h. Essa performance urbana iniciou com uma simples brincadeira em que o casal Fando e Lis acabam assumindo um jogo em que se sufocam pelo engessamento de seus corpos, daí o título do projeto ser: *Engessamento de Fando e Lis*, o que simboliza relacionamentos que vão do amor puro ao doentio¹¹⁵.

➤ *Treze Numa Noite*: formou-se em 2006, a partir de convite do coletivo *Filé de Peixe*, realizando intervenção urbana, por uma noite, na esquina de uma rua movimentada do Bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro. Reuniram-se artistas para decidirem quem participaria, definiu-se o total de 13 pessoas, incluindo jovens artistas interessados em experimentar e mostrar seus trabalhos, preocupando-se com a interação e diversidade proporcionadas pelo evento. Participaram mensalmente desse evento, sofrendo variações em sua formação e tornando-se referência no desenvolvimento de trabalhos relacionados à performance, possibilitando a criação de laboratório de discussões e criações baseadas na troca entre os participantes. Tem como premissa estar aberto às novas e diferentes informações e artistas, em que os participantes têm autonomia para fazer parte do coletivo tanto como proponentes de trabalho, colaborando direta ou indiretamente, com participação ativa no momento de construí-lo, executá-lo e registrá-lo, quanto

114 Informações disponíveis nos “sites”: <http://www.projetcerberero.com.br/?page_id=130> e <<http://www.projetcerberero.com.br/>> Acesso em: 05 nov. 2011. Ver nota 82.

115 Informação disponível no “site”: <http://www.fundacaobienal.art.br/novo/index.php?option=com_content&view=full&id=2605&Itemid=2947> Acesso em: 05 nov. 2011. Ver nota 82.

compartilhando textos e ideias. Além de performances, realizam vídeos experimentais, trabalhos plásticos, sendo um meio de produzir e apoiar artistas e eventos artísticos¹¹⁶.

O coletivo *Treze Numa Noite* apresentou a *SEU*, em 2010, três propostas: *Cabo de Força*: performance realizada no dia 20 de junho, às 15h, nas margens do *Guaíba*, próximo a *Usina do Gasômetro*, em Porto Alegre, utilizando-se de corda de 12 metros, e marca de giz no meio, baseada na brincadeira de *Cabo de Guerra*, em que dois artistas começam a ação, podendo outras pessoas participarem. *Reminiscências*: performance aberta a interação do público, em que os artistas realizam a limpeza ou remoção de marcas ou “memória” (poeira e fuligem) deixadas no chão da cidade (*Largo Glênio Peres*), que escondiam a matéria revelada através da ação (limpeza do piso no local). *Samba dos Feijões*: performance sonora com bacias e diferentes tipos de feijões, com possível participação do público, no *QG da Travessa dos Venezianos*, nº 30¹¹⁷.

➤ Vânia Medeiros (São Paulo/ SP): nasceu em Salvador/ BA, em 1984, mora em São Paulo, artista plástica, ilustradora e coreógrafa, “Graduada em Comunicação” pela *Universidade Federal da Bahia* e “Pós-Graduada em Linguagens Artísticas Combinadas”, em Buenos Aires/ AR. Trabalha com desenho, pintura, construção no papel e no espaço, preocupando-se com a cor, a textura e o contraste no seu fazer artístico. Para a artista o desenho é uma forma de apreensão das cores, preferencialmente contrastadas, realizando colagens com diversos materiais para conseguir variadas texturas. Desde 2007 realiza trabalhos tendo o espaço como suporte, propondo instalações, intervenções e performances. Ministra cursos sobre Arte Contemporânea na *Universidade de Guarulhos* e na *Escola São Paulo de Artes do Palco*. Apresentou para a *SEU*, em 2010, o projeto *Pontos de Fuga*, em que propõe o jogo entre corpo e espaço cotidiano dos que vivem na cidade, desenhando uma linha no chão que delimita ou determina a direção e sentido dos trânsitos, contendo pontos vermelhos luminosos que impõem imobilidade e remetem ao semáforo. O objetivo é conceber novos sentidos ao espaço ao propor diferentes trajetórias temporárias, usando o corpo e a percepção a partir de simples

116 Informação disponível no “site”: <http://www.fundacaobienal.art.br/novo/index.php?option=com_content&task=view&id=2605&Itemid=2947 > Acesso em: 05 nov. 2011. Ver nota 82.
117 Ver nota 82.

intervenções com materiais de curta duração como giz, fitas adesivas e outros, possibilitando o diálogo com as linhas e marcações condicionadoras de percursos e experiências na cidade de Porto Alegre. Ação realizada nos dias 20 e 21 de junho, a partir das 8h ruas da capital¹¹⁸.

➤ Wolder Wallace (Natal/ RN; Mora em Recife/ PE): nasceu em Natal/ RN, em 1962, mora em Recife/ PE, onde cursou “História”, na *Universidade Federal de Pernambuco*. Pensa na convivência, no mundo atual, como forma de esquizofrenia entre o individual e o coletivo, buscando questionar o sentido da realidade. Realizou a performance *Brinde (SEU)*, em 2010, com a proposta de alterar a rotina dos transeuntes, em que fez uma ação artística de cunho político, deitando-se seminu (vestindo apenas uma cueca) sobre um tecido posto no chão do *Largo Glênio Peres*, às 11h do dia 24 de junho, rodeado de copos e taças com líquido amarelo ou azul, e usando uma faixa que encobria toda a cabeça, escondendo sua identidade. Pensou nessa proposta como elogio aos valores democráticos e republicanos revelados pelo uso das cores nacionais e de texto proclamado no final, em que o artista após uma hora descobre a cabeça, levantando-se para administrar tal ato. Questionou o custo social de ser brasileiro: corpo seminu, rosto encoberto e pequenos movimentos ocasionais, indiscerníveis de atitudes não concretizadas, como mero esforço insuficiente. Valorizou o espaço público como território artístico acadêmico (Arte Contemporânea) e relacionou-se com o público ao distribuir fragmentos do trabalho como lembrança do acontecimento¹¹⁹.

Alguns projetos trazem características políticas como: “A Procura” (*Coletivo Curto-Circuito*), “*Psy-Soma*” (George Sander), “Estamos nos libertando do hábito que tínhamos de explicar tudo” (*Grupo Centro de Desintoxicação Midiática – C.D.M.*), “Vendo meu voto: TRATAR AQUI” (Lia Letícia), “*Image Off*” (Lourival Cuquinha) e “Brinde” (Wolder Wallace). O projeto “Comum União”, do Coletivo de Intervenções Múltiplas C.I.M. tem característica histórico-social e o projeto “Sagrado Coração de Izidorio Cavalcante”, de Izidorio Cavalcante relaciona arte com religião. Os projetos “Isto é apenas uma mulher” (Isabela Silveira), “*Poesia DesAparecida Ilustrada*” (Leopoldo Kunrath), “Como começou o mundo” (Milena Durante) e

118 Ver nota 82.

119 Informações disponíveis nos “sites”: <<http://pt-br.facebook.com/people/Wolder-Wallace/749742140>> e <http://www.mamam.art.br/index.php?option=com_content&view=article&id=194&Itemid=270>

Acesso em: 05 nov. 2011. Ver nota 82.

“Engessamento de Fando e Lis” (*Teatro Porcos com Asas*) apresentam caráter social. As demais propostas são de caráter mais estético por envolver questões ligadas à cor, ao objeto, ao espaço e a forma de captação de imagens.

Praticamente todos esses artistas e coletivos participaram das ações da *Semana Experimental Urbana (SEU)* em Porto Alegre, em 2010, sendo a única exceção a *Cia Teatro Lumbra*, em decorrência da chuva e de compromisso de último instante. Alguns artistas integram outros grupos ou coletivos como é o caso de Milena Durante que é uma das fundadoras da *Experiência Imersiva Ambiental (EIA)*, que é de São Paulo, e que também participou do evento. Todas as propostas remetem a estética relacional, por procurar interagir com público e espaço da cidade de forma direta, quebrando barreiras entre artista, público e propostas artísticas.

2.2.3 Percepção da Artista Fernanda Manéa sobre a SEU

A artista Fernanda Manéa é integrante da *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* e da *Semana Experimental Urbana (SEU)*, de 2010. Escolhi entrevistá-la para compreender suas impressões em relação a essas ações artísticas de Porto Alegre, no dia 23 de agosto de 2011, por manter contato com a artista e por sua relação de amizade com Camila Mello, Manuela Eichner e Rodrigo Lourenço, produtores da *SEU*. Fernanda Manéa é participante dos projetos como artista integrante, e não produtora, o que fornece percepção um pouco mais distanciada em relação aos dois projetos, visto que os produtores são responsáveis por pensá-los e o que dificulta no distanciamento sobre o que estão produzindo. As demais artistas entrevistadas: Camila Mello, Gaby Benedyct e Lílian Santos Gomes são integrantes da *Feira de Arte Contemporânea Desvenda*, sendo que a única que tem vínculo à *SEU* é Camila Mello, só que, no caso, não como artista e sim como produtora.

Segundo Fernanda Manéa, define a *Semana Experimental Urbana (SEU)* como “grupo não fixo”, em que entram novas pessoas, sendo uma “vivência artística urbana” que envolve um pouco de “troca” e “eventos realizados na rua”, em que “cada artista selecionava um lugar, relacionava-se com um espaço específico e com as pessoas” (MANÉA, 23 de agosto de 2011, em entrevista concedida a mim). Para a artista, a semana tem a finalidade de promover: “encontro de artistas, ações,

interferências em conjunto e em contato direto com o público”.

Fernanda Manéa trabalha com intervenção urbana o que a levou a participar da SEU. Projetou trabalho para a fachada da *Azul Galeria Produtora*, localizada na *Rua Lima e Silva*, nº 4, em Porto Alegre, no dia 19 e 20 de junho de 2010. Acredita que para um artista iniciante, a SEU é uma forma de “se inteirar com o que está acontecendo e participar”, sendo “mais uma contravenção do que uma inserção, uma forma crítica de pensar a arte”. Ao participar percebeu que ganhou “experiência e teve divulgação do seu trabalho artístico”, teve a oportunidade de “troca com artistas diferentes, de diversas linguagens” e, principalmente, em sua área de interesse: intervenção urbana. Para a artista a SEU proporcionou “as pessoas conviverem e acolherem as que vinham de outros lugares em suas casas, através da acolhida em que entra a alimentação e o nosso chimarrão congregando as pessoas em torno dele”.

Segundo Fernanda Manéa, a *Semana Experimental Urbana* é uma forma “despojada” de mostrar os trabalhos dos artistas, para que tenham “relação com o espaço de rua”, contextualizando-os “com o ambiente” e conseguindo uma “interação” com os transeuntes, “deixando-os mais a vontade para interagir”. Não considera a SEU como uma instituição de arte, sendo um projeto em formação que necessita de algum tipo de financiamento para existir, que, em 2010, foi do *FUMPROARTE*.

A *Desvenda* e a SEU facilitaram o acesso a participação de artistas iniciantes, por não serem “espaços convencionais” de arte, sendo propostas de ocupação de espaços específicos como galerias de vários lugares do Brasil, a cada edição ocupando uma galeria, (*Desvenda*) e a cidade de Porto Alegre (*SEU*). São projetos que permitem interação entre artista, público e obra. A *Desvenda* teve sua forma mais aberta ao público, permitindo-o tocar nas obras, quando situada no *QG da Travessa dos Venezianos*, nº. 30.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de conclusão teve seus objetivos alcançados, visto que conseguimos levantar dados satisfatórios sobre a *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* e a *Semana Experimental Urbana (SEU)*, em que foi possível perceber como surgiram e funcionam e quais os artistas as integram e participam. Parte significativa da pesquisa foi realizada pela “Internet”, a grande aliada dessa pesquisa, que serviu como recurso para localizar contatos e dados pessoais de algumas pessoas e coletivos em “sites” de relacionamento como o “Facebook” e o “Gtalk” utilizado para entrevistar a produtora Camila Mello. Houve a utilização de correspondência eletrônica (e-mail) e procura de documentos eletrônicos como textos e revistas em meio virtual.

A *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* difere da *Semana Experimental Urbana (SEU)* em alguns aspectos como: espaços onde ocorrem as ações. A *Desvenda* ocorre em lugares institucionalizados de arte e a *SEU* em locais não institucionalizados como o espaço da cidade de Porto Alegre. A *Desvenda* se caracteriza como feira e a *SEU* como modo de se relacionar com artista, obra, espaço e público. A *Desvenda* procura vender ou trocar suas obras, o que está mais no âmbito comercial e econômico, enquanto que a *SEU* produz propostas e não obras de arte, em que há interação e, às vezes, doação do que é produzido, por isso é considerada com maior característica de “estética relacional” do que a *Desvenda*.

A *Desvenda* apresenta características de cooperativa, ao estar vinculada à economia solidária, em que existe um líder, Rodrigo Lourenço, que a organiza. Os artistas buscam vender suas produções unindo-se e dividindo despesas, como funciona em uma cooperativa baseada na economia solidária (SINGER, 2002).

A *SEU* não apresenta característica de cooperativa, pensada na perspectiva da economia solidária, de Paul Singer (2002). O fato é que precisam de apoio financeiro de editais, que é algo burocratizado e pertencente à economia capitalista, não havendo meios de dividirem as despesas como é feito na *Desvenda*. A *SEU* é um projeto que envolve altos custos, devido a transporte, viagem, estadia e pagamento dos artistas que se deslocam de outros lugares do Brasil para Porto Alegre. Pode ser considerada, também, como um coletivo aberto, no momento em que os artistas são selecionados para participar do evento e produzem coletivamente reflexões e documentação, registrando suas propostas artísticas para a *SEU*.

Segundo Zygmunt Bauman (2003), existe a “comunidade da *Crítica do Juízo: comunidade estética* de Kant”, em que:

A identidade parece partilhar seu status existencial com a beleza: como a beleza, não tem outro fundamento que não o acordo amplamente compartilhado, explícito ou tácito, expresso numa aprovação consensual do juízo ou em conduta uniforme. Assim como a beleza se resume à experiência artística, a comunidade em questão se apresenta e é consumida no “círculo aconchegante” da experiência. Sua “objetividade” é tecida como transitórios fios dos juízos subjetivos, embora o fato de que eles sejam tecidos juntos empreste a esses juízos um toque de objetividade. (BAUMAN, 2003, p.62)

Consideramos a SEU como uma comunidade estética por valorizar a experiência realizada em conjunto por seus integrantes e participantes no momento em que atuam com suas propostas artísticas e se unem com o mesmo objetivo o de tomar a cidade para si.

De acordo com Zygmunt Bauman (2003), “às vezes uma comunidade estética se forma em torno de um evento festivo recorrente” como alguma partida esportiva, apresentação musical, ou outro tipo de evento capaz de agrupar pessoas, em curto prazo de tempo, ou “em torno de “problemas” com que muitos indivíduos se deparam” diariamente, como a obesidade (BAUMAN, 2003, p. 67).

Todos esses agentes, eventos e interesses servem como “cabides” em que as aflições e preocupações experimentadas e enfrentadas individualmente são temporariamente penduradas por grande número de indivíduos – para serem retomas em seguida e penduradas alhures: por essa razão as comunidades estéticas podem ser chamadas de “comunidades-cabide”. (BAUMAN, 2003, p. 67)

A SEU tem características de uma comunidade 'estética' ou 'cabide', por unir pessoas de mesmo interesse, mas com diferentes identidades, por pertencerem a contextos e lugares diversos, em curto prazo de duração, no caso da SEU, uma semana (BAUMAN, 2003, p.67).

De Mais faz uma análise sobre grupos criativos europeus, em que aponta como a principal característica a “proeminência do líder fundador”:

capaz de uma dedicação quase heroica pelo objetivo; excepcionalmente eficaz na criação de um *set* psicossocial, um clima, um fervor fora do comum; fortemente orientado, com tensões equivalentes, seja para a tarefa, seja para com o grupo, seja para consigo próprio; carismático e competente acima de qualquer expectativa; inconscientemente inclinado a comportar-se quase como se desejasse que a organização por ele criada morresse como ele; atento em alimentar a memória e a história do grupo com notas biográficas, cartas, fotografias, documentação meticulosa; capaz de transformar os conflitos em estímulos para a idealização e a solidariedade. (DE MASI, 2007, p. 20)

A partir das entrevistas sobre a Desvenda e a SEU (ver Apêndices do G até o L) observamos que a maioria apresenta admiração e respeito pelos produtores de ambos os projetos, destacando-se Rodrigo Lourenço, por produzi-los. Fazendo uma análise a partir do que os entrevistados disseram, a maioria percebe Rodrigo Lourenço na linha de definição de líder descrita por De Masi (2007, p.20). De acordo com De Masi (2007), consideramos a Desvenda como um grupo criativo, porque tem um líder aparentemente admirado, confiável e íntegro em suas ações – conforme análise das entrevistas –, e por ser uma cooperativa de artistas, com o objetivo de vender suas produções (DE MASI, 2007, p. 171).

A Desvenda em sua forma atual itinerante funciona como um coletivo aberto, ao propor a ocupação de determinados espaços de galerias brasileiras, mesmo que seja para vender trabalhos, visto que artistas vendem suas produções em galerias quando realizam exposições de arte. Quando era situada na *Travessa dos Venezianos*, apresentava características ligadas à “estética relacional” e à comunidade, por haver maior interação com o público e por se unir a artistas e pessoas que colaboravam com as ações da feira no local.

A *Semana Experimental Urbana (SEU)*, assim como a *Desvenda*, é um grupo criativo, tendo três líderes: Camila Mello, Manuela Eichner e Rodrigo Lourenço, que de acordo com análise das entrevistas, são carismáticos e responsáveis pela organização e produção das ações de artistas por eles selecionados para participar da *SEU*.

A *Desvenda* e a *SEU* são formas múltiplas e não pertencem somente a único conceito, sendo que a *SEU* é um processo de desinstitucionalização de espaços expositivos de arte, no momento em que ocupa a cidade como espaço de exposição, e a *Desvenda* está se vinculando cada vez mais a espaços institucionais expositivos de arte, o que pode ocasionar em sua burocratização para selecionar artistas participantes do evento futuramente. A entrevista com Gaby Benedyct relata essa questão, no momento em que na *Travessa dos Venezianos* artistas não tinham grande experiência nos aspectos técnicos de montagem e organização de uma exposição, assim aprendiam uns com os outros, e, agora, nos moldes de itinerância da feira, as exigências de saber como expor são maiores.

Portanto, consideramos que involuntariamente a Desvenda está deixando o formato de feira para se tornar uma exposição de arte¹²⁰. Podem ser consideradas

120 A entrevista a mim concedida por Gaby Benedyct foi realizada em 1 de setembro de 2011. A informação sobre a involuntariedade do ato de se tornar uma exposição é observada em entrevista com o produtor Rodrigo Lourenço, que a pensa como feira e não como exposição artística.

como “propostas relacionais” e não de “estética relacional” quando a *Desvenda* for pensada em seu formato inicial na *Travessa dos Venezianos* em que artistas trocavam informações, aprendiam uns com os outros e criavam vínculos afetivos como de amizade, abordado por Claudia Paim na Dissertação de Mestrado “*Espaços de Arte, Espaços da Arte*” (PAIM, 2004, p. 28) ressaltando a importância da amizade em agenciamentos e estratégias coletivas.

Consideramos a *Desvenda* e a *SEU* como propostas relacionais por seus “modos de fazer” que se preocupam com as relações inter-humanas e a maneira como elas se constituem, sendo os trabalhos artísticos meios para que essas relações ocorram, sejam entre artistas, público, obra e/ ou espaço. Essa é uma das diferenças entre “estética relacional” e “proposta relacional”, visto que a teoria de Bourriaud (“estética relacional”) preocupa-se mais como são as relações inter-humanas quando estão vinculadas à obra de arte.

A Semana Experimental Urbana (SEU) tem como premissa: momento de encontro, convívio, troca, que estão no âmbito das relações humanas e que são traduzidos por Nicolas Bourriaud como interstício: “espaço de relações humanas que, mesmo inserido de maneira mais ou menos aberta e harmoniosa no sistema global, sugere outras possibilidades de troca além das vigentes nesse sistema” (BOURRIAUD, 2009, p. 22-23) e “gera durações com um ritmo contrário ao das durações que ordenam a vida cotidiana, favorece um intercâmbio humano diferente das “zonas de comunicação” que nos são impostas” (Idem, p.23).

Nesses projetos as pessoas conseguem se encontrar em determinado espaço-tempo, para pensarem sobre arte, gerando a realização de exposições em vários lugares, sejam eles formais (como museus e galerias) ou não (como as ruas da cidade de Porto Alegre) para o sistema das artes. A *Desvenda* e a *SEU* procuram expor arte até nas ruas de Porto Alegre, para ver a reação das pessoas que passam pelos lugares onde ocorrem as *performances*, ou onde os artistas interagem com o público. Pode-se pensar na questão de espaço expositivo e em quais lugares é possível expor arte, em: galerias, ou nas ruas da cidade, como fazem esses coletivos.

Alternativo é uma forma diferente de se relacionar, ou posicionar ao que é imposto as pessoas. Modo diferente de encontrar meios de burlar as regras e mudar paradigmas sociais. Em conversa com Camila Mello (07 maio de 2011, na Esquina Democrática, durante a Festa de Rua da *SEU*), percebe-se que a *Semana Experimental Urbana (SEU)* tem como um dos embasamentos teóricos os movimentos de contracultura, que, também, serviram para originar o movimento *hippie*. Os espaços alternativos surgiram no início da década de 1970 (Brasil), e de

1960 (mundialmente), quando surgem os movimentos *hippies*. Esses foram movimentos de contracultura, que faziam crítica à indústria cultural. O objetivo era levar as pessoas a pensarem sobre o sistema capitalista e romper com esse sistema, por fazer com que as pessoas produzam muito para ganharem pouco e gastarem o que ganharam em produtos industrializados gerados para serem consumidos. A ideia é de que as pessoas ficavam sem tempo para viver e se divertir, por isso, existe o desapego aos bens materiais e a valorização do espiritual (o pensamento, o cuidado com o corpo, com a mente, o estar junto com outras pessoas, compartilhando momentos).

No pensamento de estar junto e compartilhando momentos com outras pessoas é que se pensa nesse conceito, que, não é propriamente um espaço físico, mas um espaço-tempo inventado para que haja esse encontro, no caso: os colaborativos de arte podem ser considerados espaços alternativos. A Desvenda baseia-se na economia solidária, que é uma forma alternativa de economia, por ser diferente da economia capitalista que é utilizada pela maior parte das empresas, para encontrar meios de financiar seus projetos.

A *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* e a *Semana Experimental Urbana (SEU)* possibilitam alguma visibilidade ao artista, mas referente a mercado de arte e, principalmente, a público diversificado informado ou não sobre essa área de conhecimento. Se inicialmente não pontuavam no Currículo Acadêmico, agora pontuam, pois ambas possibilitam a itinerância ou de produções artísticas (Desvenda), ou de artistas de outros lugares do Brasil (SEU). A Desvenda participou de várias itinerâncias importantes como à última que ocorreu no SPA das Artes (11 de setembro a 18 de setembro de 2011), em Recife, onde ocupou o Museu Murillo La Greca, de 11 de setembro a 12 de outubro de 2011, período que vai além da data prevista para o término do evento SPA das Artes (18 de setembro de 2011). A SEU teve contato com diferentes artistas, grupos e coletivos reconhecidos, que são de vários lugares do Brasil, trazendo-os para Porto Alegre, em 2010 (ver capítulo 2.2, parte 2.2.2).

Considero este estudo importante para minha formação por ter me possibilitado conhecer mais sobre o funcionamento das políticas culturais pós-modernas e das dificuldades encontradas pelo artista para inserção no circuito de arte em Porto Alegre, o que leva produtores a realizar propostas como a *Feira de Arte Contemporânea Desvenda* e a *Semana Experimental Urbana (SEU)*. No caso, as políticas culturais servem para fomentar a cultura, seja por programas de intervenção oferecidos pelo “Estado, instituições civis, entidades privadas ou grupos

comunitários” para “satisfazer as necessidades culturais da população” e para que haja o “desenvolvimento” das “representações” que por elas são produzidas, estando de acordo com Teixeira Coelho (1997, p. 292-299).

Segundo Teixeira Coelho (COELHO, 1997), essas políticas sofreram alterações significativas da modernidade à pós-modernidade, pois se originaram no período da modernidade a partir da criação do Estado-nação, com o pensamento de se construir algo para um futuro melhor. Na pós-modernidade, esse pensamento se modificou com a busca de satisfação no momento presente, havendo a desvalorização do empenho para que haja desenvolvimento cultural, tornando esse investimento secundário (1997, p. 302). Em Porto Alegre, nota-se que não há muito investimento nas políticas culturais e que realmente isso é algo secundário para a política nacional que já não investe adequadamente em outros setores como da Educação e Saúde, por exemplo, devido à má distribuição de renda, pois acompanhando diariamente as notícias nota-se que a economia brasileira está crescendo, mas as verbas continuam sendo mal empregadas.

A desconfiança na “potencialidade organizativa” do Estado de ser capaz de solucionar os “problemas humanos” levou as instituições a começarem a procurar reduzir ao máximo a “ação direta da burocracia” por “esfriamento ou rejeição” da “representação e da delegação”. O indivíduo deixou de delegar ao Estado “a função” que esse teria de “atender suas necessidades culturais”, tornando-se, de certa forma, independente para tomar suas próprias atitudes em relação a essas necessidades. Esse descontentamento com as políticas culturais pós-modernas é que levou Rodrigo Lourenço, por exemplo, a criar a Desvenda e a SEU, como mencionou em entrevista por ele a mim concedida em 27 de setembro de 2011. (Ver Apêndice M, p. 132).

Como futura historiadora, teórica e crítica da arte eu percebi que não é necessário utilizar espaços de galerias ou museus para realizar exposições ou apresentar propostas artísticas de arte, principalmente, quando envolvem interação com o público. Essas propostas são mais bem apresentadas em locais onde existem maior fluxo de transeuntes, como no caso da *SEU*, em que artistas tomaram o espaço de Porto Alegre para si. Isso implica que arte não precisa ser realizada em espaço de atelier pode ser feita nas ruas, para as pessoas, sejam elas leigas ou não em relação a essa área de conhecimento. É uma maneira de fazê-las perceber a existência da arte e seu caráter socializante.

Descobriu-se que há carência de veiculação que possibilite a críticos de arte escreverem sobre exposições, sendo instaurada quando ocorrem grandes eventos artísticos, como a Bienal do Mercosul, que é patrocinada por meios de veiculação

como jornais. Basta olhar o jornal nos fins de semana, durante o período de Bial que serão encontradas críticas sobre o evento realizadas por Paula Ramos, por exemplo. Em relação ao mercado de arte, como foi visto em entrevistas a artistas participantes da *Desvenda*, existem colecionadores de arte que compram suas produções, mas, estima-se que a maioria dos colecionadores de Porto Alegre não investe muito em arte contemporânea, principalmente em trabalhos de artistas em início de carreira, por ser algo muito arriscado, como é ressaltado por Gaby Benedyct, em entrevista com a agente cultural, que também é colecionadora de obras de arte¹²¹.

Como mencionado, anteriormente, a teorização de “proposta relacional” não tem o mesmo significado de “estética relacional” desenvolvida por Nicolas Bourriaud (2009), embora ambas estejam fundamentadas no conceito de interstício social do autor. Considera-se a “estética relacional” imprópria para conceituar propostas como a *Desvenda* e a SEU, por não pertencer ao contexto local (Porto Alegre, RS/ Brasil) e sim ao francês, além de ser mais utilizada para qualificar trabalhos artísticos e não para ir ao âmago dessas propostas, procurando seus modos de funcionamento. A teoria de “proposta relacional” começou a ser construída e poderá ser mais bem desenvolvida em próximos trabalhos acadêmicos. Pensa-se em questões que podem ser incorporadas a esse novo conceito que está em construção, como o significado de participação e de colaborativo, de Claire Bishop (2006) e o significado de partilha do sensível de Jacques Rancière (2005). Além disso, podem-se pesquisar outras propostas que envolvem iniciativas coletivas em Porto Alegre, como o Coletivo Bando de Barro, que é mediado por Rodrigo Núñez (Professor do Instituto de Artes da UFRGS, que nasceu em 1970, em Porto Alegre).

121 Sobre o risco de comprar arte de artistas iniciantes, em entrevista a mim concedida em 1 de setembro de 2011.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Fernanda. **Troca, soma de esforços, atitude crítica e proposição:** Uma reflexão sobre os coletivos de artistas no Brasil (1995 a 2005). 2006, 273 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais – HTC) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional.** Tradução: Denis. e Bottmann. São Paulo: Martins, 2009. (Coleção Todas as Artes)

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural: cultura e imaginário.** São Paulo: Iluminuras, 1997. 384 p.

COSTA JR., Gilberto Garcia da. **27ª Bienal de São Paulo: É possível viver junto?** Os profissionais de bastidores e a arte contemporânea. 2008. 176f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Programa de Pós Graduação em Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Plesbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, 2008.

DE MASI, Domenico (org.). **A emoção e a regra: Os grupos criativos na Europa de 1850 a 1950.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

ESCÓSSIA, Liliana da; KASTRUP, Virgínia. **O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo-sociedade.** In: Psicologia em Estudo. Maringá, v. 10, n. 2, p. 295-304, mai./ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n2/v10n2a17.pdf>> Acesso em: 07 jun. 2011.

GIRAUDY, Danièle; BOULHET, Henri. **O museu e a vida.** Minas Gerais: Editora UFMG, 1990, p. 23-25.

KNAAK, Bianca. **Mundo e lugar: espaço para a arte contemporânea.** In: Concurso de Artes Plásticas: 10 anos de arte contemporânea. Porto Alegre: Goethe-Institut, 2009, 2p.

MESQUITA, André Luiz. **Insurgências Poéticas: Arte Ativista e Ações Coletivas**

(1990-2000). 2008, 428 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2008.

MOREIRA, Dânia M. de C. **Sobre o lugar expositivo: um olhar crítico sobre os espaços de exposição de arte contemporânea em Porto Alegre**. Porto Alegre, 1010.

PAIM, Claudia Teixeira. **Coletivos e iniciativas coletivas: modos de fazer na América Latina contemporânea**. 2009, 294 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais – HTC) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2009.

_____. **Espaços de Arte, Espaços da Arte: perguntas e respostas de iniciativas coletivas de artistas em Porto Alegre, anos 90**. 2004. 342 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais – HTC) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2004.

RIVITTI, Thais, et al. **Espaços independentes**. São Paulo: Edições 397 - Conexão Artes Visuais MinC Funarte Petrobras, 2010. p. 80-97.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOUZA, Alice. Orientadora: Ana Maria Albani de Carvalho. **Atelier Subterrânea: uma abordagem sobre estratégias artísticas coletivas no meio artístico em Porto Alegre**. Porto Alegre: Monografia, UFRGS, 2009.

Sites e blogs

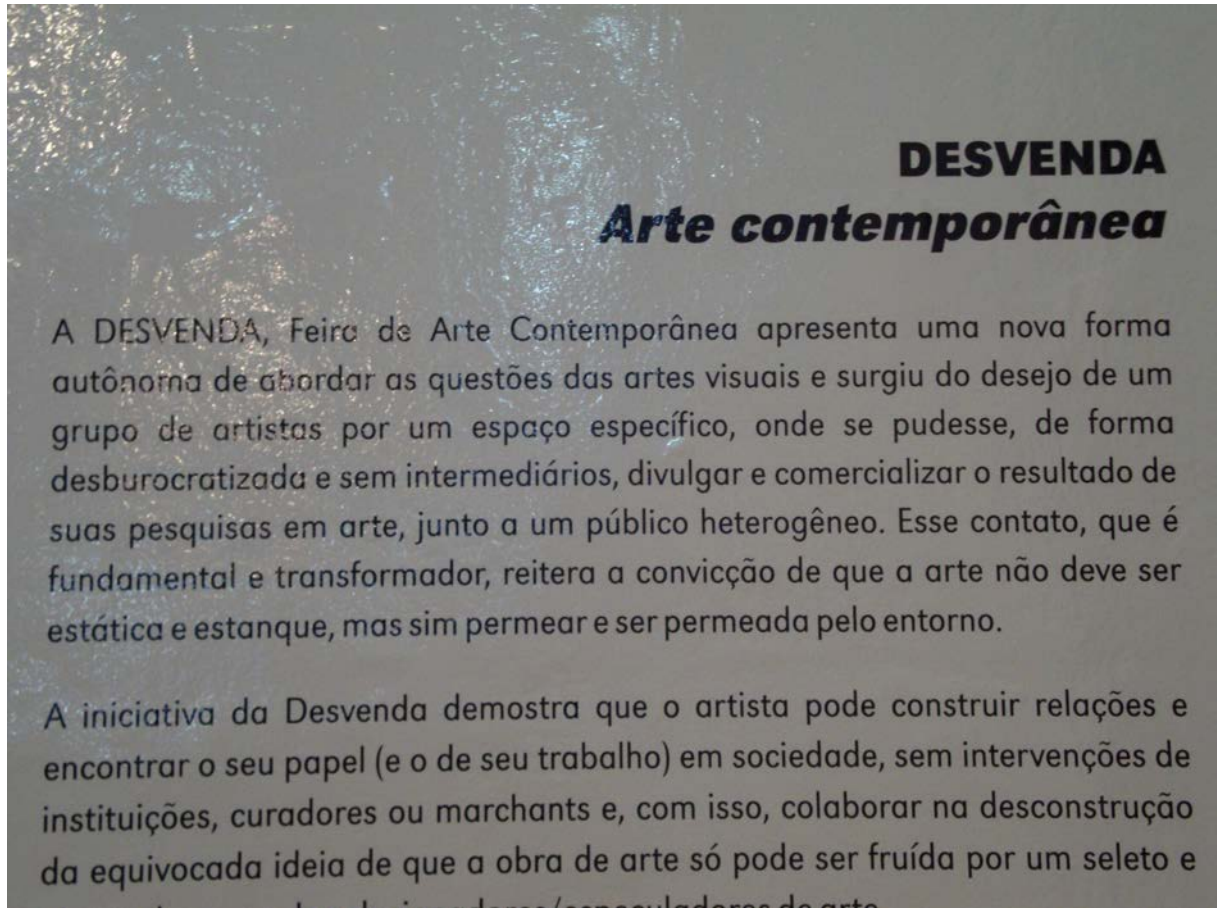
Azul Galeria Produtora. Disponível em: <<http://www.benedyctweb.blogspot.com/>> Acesso em: 29 nov. 2011.

Desvenda. Disponível em: <<http://desvenda.wordpress.com/>> Acesso em: 08 jun. 2011.

SEU. Disponível em: <<http://portoalegreseu.wordpress.com/>> Acesso em: 08 jun.

2011.

APÊNDICE A – Texto sobre a Desvenda
(Exposição de 01 a 24 de Abril de 2011, na Casa de Cultura Mário Quintana)



Detalhe do texto sobre a exposição da Desvenda. Foto de Renata Machado Camargo.

**APÊNDICE B – Espaço expositivo reservado à Desvenda
(Exposição de 01 a 24 de Abril de 2011, na Casa de Cultura Mário Quintana)**



Detalhe do espaço reservado à Desvenda. Foto de Renata Machado Camargo.

**APÊNDICE C – Festa de Rua SEU
(07/05/2011, início: 15h, na Esquina Democrática/ Porto Alegre)**



Foto de Felipe Oliveira dos Anjos.

**APÊNDICE D – Entrevista com Rodrigo Lourenço
(13 nov. 2010, no Centro Cultural CEEE/ Porto Alegre)**

Principais pontos da entrevista concedida a Renata Machado Camargo, para trabalho final, da Disciplina de Ciência da Arte: Campo Social (Professora Bianca Knaak), realizado em dupla com o colega Felipe Gomes. Entrevista transcrita procurando ser fiel ao que Rodrigo Lourenço disse.

Renata: - Em que contexto surgiu a Feira de Arte Contemporânea Desvenda? E o que se pretendia com a criação da feira?

Rodrigo: “É difícil de falar em contexto, foi de uma ideia que surgiu da percepção na capacidade que temos de realizar e gerenciar nossas próprias produções. Surgiu da necessidade do espaço de expor, de um espaço desburocratizado e de fácil acesso, e de pensar arte fora da academia. A Desvenda é celebração, encontro entre artistas. A ideia foi se de estruturar como feira para melhor acesso do artista sem a dificuldade de uma exposição de arte. Ela é um espaço de convívio e de ocupação. Hoje, ela tem feiras de intercâmbio, levando trabalhos daqui para onde eram convidados e já passou por lugares daqui do Estado como Santa Maria e Montenegro”.

Renata: - O que é o campo social artístico e um ação social na arte para ti?

Rodrigo: “O artista não precisa trabalhar na favela para ter uma questão social, o trabalho do artista deve ser valorizado antes de chegar ao ponto de ‘tirar as pessoas da força’. As ações sociais na arte devem pensar as cidades e, talvez, integrar as comunidades e promover uma integração da arte. Acho que as ações sociais têm que ser responsabilidade das políticas públicas e não da arte, porque isso é uma obrigação do Estado. A arte não serve para melhorar nada, e sim para que as pessoas tenham consciência da sua vida, do seu entorno. As sociedades e comunidades devem ser ativas e, para isso, é necessário o artista. Talvez, para mostrar as possibilidades de que é possível fazer algo. As ações da EIA (Experiência Imersiva Ambiental), em São Paulo, faz muito isso. E penso a relação social como assistencialismo, que é obrigação das políticas públicas”.

Renata: - Que relação vês na Desvenda com o campo social da arte? E como funciona a atuação da Desvenda com o campo social da arte? Que relação percebes na SEU com o campo social da arte? E como funciona a atuação da SEU no campo social da arte?

Rodrigo: “A Desvenda não tem muita questão social, a proposta é se integrar ao cotidiano das pessoas e os artistas se aproximarem. A Desvenda e a SEU são relacionais e não do campo social da arte”.

Renata: - Em que contexto surgiu a Semana Experimental Urbana (SEU)? E o que se pretendia com esta criação?

Rodrigo: “Em Porto Alegre, havia a necessidade de lugares para expor fora da instituição. Também, por falta de incentivo, de sair a campo e de buscar informação. Tem uma produção muito boa, em Porto Alegre, que não está visível e, como eu também tenho uma produção artística, achei interessante ter esse encontro para pensar a questão de interação e de relação com o urbano. Então, a SEU surgiu como um evento de celebração, com a ideia de tomar a cidade para si e com as pessoas. A SEU é uma relação de rua, projeto, sociedade e artistas. Tem artistas que participaram da SEU e que promovem ações artísticas, como o Bim Fernandez,

também, têm os que causam estranhamentos com o ambiente, outros que trabalham com a ocupação de espaços, de formas diferentes: deslocando espaços, e os que fazem performances, assim fazendo com que a SEU tenha permeado por toda essa coisa de multidisciplinaridade no evento. Hoje, recebemos projetos de todos os lugares do Brasil e nos dias 16 e 22 de novembro temos lançamento do Catálogo Corpo-Cidade, no Rio de Janeiro”.

**APÊNDICE E – Entrevista com Rodrigo Lourenço
(19 abr. 2011, na Casa de Cultura Mário Quintana/ Porto Alegre)**

Breve entrevista concedida a Renata Machado Camargo, em encontro casual, quando visitava a exposição da Desvenda, na Casa de Cultura Mário Quintana. Foi transcrita procurando ser fiel ao que Rodrigo Lourenço disse.

Renata: - A Desvenda voltou a ocupar o espaço da Travessa dos Venezianos, nº 30?

Rodrigo: “Não, porque depois de reformarem o espaço houve aumento de custo do aluguel e não foi possível manter o local. O Instituto Estadual de Artes Visuais (IEAVI) nos proporcionou expormos, na Casa de Cultura, e a nossa próxima exposição será em Brasília, por intercâmbio de arte”.

**APÊNDICE F – Entrevista com Rodrigo Lourenço
(13 mai. 2011, por e-mail)**

Entrevista concedida a Renata Machado Camargo, por e-mail, em 11 de maio de 2011.

Em 11 de maio de 2011 09:48, **Renata Machado Camargo** <renata.mcamargo2006@gmail.com> escreveu:

“Oi, estou realizando meu trabalho de conclusão do Bacharelado em História, Teoria e Crítica da Arte sobre o SEU e a Desvenda (...) e o Bando de Barro. A pesquisa tem foco nos espaços alternativos de exposição em Porto Alegre, além das iniciativas coletivas que possibilitam a realização dessas exposições. Gostaria de algumas informações: Qual o ano exato da criação do SEU e da Desvenda, e a data de nascimento de cada integrante, como meio de saber a geração que os criaram. Também, tenho interesse em saber os principais autores e seus respectivos livros que embasaram teoricamente a criação do SEU e da Desvenda”.

Aguardo respostas.

Renata M. Camargo - IA / UFRGS

Em 13 de maio de 2011 11:45, **Rodrigo Lourenço** <lourenco75@gmail.com> escreveu:

“Oi Renata, vou tentar te ajudar.

Desvenda:

Existe desde 2008, eu que coordeno a Desvenda nasci em 1975.

SEU:

Existe como desejo desde 2007, como projeto desde 2009, foi realizado com patrocínio do FUMPROARTE em 2010.

O grupo inicial é formado por:

Camila Mello, que é do coletivo Mergulho (1976)

Manuela Eichner, que é do coletivo Mergulho (1984)

e Rodrigo Lourenço (1975)

no site do SEU pode-se baixar tanto o catálogo quanto o caderno de textos que argumentam o SEU

http://portoalegreseu.files.wordpress.com/2010/11/caderno_seu_fim.pdf

http://portoalegreseu.files.wordpress.com/2010/11/documento_seu.pdf

Sobre a Desvenda e embasamento teórico: nosso movimento é humano, de desejo, de resistência, de encontrar vias de acesso e de atuação. Estamos pensando nosso entorno. Obviamente que já lemos Guattari, Marx, Deleuze, Couquelin e Bordieu, mas não temos a pretensão ou a necessidade de atender uma expectativa da academia. Sabemos que há precedentes e possibilidade de encontrar esse suporte

teórico, porém não estamos nos concentrando muito nisso. Creio que ir para o lado da economia solidária seja mais acertado. Paul Singer talvez ajude a pensar melhor (com qualidade), é um autor fundamental para se pensar a economia de forma justa.

Espero ter ajudado”.

R.

APÊNDICE G – Entrevista com Fernanda Manéa sobre a Desvenda

Entrevista com Fernanda Manéa, concedida a Renata Machado Camargo, em 23 de agosto de 2011, transcrição procurando ser fiel ao que disse.

Renata: No teu trabalho percebo que é mais recorrente a figura humana e que os títulos são bem pensados (às vezes, trazem olhar crítico e um pouco de humor, como se dialogassem com a imagem), poderia falar mais sobre teu trabalho?

Fernanda: “Tenho cuidado ao colocar o título, tento não impor, mas dar caminho para inspirar a percepção, procuro não restringir as coisas com o título, mas abrir a novas possibilidades de interpretação, como nos desenhos e intervenções. No meu trabalho em que utilizei disquetes como suporte, por exemplo eu os encontrei na rua e os guardei por dois anos até virarem suporte. O meu trabalho cruza os limites do que é desenho e o que é suporte. Ampliando o espaço de representação, de maneira que o desenho integra-se com o espaço inserido, à materialidade da superfície, tornando-se uma composição aberta, que invade e é invadida pelo espaço entorno. No início, tinha dificuldade de desenhar mãos e pés e o Professor Alfredo Nicolaiewsky perguntou por que eu sempre fazia a figura humana com as mãos e os pés escondidos e me incentivou a desenhá-los, até que aprendi e adoro fazer isso. Desenho é desafio, buscar compreender através dele, á medida que se desenha um objeto ou modelo, se passa a percebê-lo de maneira mais aprofundada, e as linhas e rugas das mãos podem ser muito expressivas. Mãos e pés remetem a qualquer pessoa, não tem identidade, e sim mais gesto, minha atenção é voltada para isso”.

Renata: Participastes de quase todas as edições da Desvenda, sei que em abril de 2009, conseguistes vender um dos teus trabalhos, teve outros vendidos por intermédio da Desvenda além desse? E realizastes a troca de algum trabalho durante a tua participação?

Fernanda: “Sim, participo do projeto desde o início, a Desvenda funcionou como algo de inter-relação entre artistas, público e colecionadores, um meio de conhecerem outras pessoas, inclusive a outros artistas. Foi um evento que movimentou a rua, abriram vários lugares em volta, como o Gabinete das Curiosidades, bares e uma pizzaria. Até hoje a Travessa dos Venezianos é bem movimentada, desde que o Rodrigo Lourenço teve essa ideia. Vendi diversos bastantes trabalhos e cheguei a vender quatro de uma única vez para um colecionador, foi bom. Um deles foi vendido por intermédio da Gaby Benedict. Realizei trocas. Particpei de um escambo no Gabinete das Curiosidades. Quando morava com a Manu (Manuela Eichner) fazíamos escambos todo ano, no final do semestre em nosso apartamento, colocávamos as obras (anônimas) na parede e cada interessado em trocar podia escrever seu nome em etiquetas, colando-as abaixo da obra, na nossa casa de trabalhos artísticos, também”.

Renata: O que a Desvenda representa para ti? Como pode defini-la?

Fernanda: “Na Travessa dos Venezianos foi uma grande possibilidade de troca, de intercâmbio de ideias, ali era um lugar próprio para isso e já tinha a data marcada, além de falar sobre trabalho, e novas experimentações, conhecer outros artistas de outros Estados, por meio de grupos que o Rodrigo Lourenço já os conhecia e os convidou para participarem”.

Renata: Considera a Desvenda como cooperativa, coletivo, grupo, espaço de exposição, eventos, ações de arte, ou modos de expor o trabalho?

Fernanda: “Coletivo onde todos são iguais, um lugar de ações de arte, porque sempre tinha performance, música, projeções de vídeo na fachada da rua, discussão, troca e era bem livre, sem hierarquia, algo superaberto, não tinha nada de burocrático, algo como uma confraternização artística e aprendizagem, porque tinham pessoas que não sabiam nem como emoldurar um trabalho, no caso, artistas iniciantes, ou pessoas que iam visitar e pediam para expor. As pessoas ajudavam com ideias para expor, criando modos de expor”.

Renata: O que a fez participar da Desvenda?

Fernanda: “A vontade de expor meu trabalho, a vontade de aproveitar essa oportunidade, de uma forma um pouco mais direta, sem ter que passar por uma seleção, ou comissão julgadora e, também, porque conhecia o Rodrigo Lourenço, e admirava por algumas pessoas que já participavam, conhecia e admiro”.

Renata: Acredita que ela pode ser uma forma de um artista iniciante ter a oportunidade de se inserir no circuito de arte? Por quê?

Fernanda: “Depende de que circuito específico, Porto Alegre tem um circuito difícil não é fácil entrar nele. Mas acredito que a Desvenda seja uma forma de um artista iniciante ter possibilidades de mostrar seus trabalhos em outros estados e diversos outros artistas e maneiras independentes de exposição, que fogem um pouco dos Museus e Galerias tradicionais. De meu trabalho ser visto por grandes colecionadores, isso não ocorreu. Fui mais reconhecida por pessoas que frequentavam a Desvenda, na Travessa dos Venezianos, ou visitavam o blog. Um público diverso e jovem. Não há certeza de que vai entrar no circuito de arte local, mas é uma forma de divulgar para um público interessado por arte”.

Renata: Ao expor seus trabalhos pela Desvenda isso acrescentou algo a sua carreira, como visibilidade no campo artístico?

Fernanda: “Sim, por exemplo, quando o colecionador comprou o meu trabalho, por que era um desenho original da ‘Fernanda Manéa’ (ele já tinha alguns trabalhos e queria adquirir mais), reconhecendo que era meu. Para mim, isso foi compensador e gratificante, por ser um pouquinho desse reconhecimento. Na Desvenda, pode-se acompanhar as transições dos trabalhos, o desdobramento de uma ideia, por produzir a exposição mensal, além de possibilitar ouvir diretamente comentários, interpretações e críticas”.

Renata: Considera a Desvenda como uma instituição de arte, equivalente a uma galeria, por exemplo?

Fernanda: “Ela já é reconhecida como algo autônomo, mas institucionalizado quebra um pouco do ideal da Desvenda, não seria a meta, o objetivo”.

Renata: O que pensa sobre a forma de a Desvenda expor os trabalhos dos artistas, misturando desenhos, gravuras, pinturas, esculturas, entre outras linguagens artísticas na mesma exposição?

Fernanda: “É uma forma múltipla e aberta como todas as edições da Desvenda que propõe agregar e não diferenciar ou hierarquizar nada. Até já foi criticado o modo de expor (forma de gabinete), como “poluído”, mas isso também ficou como estilo da Desvenda, sem ser museu (cubo branco), aproveitando o espaço da melhor forma possível. Quem participa sabe que vai ser exposto assim, como se sabe, faz-se um trabalho mais específico ou encaixado para esse tipo de exposição, de mostra. Os participantes podem ajudar na montagem”.

Renata: Sabe-se que a Arte Contemporânea valoriza muito o processo do artista (*poiética*). Dentro dessa concepção, pode-se dizer que a Desvenda valoriza mais o

produto final ou mais o processo artístico? Por quê?

Fernanda: “Depende do trabalho que está na mostra. Porque se pode ter a liberdade de expor obras em processo, ou experimentações, não era obrigatório levar algo tão tradicional, ou sem necessidade de moldura e tal. Até ficava mais a mostra o processo, porque alguns trabalhos deixavam isso bem claro, não era algo escondido, vedado, os espectadores podiam tocar nos trabalhos retirados da parede e recolocá-los. Os trabalhos podiam ser manipulados e mexidos”.

APÊNDICE H – Entrevista com Fernanda Manéa sobre a SEU

Entrevista com Fernanda Manéa, concedida a Renata Machado Camargo, em 23 de agosto de 2011, transcrição procurando ser fiel ao que disse.

Renata: O que a SEU representa para ti? Como pode defini-la?

Fernanda: “Tem um pouquinho da troca e mais vivência artística urbana. Todos os eventos eram na rua, puxava mais para o artista com a cidade, onde cada artista selecionava um lugar e se relacionava com um espaço específico e, também, com as pessoas. Coisa do lugar com as pessoas, algo bem aberto. Teve muitos eventos, em que as pessoas conviviam juntas, acolhendo pessoas de outros lugares em suas casas, fazendo comida para todos e tomando chimarrão”.

Renata: Considera a SEU como cooperativa, coletivo, grupo, espaço de exposição, eventos, ou ações de arte?

Fernanda: “Considero como um grupo não fixo, porque está sempre entrando gente nova, porque aconteceu outros em outros lugares com mais pessoas, para encontro de artistas, para ações, interferências em conjunto e em contato direto com o público. A Arte Contemporânea é essa coisa da proximidade, do diálogo maior”.

Renata: O que a fez participar da SEU?

Fernanda: “Como já fazia um trabalho de intervenção urbana e idealizado me esforcei ao máximo para ser selecionada. Quis participar também por ser amiga dos produtores pessoas as quais admiro”.

Renata: Acredita que ela pode ser uma forma de um artista iniciante ter a oportunidade de se inserir no circuito de arte? Por quê?

Fernanda: “Mais de se inteirar com o que está acontecendo e participar. Mais uma contravenção do que uma inserção, uma forma crítica de pensar a arte”.

Renata: Ao expor seus trabalhos pela SEU isso acrescentou algo a sua carreira, como visibilidade no campo artístico?

Fernanda: “Muito como experiência e também tive divulgação, mais experiência e troca com artistas muito diferentes, de diversas linguagens. Mas, principalmente, da área que me interessa: intervenção urbana”.

Renata: Consideras a SEU como instituição de arte?

Fernanda: “Não, eles têm o FUMPROARTE que é mais um projeto que está em formação”.

Renata: O que pensas sobre a forma de a SEU mostrar os trabalhos dos artistas?

Fernanda: “É uma forma despojada, para ter relação com o espaço de rua, assim ela se contextualiza com o ambiente e consegue uma interação com as pessoas que estão passando, deixando-as mais a vontade para interagir”.

APÊNDICE I – Entrevista com Lílian Santos Gomes

Entrevista com Lílian Santos Gomes, concedida a Renata Machado Camargo, em 23 de agosto de 2011, transcrição procurando ser fiel ao que disse.

Renata: Qual o caminho percorrido para chegar a Série “Decomposição”? O que te motivou a isso?

Lílian: “Fiz esse trabalho no final da graduação, caminhava pela cidade que estava em transição na Rua Dom Pedro, estava se transformando aquela zona. Tirava fotos da destruição e da construção e fiquei na linha da destruição. Andei fotografando de cemitérios, pensando na questão da vida e da morte presentes no meu trabalho anterior, além da memória”.

Renata: Sei que participaste pouco da Desvenda, saberia quantas? Chegaste a vender ou a trocar algum trabalho?

Lílian: “Particpei duas vezes da Desvenda, acabei saindo e, agora, estou voltando para a próxima que será em Recife, apesar de meu trabalho não ter sido vendido. Acho boa a questão dos trabalhos serem vendidos, por tornar a arte diferente de mercado, modificando a ideia de que não pode ser vendida, principalmente, por nós jovens artistas”.

Renata: O que a Desvenda representa para ti? Como pode defini-la?

Lílian: “É uma mistura de exposição, galeria, mercado e itinerância, agora. É importante para os artistas jovens e iniciantes ficarem integrados com outros artistas e é uma forma de mostrar o trabalho”.

Renata: Consideras a Desvenda como cooperativa, coletivo, grupo, espaço de exposição, eventos, ações de arte, ou modos de expor o trabalho?

Lílian: “Mistura de exposição, galeria, mercado e itinerância, com um artista que agrupa e faz a organização disso. Acho que é o Rodrigo Lourenço que monta as exposições, por isso, não é muito cooperativismo. Acredito que o objetivo dele é fazer uma crítica ao mercado de arte e ao espaço dado aos artistas consagrados e jovens artistas tem que se destacar muito para chegar nesse mercado”.

Renata: O que a fez participar da Desvenda?

Lílian: “Recebi vários convites, vários informativos sobre a Desvenda, por e-mail, é bem convidativo e interessante”.

Renata: Acredita que ela pode ser uma forma de um artista iniciante ter a oportunidade de se inserir no circuito de arte? Por quê?

Lílian: “Acredito que ela é uma forma aberta de exposição, de participação do trabalho, não tem um critério rígido, só não podem ser trabalhos muito grandes que ocupem espaço, por não ter espaço muito grande para apresentar”.

Renata: Ao expor seus trabalhos pela Desvenda isso acrescentou algo a sua carreira, como visibilidade no circuito de arte?

Lilian: “Sim, não sei por que não vendi, mas estou participando e pessoas estão vendo o meu trabalho”.

Renata: Considera a Desvenda como instituição de arte, equivalente a uma galeria, por exemplo?

Lilian: “Sim, tanto é que ela já está sendo falada na Universidade e virando projeto, era algo para subverter e já está inserido”.

Renata: O que pensa sobre a forma de a Desvenda expor os trabalhos dos artistas, misturando desenhos, gravuras, pinturas, esculturas, entre outras linguagens artísticas na mesma exposição?

Lilian: “Mostra variedade de estilos numa mesma região, de *poiética*, de visões, que não tem um tema, um limite artístico. Acho que a ideia da Desvenda é não ter algo muito certo, linear”.

Renata: Sabe-se que a Arte Contemporânea valoriza muito o processo do artista (*poiética*). Dentro dessa concepção, pode-se dizer que a Desvenda valoriza mais o produto final ou mais o processo artístico? Por quê?

Lilian: “Os trabalhos vendem são os mais vendáveis e não tão artísticos outros são por serem mais conhecidos no mercado. Acho que faltaria uma descrição ou um catálogo, informações sobre artista que não fica direto para quem visita, acho que realmente fica muito misturado, o que é a ideia do Rodrigo Lourenço, no caso”.

APÊNDICE J – Entrevista com Gaby Benedyct

Entrevista com Gaby Benedyct, concedida a Renata Machado Camargo, em 01 de setembro de 2011, transcrição procurando ser fiel ao que disse.

Renata: Como pode definir a Desvenda?

Gaby: “A *Desvenda* é muito importante, porque ela ainda está se desdobrando. Quando estava no formato da *Travessa dos Venezianos* era muito interessante e adorei ter participado, pois era um evento extremamente democrático. O Rodrigo Lourenço conduziu todos aqueles acontecimentos muito bem. Sei o quanto é difícil articular tanta gente, organizar tantas questões para que saia um evento desse porte. Era muito descontraído. Ter esse equilíbrio administrativo é algo muito difícil”.

“Para mim foi um sucesso! Tanto no seu formato de criação fixo na *Travessa dos Venezianos* quanto no seu formato itinerante, que vem cumprindo um papel fundamental de intercâmbio entre os artistas locais e de outras regiões do país. Não sei se foi para Argentina, ou algum outro lugar no exterior. Acredito que deve estar quase indo para outros países, aqui do MERCOSUL. Enquanto produtora, agente cultural, também, era meu sonho fazer esse tipo de itinerância, pois é algo que todo mundo pensa, trocar com outras regiões. Ter esse tipo de ideia não é exatamente original, mas viabilizá-la não é todo mundo que consegue. Acredito que o Rodrigo [Lourenço] conseguiu e vejo nisso todo o mérito”.

“Na *Desvenda*, existiam vários artistas como eu, que se aproximaram, participaram, cansaram e saíram. Talvez não tivessem condições de acompanhar um formato, uma apresentação com qualidades para fazer um itinerário, ou para dar continuidade. Por exemplo, no meu caso, aquele não era o momento em que estava com as minhas ideias pessoais de artes amadurecidas, embora tivesse experiência no processo artístico de produção e galeria, com a *Azul Galeria Produtora*. Participei até o momento em que pude em que acreditei estar realmente qualificada para expor. Não que eu não fosse qualificada como artista, mas é que existe certa logística para participar de um evento da *Desvenda*, seja ele fixo ou itinerante. Tens que saber sobre produção artística, como: apresentar-te no prazo, estar com o objeto artístico devidamente embalado, leva-lo ou postá-lo. São uma série de ações que cada um dos artistas que participa tem que ter cuidado. Quanto melhor forem realizados os detalhes dessa logística, melhor o trabalho se apresenta e mais possibilidades ele tem de ir além. Se tiver um trabalho que não chega ao local em prazo estipulado, ou que estiver mal embalado, gera-se um problema. Digamos que participo com duas pecinhas, com uma pequena lupa e que sei que essa será surrupiada, o que me faz prever que terei que substituí-la por outras. Bom, caso não tenha tempo de compra-la, não a colocando junto, a minha participação não entrará na *Desvenda*. Não entrou por culpa minha, eu não tive a logística de comprar, levar, chegar, conversar e negociar”.

“Então, para participar seja da *Desvenda* quanto qualquer outro ambiente de coletividade, de exposição coletiva, de colaboracionismo, tens que fazer a tua parte. Não adianta ficar esperando que alguém vá bater na tua porta: “Com licença, eu vim embalar a tua obra e vou leva-la”. Isso não ocorre! O artista tem que fazer a parte que lhe cabe, porque todas as instituições e agentes culturais sofrem, em todo o Brasil, de precariedade, de sustentabilidade (não tem dinheiro, não tem equipe, não tem logística). Ninguém tem nada para oferecer! O indivíduo está sofrendo para

levantar um evento, organizar várias pessoas para participar de uma itinerância, não tem como ele ficar batendo na porta de cada um dizendo: “Por favor, poderias me dar teu (trabalho)?” Não! O artista tem que ir atrás. Eu não vejo o porquê de o artista pensar algo como: Porque eu vou ter que ir lá? Sou um artista ótimo e eu vou ter que levar minha obra lá? Isso acontece muito. Então, que não participe! Por exemplo, se o artista for à Azul Galeria, e disser: Mas, não vai ter segurança? Não será ofertado o coquetel? Se pensa assim, então, que vá para uma galeria lá em Paris, onde há toda essa estrutura que se imagina. Aqui no Brasil, estruturas expositivas perfeitas? Não, acredito que nem no Iberê Camargo tem isso. Embora seja o melhor que a gente tenha a oferecer”.

“É complicado ser uma pessoa que está fazendo um novo evento, uma proposta nova, vir cheio de dinheiro bancado e cheio de equipe. Os artistas têm que ajudar. Quem participa da Desvenda, ou de qualquer outra dessas propostas artísticas que surgem, tem que ser mobilizado junto com o agente cultural, que é o propositor da ideia. O Rodrigo [Lourenço] contou com muitos artistas e muitos deles também auxiliavam no momento do evento. Ajudavam atendendo as pessoas. Lembro-me da Nanda, da Fernanda Manéa, que estava sempre ali junto com o Rodrigo ajudando. Tiveram mais pessoas. Lembro-me que na primeira Semana Experimental Urbana, a qual eu vejo muito ligada com a Desvenda, a Sol Casal, que, hoje em dia, trabalha, em São Paulo, o Rodrigo Uriartt foram pessoas que colaboraram. Teve sempre muitas pessoas perto do Rodrigo (Lourenço) que eram artistas que participavam da própria Desvenda e que pegavam junto não só como artistas, mas se engajando na parte logística do evento. Em muitos aspectos esse exercício de engajamento faz parte do sucesso da Desvenda”.

“Olhando por outro lado desse processo, a Desvenda é um sucesso enquanto projeto. Porque [Rodrigo Lourenço] botou na Travessa dos Venezianos as banquinhas, os artistas, deu visibilidade para eles, naquele evento. É um sucesso enquanto itinerância e é um sucesso enquanto processo de qualificação desse grupo de artistas que participa da Desvenda. Pois para participar o artista começa a se lapidar. Comecei assim. Colocava uns trabalhos só no papel, sem moldura, depois, comecei a emoldura-los, de início a moldura ficou meio torta, até que, no último momento, fazia tudo direitinho. Tornou-se um projeto de venda, bem mais do que as minhas primeiras participações. Então, acredito que esse processo de amadurecimento dos artistas que participam, é também um sucesso para a Desvenda”.

Renata: Acreditas que a Desvenda seja um grupo, coletivo, uma cooperativa? Terias como qualifica-la nesse sentido ou não?

Gaby: “Na verdade, a proposta de funcionamento é coletiva, mas a ideia é do Rodrigo Lourenço. Ele é uma pessoa muito generosa que se coloca enquanto coletivo. Acredito que a ajuda que ele recebe dos artistas e a união que existe entre, nem todos os artistas, porque como te disse existe esses artistas que vem, entram, participam de uma, duas edições se afastam, mas acredito que existe um núcleo ali de artistas junto ao Rodrigo [Lourenço] e que o ajudam a viabilizar o projeto. A Desvenda seria sim um coletivo, uma cooperativa! Acho que antes de coletivo diria uma cooperativa. Creio que o termo correto é uma cooperativa de artistas, onde existe um dirigente natural, que é o Rodrigo Lourenço, e, até, porque não vejo como um coletivo de artistas ou uma cooperativa de artistas se organize sem ter uma

liderança. Não existe essa ideia de que todo mundo manda igual. É muito lindo, mas isso não existe. Alguém vai ter que dizer: - Bah! Vamos lá pessoal! Nesse sentido é o Rodrigo. Ele é a “figura chave” disso. Não precisa ser presidente, nem diretor, nem coordenador, mas é uma liderança natural. E enquanto criadores da ideia foi, sim, o Rodrigo junto com a Lia Braga. Porque a Lia Braga teve uma participação importante, no sentido de apoiar o Rodrigo para que se viabilizasse o atelier, na Travessa Venezianos, onde nasceu a Desvenda. Depois, cada um pegou seu caminho e o Rodrigo manteve a ideia viva e vejo nele a força geradora da Desvenda. Então, seria isso, vejo a Desvenda como uma cooperativa de artistas”.

Renata: E para um artista iniciante qual seria a importância da Desvenda?

Gaby: “Para o artista iniciante a importância da Desvenda é a facilidade de acesso. É como te disse, o artista tem que ter um mínimo de qualidade artística, de querer mesmo. E isso não é só fazer arte final de semana quando não se tem mais nada para fazer. Querer mesmo é pensar em arte todos os dias, embora não pegue num lápis, num pincel, sei lá, na tua câmera diariamente, mas é estar sempre com a cabeça pensando em artes. O artista, ele tem um perfil. Quem quer ser artista e que tem alma de artista, está sempre pensando em artes. Pode estar trabalhando, pode ser engenheiro, sendo funcionário público, mas está sempre nessa condição, se tiver qualquer jeitinho de participar de uma exposição, de ir numa galeria, de pesquisar na *Internet* coisas sobre a técnica que gosta, esse é artista. Enquanto que aquele que vai à aula e cumpre os deveres de casa que a Universidade proporciona, esse não é artista, esse está se decidindo ainda, não vai conseguir fazer um trabalho bom para a Desvenda”.

“A Desvenda caminhou e amadureceu ao ponto de poder e dever exigir um mínimo de qualidade. Não é legal para o artista que estará com várias pessoas que se preocuparam em emoldurar, que tem apresentação e proposta nos trabalhos, expor um papelzinho grudado com durex. Vai ser ruim para ele, que ficará com vergonha no momento em que ver todos com trabalhos bonitos e ele com seu papelzinho com durex. A Desvenda é aberta a novos artistas, mas eles têm que chegar querendo de verdade. Tem que perguntar para alguém: - Esse meu desenho está lindo? Deve-se pôr uma moldura legal, mostrar para um professor se realmente está bom o suficiente para expor. Não se deve acreditar que é o artista só porque, hoje, “tomou um porre” e pensou que o desenho ficou lindo. O ideal é ir em uma Desvenda, ou participar de uma coletiva de artistas. Ir à exposições e olhar para a qualidade dos trabalhos, imaginar o trabalho colocado junto com os demais da exposição. E se perguntar: Se terias vergonha do teu trabalho, ou estarias do mesmo nível que os outros? São perguntas que se deve fazer, não serei eu que irei julgar. É necessário o artista botar o trabalho do lado de outros diferentes. Caso trabalhe com fotografia, ir a uma coletiva de fotografia e ver se a foto que tirou poderia estar ali no meio, percebendo como outros artistas a apresentam. Notar se está num fuan, está numa moldura, como é que está aquela fotografia? Se não é uma fotografia boa, então, não manda”.

“A Desvenda está realizando uma chamada para a participação de um SPA das artes, em Recife. [O Rodrigo Lourenço] fez edital, a pessoa estando dentro do edital poderia participar. É um terceiro sucesso da Desvenda ser formadora de profissionalização do artista. Além de ser um projeto democrático e de visibilidade, propõe que as pessoas tenham um amadurecimento profissional. Pode-se participar,

desde que tenhas qualidade. Isso é muito pior do que fazer prova para professora, né?”

Renata: Quando participastes teve algum tipo de visibilidade dentro do campo artístico?

Gaby: “Pensando bem, a minha galeria, a minha produtora Azul era o meu processo artístico, que é para meu gosto tudo o que eu faço coletivamente e que está no meu processo artístico de investigação dessa relação entre público e arte. Acredito que deu uma grande visibilidade. Quando levei a Azul, inclusive meu próprio trabalho que expus na minha banca e que cheguei a vender, que eram pastas com as minhas aquarelas, muita gente viu naquele momento, elogiou, comprou. Creio que me proporcionou a visibilidade e me sinto satisfeita”.

“Não vendi aquele trabalho que não emoldurei direito, que estava no QG da Desvenda. Aquele trabalho não foi legal, por culpa minha, se olhasse o meu trabalho diante dos trabalhos que estavam expostos, o meu tinha uma apresentação ruim. Só fui conseguir uma boa apresentação depois de umas cinco, ou seis edições da Desvenda. Em cada edição ia tentando melhorar e botava o trabalho na parede às vezes não funcionava, mas tudo bem eu “aguentava no osso”. Em outra edição, trocava, e percebia que estava quase chegando a uma boa apresentação. Mas está quase, não é, sabe? Está quase não serve, porque chegavam às pessoas para olhar os trabalhos e eu acompanhava isso. Olhava e pensava agora vai olhar para o meu trabalho, e passavam reto. Não era um trabalho ruim, mas a apresentação era “porca”, sem meias palavras, era isso. Tinha um trabalho legal em aquarela, mas a minha apresentação era “porca”. Ninguém parava no meu trabalho. Isso me amadureceu”.

“A Desvenda me proporcionou esse amadurecimento, porque eu ficava horas no local onde ocorria o evento, porque tinha banca. Passava toda a Desvenda, acompanhando essa entrada e saída, como as pessoas viam a Desvenda. Cuidava muito o público percebia os trabalhos e a feira, até, porque eu e o Rodrigo conversávamos sobre isso depois. Sempre cuidei o público, codificava o público que aparecia por ali e era muito frustrante. E cheguei uma vez até o Rodrigo que me deu muita força colocando meu trabalho em um lugar onde batia um raio de sol e tal, o que para a aquarela é péssimo, mas aí eu pensei: - Agora vão olhar né? Mas continuava mal, porque a aquarela tem que ter uma boa apresentação. É uma ‘aguada’ sobre o papel e se não botar uma apresentação de qualidade... Tem no local uma pintura, uma ‘super’ fotografia, um objeto superinteressante e um papelzinho com uma ‘tinta aguada’, que fica desvalorizada diante das demais obras, se não é apresentada pelo artista da melhor forma. Resumidamente é isso. Sim tive uma boa visibilidade, vendi e me sinto satisfeita com minha participação”.

Renata: Enquanto a forma de expor que são vários trabalhos artísticos juntos, como dissestes: aquarela, pintura, fotografia, o que pensas em relação a isso?

Gaby: “Eu acho que é natural, faz parte da democracia existente no projeto, até, porque o público em si não tem cultura para julgar uma museografia. A Desvenda é muito mais para o público do que para acadêmicos. Vi várias vezes entrar na Desvenda compradores de arte contemporânea. Entram, põe o olho em algum trabalho artístico. Quando se vai a um leilão as obras são diversas e não digo empilhadas, mas colocadas todas muito próximas. A Desvenda não tem uma

proposta de ser “a exposição” ela é uma feira, começou como uma feira de arte. É assim, todo mundo junto misturado mesmo. Vais até o local olha pensa se gosta, ou não do trabalho, ou se identifica o que tem melhor ou menor qualidade de acordo com o teu conhecimento sobre arte. É natural essa coexistência de tantas técnicas junto só a apresentação é tudo nesse momento, justamente, porque existe uma grande diversidade a qualidade do teu trabalho deve ser a melhor possível, porque senão as outras produções o matam”.

Renata: E pensas que ela valoriza a “poiética” do artista?

Gaby: “Não acho que seja o momento de valorizar, porque, vamos dizer que eu participe com cinco obras, se eu tiver cinco aquarelas, daqui a pouco está valorizando a minha “poiética”, porque alguém vai ver que dentro de cinco eu já tenho uma linguagem, percebendo-se com o que determinado artista trabalha. Agora se o artista participa com uma obra isolada dentro de um universo diversificado não tem como a pessoa perceber qual é a “poiética”. Por exemplo, pintura. A pessoa foi olhar uma pintura abstrata. Olhasse e diz-se que este cara é um pintor abstrato, ou este cara está falando sobre os aspectos formais da pintura, ou ele errou o quadro. Ele pode ter quadros de paisagem e ele só pinta paisagem e botou ali o único que ele fez de abstrato, porque ele quer vender aquele. Não existe uma museografia pensada para que se conheça determinado artista, existe uma museografia para que as produções não vão fiquem absurdamente colocadas. O Rodrigo Lourenço tenta deixar a feira de uma maneira razoável para o olhar”.

Renata: E é só ele que monta ou tem pessoas que o ajudam?

Gaby: “Às vezes, tem mais gente que o ajuda. E a montagem é realizada com base no pensamento de que todos os trabalhos apareçam da melhor maneira. Uma das formas é expor os menores trabalhos embaixo e os maiores em cima. Existe o mínimo de organização. Se ocorrer de chegar um trabalho grande no final, coloca-o para cima, ou se um pequenino chegar por último, deixa-o em cima da mesa. A montagem é orgânica, organizando-se conforme a adaptação em cada lugar e a cada momento. Isso acontece até em relação a como os artistas colaboram para que a montagem se organize”.

“Em relação a essa poiética, não sei, acho que não é o momento de falar sobre isso. Quem quiser saber mais sobre algum artista, que o pesquise, sem contar que está tudo disponível nos sites dos próprios artistas e da Desvenda, que disponibiliza alguns dados sobre seus participantes, podendo acessa-la antes de ir visita-la. Os trabalhos e os artistas que os fizeram podem ser visualizados antes. Entrar em um site de determinado artista é que possibilita que se conheça a poiética dele. Não é nesse evento que se pode ver uma panorâmica da linguagem de cada artista”.

Renata: E a Desvenda que quebra com o paradigma de a arte não é vendável? Porque dizem que o objeto artístico não tem um valor vendável.

Gaby: “Isso é muito relativo. O objeto artístico clássico, sempre vai ser vendável. Pintura seja ela qual for sempre vai ser vendável. Desenho, papel, fotografia, tudo o que for emoldurável sempre vai ser vendável. Escultura, conforme a dimensão, sempre vai ser vendável. O que se acrescenta são questões de gosto do público. Ou as questões do artista, estar mais ou menos valorizado no mercado de arte,

podendo não ser vendável, mas se participou de todos os prêmios brasileiros, com uma instalação, no momento em que dizer que vários cinzeiros amarelos é uma instalação todas as pessoas acreditarão. Se tiver prêmios em quinhentos mil lugares, sendo reconhecido como “o tal” da instalação, se disser que esse cinzeiro amarelo é arte, todo mundo vai compra-la, porque a mídia já o julgou como um grande artista. Ao mesmo tempo posso ser uma pessoa que faz aquarelas, bem emolduradas e com boa apresentação e todos as acharem horrorosas e, por isso, ninguém quer comprar. O que não é verdade sobre o meu trabalho. Mas essa coisa de vendável ou não vendável é muito relativa. Todas as galerias têm os seus clientes, trabalham o seu público e estão lá as obras vendáveis ou não vendáveis. Às vezes, há obra não vendável, mas aquilo é chamariz para outras obras vendáveis do artista. A pessoa que trabalha com instalação, ela faz uma grande instalação e daquilo ela faz fotos interessantes”.

“A história do vendável ou não vendável está incorporada no processo do artista. De que forma se quer ser artista? Isso são opções. Podes ser um artista não vendável, mas trabalha o tempo inteiro com arte, é assim que nem cenografia de espetáculo. Cenografia de espetáculo não é que nem bilheteria, que paga, é o cantor, é o indivíduo que faz o show. Cenografia de espetáculo não é uma obra vendável, mas ao mesmo tempo se ganha dinheiro. Uma instalação não é uma obra vendável, mas se pode vender uma instalação para uma empresa particular. Por exemplo, caso tenhas uma instalação que fala sobre o verde, vais a uma empresa que quer investir em ecologia e que compra a tua instalação para dizer que está investindo em ecologia. Depende muito das ideias criativas dos artistas para tornar a obra vendável ou não. Minha obra, se eu não for atrás, ela não é vendável e é aquarela emoldurada. Mas eu tenho que coloca-la em galerias ou em lojas, onde eu achar que seja interessante para mim e fazer uma propaganda disso”.

“Não existe mais a questão de esperar que o marchand bata na porta e diga: - Suas obras são lindas! Enquanto ficas só em casa pintando e recebendo dinheiro. Não, isso não existe. Faz parte do processo profissional do artista, hoje em dia, estar o tempo inteiro correndo atrás de exposições. Se não é atrás de edital é de salão para ganhar prêmio e se tornar conhecido. Tudo isso faz parte da carreira do artista”.

“Por exemplo, atualmente, sou uma compradora de arte. Para montar o meu museu, compro arte. E um dos meus critérios é a forma que vejo arte feita por artistas mulheres. Noto muito bem quem é a mulher a qual irei comprar algum trabalho artístico, pois já errei algumas vezes em apostar em artistas femininas. Porque mulher casa e engravida e não é mais artista, muitas delas fazem isso, algumas voltam, mas a grande maioria não. Acontece que na faculdade algumas são excelentes artistas e ao sair da instituição, casa e desiste de ser artista. Se caso comprou algum trabalho daquela artista, virou nada, porque ela não vai ganhar prêmio, não vai valorizar no mercado. Podia ser uma grande artista, com uma excelente ideia, mas ela morreu na gaveta, “na barriga”.

“Outro critério que utilizo para perceber se um homem é um grande artista é ver que alguns chegam a passar fome para seguir essa carreira. Não arranjam emprego, porque acreditam que vão ser artista e quando os vê percebe que não vai conseguir ser nada além de artista. Então sei que se pode comprar certo a produção desse tipo de homem que realmente faz de tudo para seguir carreira. Nota-se que ele estuda e se interessa e mesmo que não complete uma faculdade vê que fala coisas que nem tu que fez uma faculdade sabe. Esse indivíduo é um ótimo artista. É

uma pessoa completamente engajada em sua profissão. Podendo comprar seus trabalhos tranquilo. É muito bom comprar quando ele é de primeira geração, nos primeiros prêmios. Adoro “farejar” esse tipo de coisa! Invisto em novos artistas e tudo mais. Falei das mulheres, agora, tem outras mulheres que, por exemplo, se formam artistas, fazem mestrado e doutorado. Então vê que ela vai continuar, porque está investindo muito na vida dela para ser artista, pode comprar tranquilo, também”.

“Essa questão ou não de ver a obra de arte, tem que estar inserida no artista. Por isso, voltamos à questão do artista que vai para a Desvenda, que faz sucesso, é aquele que se interessa em ter a melhor embalagem, a melhor moldura, a melhor apresentação. Esse vai vender. Como o Rodrigo vendeu muitas vezes. O que ajudou a sustentar o projeto Desvenda foram às vendas desses artistas que já tem essa visão de arte. O Rodrigo faz isso, inscrevendo-se em edital, faz todas as transações para dar itinerância a Desvenda e está gerando sustentabilidade para o projeto dele. Os artistas que participam desse projeto ao fazerem um bom trabalho, obedecerem aos prazos e mandarem o material também estão colaborando, até porque o Rodrigo não pode se inscrever no edital sozinho, ele precisa das fotos das obras, precisa das cartas de anuência dizendo aos artistas para escreverem uma cartinha e mandar para que entrem no edital. Tudo isso tem prazos determinados. São formas de gerenciar essa parte de venda do artista. A venda não é só o dinheiro tem todo um preparo para que esse dinheiro aconteça”.

Renata: Realizastes alguma troca na *Desvenda*?

Gaby: “Sim, escambo. Aconteceu entre artistas, também, mas não me lembro de dizer quem. É uma prática que considero super legal. Cheguei a realizar algum tipo de escambo, não me lembro com quem”.

Renata: Quando tinhas a *Azul Galeria Produtora* também realizava escambo?

Gaby: “Sim. Acontece, acontece sim. E eu acho super saudável. Tenho obras lá na minha galeria. Aliás, lá realizei um evento específico chamado de *Escambo* e que todos os participantes só participavam na medida do escambo e muita gente trocou com muita gente. Foi bem interessante”.

Renata: E isso foi antes da *Desvenda* ou durante?

Gaby: “Foi antes da *Desvenda*. Foi o meu segundo evento como galeria e a *Desvenda* veio depois. Acho que como galeria, estava aberta há uns seis meses antes. A *Desvenda* apareceu em fevereiro e eu já tinha galeria durante todo ano anterior”.

Renata: E atualmente a *Azul Galeria Produtora* não está ativa?

Gaby: “Não, enquanto galeria não. Agora é uma produtora de eventos, por exemplo, se quiseres montar uma instalação, um vídeo, ou precisares de um local para apresentar um projeto de arte que não tenhas onde mostra-lo ela está disponível. Faz-se, abrem-se as portas, estando focado em um acontecimento. Eu tenho participado de muitas coisas, de parcerias em relação a vídeos (vídeo instalação, projeção), produção de festas em outros locais, produção de exposições em outros locais, ali fica como uma secretária, um QG, um escritório”.

“Estou com um projeto que ainda está na ideia, mas para mim ideias se

realizam: como a Bienal B, como a *Azul Galeria*, as minhas ideias se realizam. Eu vou fazer o museu popular, com esse nome mesmo: **Museu Popular**. Como galeria eu não consigo funcionar, porque tem que ter um ritmo de compra, venda, convite, exposição, isso é um frenesi. Acredito que divulga muito bem, mas desenvolve pouco conhecimento. Quero montar um museu focado na articulação de ideias de apresentar artistas para o público que trabalha essa parte de articular informação sobre esses artistas. Os museus institucionais têm que ter uma atuação correta, por mais contemporâneo e moderno seguem todo um padrão museográfico sério, como uma instituição tem que ser. Muitas vezes, o público entra no museu e já modifica. E quero um museu que seja assim bem casual, que a pessoa possa tocar na obra, possa conversar mais, fazer um material pedagógico que sejam palavras cruzadas sobre a exposição que está ocorrendo. Algo bem lúdico, meio festivo, como era a Azul, que funcionava muito bem, mas não tinha muita venda. Na *Azul Galeria Produtora*, as vendas mal pagavam as despesas de abertura de uma exposição, por exemplo. O gasto era alto ao abrir uma exposição e não tinha retorno financeiro com a venda de dois, três quadros do mesmo evento, sendo que vendê-los era algo bem difícil de acontecer. Tinha um público legal, todos muito interessados, mas a sustentabilidade disso era nula”.

Renata: Acredita que isso ocorra porque tem poucos colecionadores de arte em Porto Alegre, ou por não existir um circuito de arte local?

Gaby: “Quem gosta de arte aqui não tem dinheiro, são poucos. O circuito de arte existente tem colecionadores com algum poder de investimento, mas que compram de artistas mais estabelecidos”.

Renata: Fale sobre teu trabalho exposto na Desvenda:

Gaby: “Tive dois momentos na Desvenda um deles participei como parceira expositiva com o Rodrigo Lourenço. Participei da Desvenda com uma banca da Azul Galeria (época em que estava com uma galeria de arte). Trazíamos outros artistas da minha galeria, que não estavam expondo na Desvenda. Foi uma parceira muito legal, logo que tiveram as primeiras Desvendadas. Acontecia no atelier do Rodrigo Lourenço e da Lia Braga localizado na Travessa dos Venezianos, nº 30. Era uma rua inteira, onde tinha outros ateliês e galerias participando, como a Chico Lisboa abrindo as portas. Realmente era uma grande festa na Travessa dos Venezianos promovida pelo evento Desvenda. Naquela época, eu participava como uma coprodutora, no sentido de que levava alguns outros artistas além de mim como artista. Aconteceram algumas vendas lá, não direi que foi um superfaturamento, mas sim era um momento legal, que tinha bastante público. Fiz algumas filmagens sobre o evento que estão na TV Azul: www.tvazul.com.br, que tem inclusive o registro desses primeiros eventos. No meu site, blog pessoal benedictweb.blogspot.com tem fotos minha participando com essa banca de exposição”.

“Em segundo momento, comecei a participar como artista no evento. Mas, como naquele momento não me sentia madura, ainda com meu trabalho variou um pouco entre assemblage e aquarela, estava em um momento de transição de processo criativo. Por culpa minha meu trabalho não estava com uma boa apresentação e não tive maiores *feedbacks* nesse instante. Passou-se um tempo e a minha aquarela começou a se firmar mais, o meu processo de decisão. E a Desvenda já estava se tornando itinerante e participei quando estava no Atelier Livre da Prefeitura. Foi um pouco antes do aniversário do Atelier Livre. Participei dessa

itinerância da Desvenda”.

“Sei que ela continuou e continua inclusive e se desdobrou na Semana Experimental Urbana, que é um projeto muito interessante também, que é paralelo a Desvenda, ou concomitante, ou simultâneo, ou desdobramento mesmo. Onde, também, muitos artistas que estavam na Desvenda participam. Só que como tenho muitas outras coisas me distanciei um pouco do projeto. Estou aqui no Museu de Arte Contemporânea, tenho a TV Azul, entre outros. Os meus projetos se desdobraram também e a minha participação na Desvenda acabou ficando mais limitada. Enfim, me desvinculei nesse momento, embora acredito que a Desvenda é um projeto sempre muito democrático. É óbvio que não adianta ser democrático e o artista apresentar qualquer coisa. É democrático dentro de uma qualidade. Nesse momento, eu teria qualidade suficiente para participar da Desvenda, mas meus projetos pessoais passam por outros caminhos, por isso, que não estou participando”.

“Naquela época, lembro-me que o Rodrigo sempre foi muito acolhedor. A Desvenda começou no meu ponto de vista, com os artistas querendo participar e o Rodrigo dizendo: - Traz teus trabalhos. E efetivamente os artistas que iam até a Desvenda levavam seus trabalhos participavam. Não sei como ele deve ter enfrentado a situação de se deparar com trabalhos muito ruins. Porque quando se trabalha com eventos muito abertos, como aqui no MAC, na Desvenda, ou na minha galeria, depara-se com profissionais que não estão engajados com a carreira de artista, então, acabam mostrando qualquer coisa”.

APÊNDICE K – Entrevista com Camila Mello sobre a Desvenda

Entrevista concedida a Renata Machado Camargo, por **Gtalk**, em 6 de setembro de 2011.

Camila: Oi menina!

Vou sair do MSN, então.

Renata: Estava no MSN e escrevi algumas coisas que não sei se recebeste.

Camila: A ultima coisa, foi se mandava por e-mail, ou no chat.

Renata: É, foi isso, mas não recebi tua resposta, então achei que havia algum problema. Depois tentei pelo Gtalk, então funcionou.

Camila: Então o que acho é que se prefere enviar por e-mail posso encaminhar para a Manu e para o Rodrigo também.

Renata: Pode ser, o que ficar melhor para ti.

Camila: Por mim tanto faz. O que for melhor para ti, na real. Caso prefira uma conversa, melhor aqui, ou podendo ser respostas escritas, envio por texto.

Renata: Pode ser agora?

Camila: Pode.

Renata: Sei que participa da Desvenda como artista, então, começarei pela Desvenda. Fale do teu trabalho exposto na Desvenda:

Camila: Qual delas? Participo da Desvenda desde o início do projeto, com projetos em vídeo.

Renata: Sim, mas de modo geral sobre tua produção, como teu trabalho é exposto na Desvenda.

Camila: Não tenho nenhuma especificação quanto à forma de apresentação dos meus vídeos na Desvenda. É escolha do Rodrigo a forma que o trabalho é exposto.

Enviado às 17:58 de terça-feira

Renata: Chegaste a vender ou trocar algum trabalho, na Desvenda? Mesmo sendo vídeo.

Enviado às 17:59 de terça-feira

Camila: Nunca

Renata: Por quê?

Camila: Sim, lembrei que fizemos um projeto do Mergulho, na Desvenda.

Mergulho é o coletivo que participo junto com Manuela Eichner Ali Khodr e Jorge Soledar.

Renata: Sim, eu conheço.

Camila: E fizemos o lançamento da ZONA.

Renata: E foi trocado ou vendido?

Camila: Essa experiência consistia em uma projeção dos vídeos que produzimos e de uma publicação. Tínhamos várias estratégias, tentamos, mas acabamos distribuindo algumas. Tínhamos várias estratégias: venda, envio pelo correio e troca.

Renata: Interessante, bem legal.

Camila: Acho que durante a Desvenda tentamos vender, sim. As três funcionaram, mas com pouquíssima circulação, o que funcionou realmente foi distribuir.

Renata: Essa distribuição foi gratuita?

Camila: Sim, gratuita. Mas tentamos criar as estratégias para gerar no mínimo uma sustentabilidade da iniciativa, o que não aconteceu. Vou te mostrar o chamado: envio por e-mail.

Enviado às 18:07 de terça-feira

Renata: Legal, vou gostar de ver, na verdade estou ansiosa, porque quero conhecer o trabalho de vocês, lembro de um vídeo, acho que teu e da Manu , exposto na Pinacoteca do IA, pelo Vaga-lume.

Camila: Sim? Todos os vídeos estão no YouTube chegou a conhecer o Louva a Deus?

Renata: Não lembro. Lembro o da Pinacoteca.

Camila: Se quiser, posso te enviar o nosso portfólio depois. O Louva a Deus foi uma iniciativa de mostra de vídeo ambulante num carrinho de supermercado.

Renata: Quero ver.

Camila: E começou como um contraponto do Vaga-lume: o Louva a Deus, quero dizer, 2006, acho. A gente mostrou os vídeos em uma TV dentro de um carrinho na frente do IA/ UFRGS.

Enviado às 18:10 de terça-feira

Camila: Tínhamos acabado de chegar do SPA de Recife com um monte de vídeos de artistas que conhecemos durante o encontro. Com a inspiração recifense resolvemos fazer um chamado coletivo para o Louva a Deus.

Renata: Bacana.

Camila: Foi lindo! Era uma mostra paralela na verdade para aproveitar o fluxo de pessoas do Vaga-lume, que sabe bem que trabalhar com vídeo não é fácil.

Renata: Muito legal a ideia.

Camila: Falta paciência coletiva.

Renata: É a questão do tempo de as pessoas pararem para assistir e apreciar.

Camila: Sim e também a forma de compartilhar cada vez mais. Penso no sofá do Rafael França. Dizia que vídeo é para ver em casa e agora com a web então... Outros espaços.

Enviado às 18:14 de terça-feira

Renata: Bom, ao menos a Web facilitou, porque uma das coisas que a maioria das pessoas fazem, hoje, é olhar vídeos na Internet.

Camila: Muito eu acho incrível.

Camila: Estou mesmo fazendo o *upload* de dois vídeos para compartilhar e cada vez mais é um espaço para circular aprender discutir e com mais autonomia e liberdade também, a gente pode estudar na web: *free school*. É um espaço importante para discutir autoria também.

Renata: Com certeza. Retomando: O que a Desvenda representa para ti? Como

pode defini-la?

Enviado às 18:18 de terça-feira

Camila: A Desvenda para mim é uma iniciativa inclusiva, horizontal, com uma história que começa por necessidade de compartilhar produção que normalmente não tem espaço acessível para isso.

Enviado às 18:21 de terça-feira

Camila: É muito menos uma relação direta, nem com a experiência do trabalho, nem com o desejo de circulação. A Desvenda também é uma proposta de discussão sobre a relação econômica que envolve o trabalho do artista e outras coisas, claro: intercâmbio.

Renata: No caso, refere-se a questão de vender trabalhos?

Camila: Um espaço horizontal e de circulação de trabalhos de diferentes lugares: vender, trocar, pensar a economia do trabalho do artista, compartilhar, circular e, acima de tudo, a desvenda é uma proposta coletiva apesar de ser centralizada na pessoa do Rodrigo Lourenço à iniciativa da Desvenda.

Renata: Por que coletiva?

Camila: Poderia se tornar um espaço coletivo, cooperativado e não só no momento de participar com envio de trabalhos. Por quê? Porque é um espaço aberto, interdependente e de articulação coletiva. Na base, a Desvenda é um espaço, talvez, não físico, um espaço temporário, que se organiza na medida do envolvimento de várias pessoas. Ele só acontece coletivamente, mas isso ainda não aconteceu é uma potência latente, que acaba dependendo do Rodrigo (Lourenço) para acontecer.

Enviado às 18:27 de terça-feira

Renata: Respondeste parte da próxima pergunta, por ter dito que acredita que ela seja um coletivo e cooperativa, mas pode considerá-la como alguma outra dessas: comunidade, grupo, espaço de exposição, eventos, ações de arte, ou modos de expor o trabalho? Por quê?

Enviado às 18:30 de terça-feira

Camila: Acho que a Desvenda é uma latência de tudo isso. Ela pode ser uma comunidade desde que aberta, um grupo aberto, um espaço de exposição, um evento, tudo isso. Uma ação talvez fosse a melhor definição. As últimas experiências da Desvenda ocorreram em outras cidades, o que é muito interessante de pensar, pois envolve trabalhos que caibam numa mala para serem transportados, ou os enviados pelo correio e isso, nas dinâmicas expositivas, é impensável. Durante o tempo em que a Desvenda acontece, num determinado local, permanece aberta para receber trabalhos até o último instante, ou seja, totalmente volátil, móvel ... Um espaço em movimento para ser ocupado. Acho que a Desvenda é uma proposta de ocupação coletiva.

Renata: O que a fez participar da Desvenda?

Camila: Não sei ao certo. Participo da Desvenda porque a proposta mexe com o

meu desejo, porque acredito muito no movimento do Rodrigo, porque considero o trabalho dele, e a própria Desvenda, um lugar crítico, inquieto e em transformação. E porque sinto desejo de compartilhar as coisas que produzo de uma forma horizontal.

Enviado às 18:38 de terça-feira

Renata: Acredita que ela pode ser uma forma de um artista iniciante ter visibilidade e oportunidade de se inserir no circuito de arte? Por quê?

Camila: Acredito que ela é uma forma de compartilhamento e de circulação para artistas, iniciantes ou não. Pode sim configurar um espaço para artistas que estão começando a sua pesquisa. Quanto a se inserir no circuito de arte, isso eu não sei responder. Pode ser um local onde algum artista encontre certa visibilidade e possibilidades de inserção, porque não? Mas acho que não é essa a proposta da Desvenda. Acho que ampliar um movimento paralelo ao circuito de arte, ou se tornar outro circuito dentre tantos que existem.

Enviado às 18:42 de terça-feira

Renata: Ao expor seus trabalhos pela Desvenda isso acrescentou algo a sua carreira artística?

Camila: Claro.

Renata: Como?

Camila: No momento em que faço parte do movimento da Desvenda, que é um espaço de circulação e discussão, isso acrescenta muito ao meu trabalho.

Renata: E teve visibilidade no campo artístico?

Camila: Detesto essa palavra: visibilidade. Acho que pode ser também.

Renata: Por quê?

Enviado às 18:47 de terça-feira

Camila: Porque é um termo que aperta, acho esse termo delimitador: visibilidade é uma forma de falar sobre algo que é invisível e se torna aparente, visível, mas tem outra conotação, é quase como uma palavra publicitária.

Renata: Entendi.

Camila: A gente pode falar de troca, de compartilhar, de criar um espaço para o que se produz, mas visibilidade tem uma conotação meio carreirista, individualista, talvez. Sei lá, incomoda, porque constrange o que pode ser pensado ou sentido de outra forma.

Renata: Tem razão. Acredita que a Desvenda está seguindo um caminho de institucionalização na arte? Ou ela se mantém fora desse caminho.

Camila: Não sei, tem participado de espaços, eventos, iniciativas que são autônomas ou transversais, mas não entendi o que esta perguntando: Desvenda virar instituição? Institucionalizar-se? Vês esse caminho na arte acontecendo com iniciativas experimentais?

Enviado às 18:55 de terça-feira

Renata: Não. Penso que institucionalizado, no sentido de ser reconhecida academicamente e no próprio campo artístico como algo que dá oportunidade para artistas exporem seus trabalhos e falarem sobre arte fora do meio acadêmico.

Camila: Pode ser, nesses termos poderia vir a ser uma espaço institucionalizado.

Enviado às 19:00 de terça-feira

Renata: O que pensa sobre a forma de a Desvenda expor os trabalhos dos artistas, misturando várias linguagens artísticas no mesmo espaço expositivo?

Enviado às 19:01 de terça-feira

Camila: Como é uma proposta de ocupação, acho isso inerente, o trabalho é feito com todo cuidado, existe pensamento, organização visual, relação com o espaço, mas não vejo questões curatoriais, nem museográficas nesse movimento. É outra coisa, feita de outra forma e priorizando outras questões e funciona. Acontecem coisas bem interessantes.

Renata: Com certeza.

Camila: Hahaha, estou rindo que estás me perguntando sobre a Desvenda, que lindo isso! Fazendo-me pensar, gostei.

Enviado às 19:05 de terça-feira

Renata: Também estou gostando, porque tuas respostas são bem importantes para artistas que não conhecem a Desvenda, ou que já ouviram falar mas não tiveram interesse em participar, ou pelo modelo expositivo, ou por não gostarem de compartilhar. Enfim, acredito que a tua resposta sobre a forma em que os trabalhos são expostos, talvez, faça com que outras pessoas participem.

Camila: Que bom! Bom ouvir isso. Tomara que sim. E seria mais lindo ainda se pudesse abrir um espaço para que as pessoas se envolvessem com o projeto de outras formas também.

Renata: Sim.

Enviado às 19:09 de terça-feira

Renata: A última pergunta sobre a Desvenda: Sabe-se que a Arte Contemporânea valoriza muito o processo de trabalho do artista (*poiética*). Nessa concepção, pode-se dizer que a Desvenda valoriza mais o produto final, ou mais o processo artístico? Por quê?

Enviado às 19:12 de terça-feira

Camila: É uma ocupação horizontal que recebe trabalhos de artistas para acontecer. Com certeza valoriza o processo, não tem a especificidade do produto, nem essa preocupação com o produto de arte. Tudo que envolve a proposta da Desvenda, apesar dela ser também um evento, é movimento. A Desvenda é um movimento em várias camadas, desde a receptividade dos trabalhos até a forma como ela se organiza, incluindo o meio por onde ela circula, seja como convocatória, que abre para receber trabalhos, como no espaço em si da ocupação, já que acolhe

até o último instante quem desejar se envolver. E tudo isso não significa que é qualquer coisa, talvez, pela forma como o Rodrigo propõe a Desvenda, ela é um espaço pensado, pensante e não qualquer coisa. Tem uma organização orgânica que não implica em desqualificar. Sabe que esta acontecendo a Desvenda no SPA Recife, não?

Camila: Foi um momento lindo em que a Desvenda foi convidada a integrar o SPA ocupando o Museu Murilo de La Greca.

Renata: Sim sei, achei bem legal que o Rodrigo tenha conseguido levar a exposição para lá.

Renata: Podemos partir para a entrevista sobre a SEU?

Camila: Eu também. Foi um convite! Achei lindo, um reconhecimento, na real, do trabalho dele. Sim, 'bora', 'bora' SEU, aiaiai.

Renata: Sim.

APÊNDICE L – Entrevista com Camila Mello sobre a SEU

Entrevista concedida a Renata Machado Camargo, por *Gtalk*, em 6 e 7 de setembro de 2011.

Enviado às 19:20 de terça-feira, dia 6 de setembro de 2011.

Renata: O que a SEU representa para ti? Como defini-la?

Camila: A Semana é um projeto feito borboleta, desencadeamento de um processo de contágio. Após o EIA - Experiência Imersiva Ambiental em 2005, começamos a participar de encontros de experimentação no espaço público. Foi à descoberta de um corpo em transformação, de uma potencialidade do corpo arte, que foi mudando, e sempre sentimos o desejo de viver essa experiência em Porto Alegre. Isso falando na dimensão do desejo de onde surgiu o desejo. Como projeto, surgiu em 2010, em um momento em que eu e Manu estávamos morando em outras cidades. A questão territorial é um dos pontos dissonantes no SEU que considero ainda um projeto embrionário. Quanto a experiência em si, é um lugar inquieto e crítico, vivência que me arrombou e um marco zero que me leva mais perto das coisas que quero viver e das formas que quero produzir e compartilhar.

Enviado às 19:27 de terça-feira

Camila: Representa para mim um caminho-projeto que cada vez mais possa se redefinir e se tornar mais poroso, permeável, volátil e uma CRISE, muita crise.

Enviado às 19:30 de terça-feira

Renata: Como assim?

Camila: Crise? Porque é crítico.

Renata: Sim.

Camila: É uma proposta de relação. E trabalhar coletivamente é crítico. Não somos produtores e realizar projetos com financiamento nos exige certa qualificação argumentativa e de produção. Sinto isso de uma forma complexa. Envolve uma escolha do SEU lidar com financiamentos para proporcionar uma base mínima mas ainda uma base. Temos a preocupação estrutural com todos que participam da semana, que é um projeto de relação. Queremos o encontro, queremos que uma diferença se encontre que uma mistura aconteça, e queremos que isso se de com proximidade com intimidade com relação. A dimensão relacional tem por detrás a estrutura que desejamos para todos que participam da semana. Essa estrutura envolve uma economia e essa economia envolve lidar com a esfera dos editais públicos, porque, ainda, como escolha, nós trabalhamos com a esfera pública. E por que queremos viabilizar esse movimento que o artista receba uma contrapartida pelo trabalho e que a comunidade local possa se envolver e trabalhar no projeto. Acho que isso faz parte da crise, mas é uma parte.

Enviado às 19:39 de terça-feira

Renata: Pode falar mais detalhadamente do surgimento da SEU... por que disse que ela surgiu como desejo em 2005, quando vocês foram para o EIA, mas, depois, no retorno como se sucederam os fatos?

Camila: Já trabalhávamos como colaboradores um dos projetos dos outros documentação, convivência, *performance*, discussão, pensamento. E quando retornamos do EIA logo aconteceu o FSM (Fórum Social Mundial) e estávamos lá, desenvolvendo nossas propostas em espaços diferentes. nesse entremeio, trabalhamos como assistentes de montagem da bienal e foi um momento importante como vivência da construção daquele evento pelo convívio intenso. Enfim, em abril de 2006 surgiu o coletivo mergulho. Na época éramos eu, Jorge, Manu e Zé. O mergulho surgiu no projeto de ocupação da galeria do DMAE onde a proposta era "usar" o espaço expositivo como laboratório, como atelier, como espaço produtivo para os processos que estávamos desenvolvendo na época. A partir do DMAE, começamos a vivenciar um estado de compartilhamento intenso. Fomos para o SPA, em Recife, e voltamos perturbados com a dimensão da experiência e com muito desejo de propor. Fizemos alguns projetos, em Porto Alegre, que são desdobramentos da energia do SPA. E a nossa relação foi se fortalecendo. Enquanto isso, estávamos buscando por espaços horizontais fora de Porto Alegre para trabalhar. O projeto vídeos bastardos, do Coletivo Pois, é importante nesse processo e o Cine Água também. Surgiu o Projeto: "Estados Temporários" e o Projeto: "Incorpore a Paisagem", além de outros envolvendo corpo, espaço, imagem espaço público, sempre na busca do "fora", "fora", "fora", buscando as dimensões para trabalhar que fossem mais próximas de nós, das coisas que queremos fazer, do que queremos experimentar e construir, enfim, experiências distintas. Nosso último projeto de ocupação de espaço expositivo foi em 2007, no porão do paço municipal e a partir desse momento o mergulho é eu, Manu, Ali e Jorge...

Enviado às 19:52 de terça-feira

Camila: Simultaneamente, o des-desejo dos limites dos espaços expositivos e o deslimite do desejo pelo processo, pelo acontecimento como arte, pelo encontro, pelo trasbordamento e, principalmente, pelo trabalho e construção coletiva acho que o seu é um movimento que surge deste efeito de contaminação mas também do nosso desejo de trabalhar colaborativamente.

Renata: Desculpe a minha ignorância: O FSM a que se refere é o fórum social mundial, não é?

Enviado às 19:55 de terça-feira

Renata: Por que acredita que o seu é um projeto embrionário, como disseste?

Enviado às 19:56 de terça-feira

Camila: Isso. Fizemos apenas uma edição até agora e foi um laboratório é um projeto embrionário pois estamos no início do processo e mesmo tendo sido uma experiência recente, que nos absorve há quase dois anos, já sabemos que a proposta está em mutação.

Renata: A segunda ocorrerá em Porto Alegre?

Camila: Sim.

Renata: O SEU foi criado especificamente para Porto Alegre?

Camila: O SEU tem uma grande influência do contexto de Porto Alegre. Precisávamos propor e viver essa experiência em Porto Alegre, mas ele não é para

Porto Alegre e já estamos projetando um caminho para outros lugares. O seu é um processo. Vejo o projeto como um corpo mutante.

Camila:Essa experiência em Porto Alegre foi muito importante para nós todos: auto reflexiva, combativa, crítica e nos proporcionou outra relação com a cidade. No sentido institucional, o seu foi o primeiro projeto que o Fumproarte aprovou com pró-labore para artistas. Porto Alegre é o lugar onde nos conhecemos e onde começamos a trabalhar juntos, de compartilhamento dos nossos processos, individuais e coletivos. Acho que é uma mistura entre um território conhecido, que faz parte dos nossos corpos, e o desejo de construção de outras possibilidades: raiva e afeto. Tínhamos o desejo de pulverizar as experiências que foram tão importantes para nós e a necessidade de propor na cidade o que vivemos em outros locais com outros artistas criadores e propor uma relação para a cidade, compartilhando com as pessoas do lugar, outras potências, outras contaminações, fecundações, porque queremos abrir um espaço para a experimentação e para a colaboração, para discutir e provocar as questões que são essenciais para nós.

Enviado às 20:08 de terça-feira

Camila:É importante que existam espaços de transpiração, seja onde for, onde possa se dar, o erro o que acontece fora, o que não tem forma fora das esferas públicas acadêmicas, institucionais, etc.

Enviado às 20:09 de terça-feira

Camila:Mas agora não vivemos em Porto Alegre, o que também é um desafio. Propor encontros sem centro prescinde de parcerias, da pulverização das forças propositivas e esse movimento é muito importante. São muitos fatores e sei que pareço confusa, talvez o Rodrigo e a Manu te ajudem nessa dimensão da clareza. O processo para mim é emocional e profundamente confuso, trabalhar no espaço do comum sempre foi fundamental, sair dos espaços e criar outros. A nossa proposta é vivência, rua e relação.

Enviado às 20:14 de terça-feira

Renata:Mesmo que seja mais emocional, está me ajudando bastante, porque está colocando o que sente e isso é fundamental, para que se tenha noção da profundidade da relação entre os produtores e do quão importante esse projeto é para vocês. No ponto de vista conceitual sobre a SEU, considera-a como: grupo, comunidade, coletivo, cooperativa, ou outra forma de organização como: espaço de exposição, eventos, ações, ou modos de expor trabalhos artísticos?

Camila:Lá vamos. O SEU é uma proposta de encontro organizada por artistas e possui uma estrutura aberta para que outras pessoas possam se envolver e construir a proposta colaborativamente. É uma iniciativa de um grupo que está se ampliando e que deseja ser transformado pela experiência coletiva, então, é um grupo aberto e é um processo, cuja base é o encontro, a relação, o espaço público, por enquanto, é isso o comum. Um corpo coletivo aberto em ampliação, um espaço propositivo de colaboração e um laboratório de experiências diversas de criação de mundos.

Renata:Quem financia os convites, os documentos e os textos lançados pela SEU?

Camila:Estamos na perspectiva da segunda edição e ambas edições têm financiamento da esfera pública: Fumproarte e, agora, FAC.

Renata:Oi Camila, já estou disponível. A minha Internet acabou de falhar.

Camila:Oi querida, já estou aqui também.

Enviado às 21:29 de terça-feira

Renata:Retomando: Eu havia perguntado quem financia os convites, os documentos e os textos lançados pela SEU? E respondestes que são financiadas pela esfera pública Fumproarte e agora FAC.

Enviado às 21:31 de terça-feira

Renata:Depois, falou que tinha os editais. Paramos por aí.

Enviado às 21:33 de terça-feira

Renata:Em relação a nossa conversa anterior já salvei toda no Word, assim que terminarmos encaminho para que dê uma olhada se quiser.

Camila:Sim, quero sim. Estávamos falando no financiamento isso?

Renata:Sim. Então ia para a questão dos editais, que disse ser um assunto importante.

Enviado às 21:36 de terça-feira

Camila:Sobre os editais de apoio a cultura para desenvolvimento de projetos e como estávamos falando de Porto Alegre no sentido de uma atualização e abertura para outros tipos de iniciativas. Acho que foi nesse caminho. Essa relação é complexa. O FAC é a primeira edição.

Enviado às 20:34 de quarta-feira, dia 7 de setembro de 2011.

Renata:Oi Camila, desculpa a demora. Estava fazendo o Sumário do TCC.

Camila:Tudo certo. Quando é a entrega do TCC?

Renata:Em novembro. A banca é em dezembro.

Camila:Correria.

Renata:Muita.

Camila:Quem é o orientador?

Renata:A Ana Carvalho.

Camila:Metodologia é bom. E a banca? Já sabe?

Renata:Com certeza. A data ainda não. Mas, escalei o Paulo Gomes e a Bianca Knaak.

Camila:É sempre uma entrega, né? Mas é um tempo especial.

Renata:Sim.

Camila:Essas intensidades fazem a mente ficar acordada, sinapses.

Renata:É verdade.

Camila:Bem querida se quiser seguimos até onde der agora. Se preferir continuar

no sumário falamos de novo outra hora, sem problema.

Renata:Já terminei o Sumário, ao menos, por hora. Podemos prosseguir.

Camila:Ok. Estou aqui.

Renata:Retomando a pergunta anterior: Quem financia os convites, os documentos e os textos lançados pela SEU?

Camila:O SEU 2010 foi um encontro em Porto Alegre financiado pelo Fumproarte convites, divulgação e dois impressos, mas não conseguimos pagar o trabalho dos artistas e pensadores que compartilharam os textos, nem o nosso de produção gráfica, design, etc. Além do encontro em Porto Alegre, outros movimentos aconteceram. Realizamos ações autônomas de lançamento, uma no “Encontro Compacidade”, no Rio de Janeiro; outra, na “Feira de Impressos da Tijuana Galeria Vermelho”, em São Paulo e uma “Festa de Rua” na Esquina Democrática, em Porto Alegre. Essa ação estava conectada com o projeto de performances e ações em *Belleville*, Paris, chamado *Desordre Urbain* onde Ali Khodr e Fabiane Borges estavam realizando um *stream* do encontro. Fizemos um ação simultânea, e a Rede Aparelho organizou uma ação, em Belém do Pará, com projeção de vídeos e distribuição dos impressos. Além desses movimentos, fomos selecionados para participar do Fora do Eixo, v. III, em Brasília, onde realizamos uma ação de lançamento com projeção do vídeo documento da semana, distribuição. No caso do SEU, distribuimos os impressos, além de enviar o material a todos os participantes

Enviado às 21:33 de quarta-feira

Renata:O que é essa Rede Aparelho?

Camila:A Rede aparelho é um grupo de Belém do Pará.

Camila:A ação “bora SEU” envolvia conversa por *skype*, projeção de vídeos e lançamento dos impressos. Foi incrível! Fizemos parte da ação via *skype*, acompanhando o movimento.

Camila:O SEU começou da forma que comentei ontem. Foi se formando a partir do projeto para o Fumproarte, em que conseguimos viabilizar o encontro. Foi um patrocínio pontual para aquela semana, mas o projeto é um movimento contínuo sem patrocínio.

Enviado às 21:39 de quarta-feira

Renata:E qual foi o percurso até chegar a uma instituição como o FUMPROARTE e a FAC? Lembro que ia comentar dos editais públicos, não sei se tem a ver com isso.

Camila:Ambos são possibilidades, via Edital, de realizar um projeto no RS. É uma ação constante de buscar formas e meios para viabilizar projetos, o que não quer dizer que o projeto dependa disso para acontecer.

Enviado às 21:42 de quarta-feira

Camila:O que ia comentar em relação aos Editais é que existe uma política pública de democratização da cultura e viabilização de projetos independentes, que envolve muito trabalho e a construção de um espaço para o diálogo. A tendência dos Editais é selecionar projetos 'formais', especialmente nas Artes Visuais, exposições e catálogos. Acho que o SEU ter sido aprovado foi um momento de abertura para

outros movimentos que não os dos espaços expositivos. E foi o primeiro projeto aprovado com pró-labore para os artistas participantes. A discussão sobre Editais é complexa e extensa, muita negociação e resistência para lidar com esse caminho de trabalho, cada vez mais burocrático e especializado. Isso não apenas no RS, mas em termos gerais. A sensação é que os termos dos Editais normatizam a proposta, talvez, seja a mesma dimensão da academia quando discutimos a questão do método, a metodologia do Edital, só que, daí, estamos falando de uma esfera pública mais ampla e complexa. Enfim, uma discussão importante de ser feita.

Enviado às 21:50 de quarta-feira

Camila:É como no caso dos materiais gráficos. Sabemos que precisamos dispor desses itens para configurar a contrapartida do financiamento, mesmo quando podemos trabalhar com outras potencialidades muito mais orgânicas, como o virtual, as publicações são importantes para nós como espaço formal de troca circulação do trabalho criação, mas em relação ao restante dos materiais não.

Enviado às 21:52 de quarta-feira

Camila:Poderíamos ter revertido esse investimento em contrapartida para os participantes dos impressos por exemplo, mas isso também faz parte do aprendizado. Estamos no embrião e compreendendo no processo de trabalho o que potencializar. Nessa nova edição do SEU já não temos esse excesso, já conseguimos repensar a comunicação da proposta por outros meios, mas a publicação se mantém.

Renata:Concordo plenamente que essa seja uma discussão importante a ser feita. E que meios seriam esses?

Camila:Virtual, com certeza.

Renata:Filmagens, vídeos e divulgação?

Camila:Acho que não entendi a pergunta. São duas coisas distintas, uma é a comunicação do projeto na forma de materiais impressos de divulgação, como: convites, convocatória, programação, etc. Outra parte é a documentação, quando falo da contrapartida, podemos entender que a documentação é em si uma forma de compartilhamento e circulação da proposta e da vivência, é virótica.

Enviado às 22:00 de quarta-feira

Camila:E acho que é essa forma de contrapartida que podemos trabalhar sem precisar de outros tipos de materiais de publicidade, confuso?

Renata:Sim, confuso e complexo.

Camila:Falando de Editais, entendemos que os Editais possuem nas entrelinhas uma exigência de contrapartida que não é inerente a proposta e não é a mesma que a nossa. Os Editais querem publicidade do financiamento o que envolve investimento em materiais gráficos periféricos ao encontro. Nós acreditamos na documentação como forma de compartilhamento, pensamento e circulação da proposta.

Renata:Daí a questão virtual, colocando essa documentação na Internet, disponibilizando-a para quem quiser, é isso?

Camila:Mas isso está em mutação, cada vez mais.

Renata:Agora estou entendendo.

Camila:E acho que para além. O espaço virtual é um espaço de encontro também, de interação e colaboração, autogestão e com circulação. É um espaço vivo de

compartilhamento de conteúdos e extremamente volátil.

Enviado às 22:09 de quarta-feira

Renata: Sei que os trabalhos da SEU são de intervenção urbana e que tem performances, desenhos e várias linguagens artísticas, poderia comentar sobre o gênero de trabalhos expostos pela SEU?

Camila: O seu não expôs trabalhos, é um encontro entre propositores.

Renata: Desculpa pela linguagem, não sei o termo.

Enviado às 22:12 de quarta-feira

Camila: A ideia era reunir um grupo de artistas que se propunham a uma relação com a cidade. Queremos a relação e isso foi muito importante na seleção dos trabalhos. O encontro também se deu entre os participantes. Eram ações que aconteciam no espaço público da cidade e no espaço do encontro, como um dentro-fora constante. As ações na cidade e as noites, na Travessa dos Venezianos, com falas, apresentações, mostras de vídeos, festas, foi um encontro entre diferentes criadores e não de linguagens, desde uma performance interativa como a do EIA...

Enviado às 22:19 de quarta-feira

Camila: Ou uma ação invisível de catografar a cidade a partir da pergunta 'onde posso encontrar a vida?' do Coletivo Curto Circuito. Mas era a dimensão da proposta que importava e não a linguagem como iria definir a linguagem do trabalho das pessoas que moram na Travessa dos Venezianos e que acolheram o encontro? Especialmente a Dona Vera que foi a grande figura dessa semana. Impossível, acho que trabalhar com a dimensão do encontro provoca outros termos para pensar a experiência artística.

Enviado às 22:24 de quarta-feira

Renata: Acredita que a SEU seja algo alternativo dentro do Sistema de Arte (digo em relação à forma que conhecemos esse sistema, com artistas conhecidos expondo em galerias e museus)?

Camila: Humm.

Renata: Justamente pela proposta ser totalmente diferente, inversa, talvez a isso.

Camila: Acredito que o SEU é uma proposta de experiência artística, criativa e subjetiva e acredito que existem vários sistemas orbitando dentro desse sistema que chamamos de sistema das artes.

Enviado às 22:28 de quarta-feira

Camila: Então, talvez, esse projeto seja mais um desses corpos que buscam outro caminho para ser arte, ser esse tempo da criação e pensamento de mundos. Não sei, mas se está falando do sistema das artes no sentido específico da relação entre produção e exposição e de todo o equipamento que se forma em torno disso. Acho que o SEU pode ser uma tentativa diferente sim.

Enviado às 22:32 de quarta-feira

Camila: É difícil pensar sobre isso porque tudo acaba sendo incorporado ou deslegitimado, o que significa que acaba sendo incorporado por outro sistema.

Renata: Com certeza. Ontem comentastes em relação ao espaço não lugar, acho,

que quando falamos da Desvenda, por ser uma forma de encontro entre pessoas. Acredita que a SEU e Desvenda são espaços não lugares?

Camila:Um "espaço não lugar" isso? Como uma qualificação do espaço? Ou um espaço e não um lugar?

Renata:Não há um espaço físico, mas ocorre o convívio, o encontro entre pessoas, onde há possibilidades de relação, entende?

Camila:Sim.

Renata:Inclusive, acredito que tenho falado algo do gênero, ontem. Não sei se quando definia a Desvenda.

Camila:É um espaço interdependente das pessoas, ele acontece na medida da relação com a proposta, não é um lugar, são propostas diferentes Desvenda e Seu, mas ambas tem a interdependência da relação para acontecer, mas se formos pensar nisso...

Renata:Sim vejo isso como ponto comum.

Camila:Tudo é assim. A diferença é que esse é o lugar, daí sim lugar, da proposta. Essa é à base da proposta, inclusive em relação a Desvenda. Agora estamos discutindo outras questões além das que falamos até aqui. O primeiro movimento foi abrir o SEU para que outras pessoas se envolvam com a organização da proposta, como ela se forma no mundo. Fizemos um convite para outros artistas para ampliar esse corpo como uma proposta de colaboração para propor o SEU. Outra questão que surgiu nesse caminho foi focar no processo, trabalhos que considerem a relação temporal, a construção e a troca durante, no acontecendo, e focar no encontro cada vez mais.

Renata:Interessante. Bom, perguntei sobre a questão de ser alternativa e do espaço não lugar, porque antes da pré-banca meu título inicial era: Espaços Expositivos Alternativos em Porto Alegre. Então, depois da pré-banca o Paulo e a Bianca disseram para repensar o título e, agora estou vendo que é uma boa ideia, porque vejo mais questões relacionais do que antes.

Camila:Isso é um conflito.

Renata:Claro que a ideia anteriormente estava muito crua.

Camila:A tal estética relacional.

Renata:É

Camila:Porque também não é isso, mas acho interessante essa mudança.

Renata:Está sem título, ainda.

Camila:O alternativo se dá "em relação" ao expositivo. O título é a última coisa mesmo, nem te preocupa.

Renata:Ainda bem.

Camila:Eu acho pelo menos.

Renata:Não tive o *insite*.

Camila:Mas deve estar no teu conteúdo, às vezes, até na própria estrutura e já fico curiosa para ler o teu TCC. Sabe que aquela tua pergunta sobre o SEU ser um grupo, coletivo, cooperativa, comunidade, etc. ainda está na cabeça? Achei inquietante, amplo e muito bom de pensar.

Renata:Que bom, assim que eu passar pela banca sem grandes problemas, porque espero que eu consiga amarrar bem todas essas informações com as leituras que

tenho que fazer.

Camila: E fiquei querendo ser parte de uma comunidade, uma comunidade cooperativada. Claro que vai amarrar, só cuidado com o n.b., tem um texto da Clarissa Diniz, na Tatuí, que propõe essa discussão.

Renata: Que bom que ficou com isso na cabeça, porque essas serão as questões iniciais do meu TCC, esses conceitos (parte teórica).

Renata: Que bom que ficou com isso na cabeça, porque essas serão as questões iniciais do meu TCC, esses conceitos (parte teórica).

Camila: Do agora "tudo virou relacional". Gostei muito, porque são formas de organização humana desde os indígenas às cooperativas de pequenos produtores. Achei extremamente inquietante e bonito.

Renata: Que texto é esse da Clarissa Diniz da o.n.b.? Tem como eu conseguir, para não fazer igual?

Camila: Porque é uma volta ao humano. Claro, mando-te, vou procurar.

Enviado às 22:54 de quarta-feira

Renata: Abordando a estética relacional, penso em trabalhar mais com a questão do interstício, que tem a ver com o conceito de rede, acredito que do Deleuze e que trata de questões conviviais.

Camila: Hummm, bem mais interessante, as colmeias.

Renata: Mas tudo isso para poder tratar desses relações de estar junto, que a estética relacional aborda.

Enviado às 22:56 de quarta-feira

Renata: Na verdade penso que tem relação no pensamento por trás da Desvenda e da SEU, a ideia de estar e fazer junto.

Camila: <http://revistatatui.com/secao/revista/tatui-11/>

Renata: E a estética relacional aborda isso.

Camila: Se chama "I'm lovin it". Sim, desde sempre, o fazer junto no tempo foi o nosso desejo-movimento-trabalho, desde o início dos tempos.

Renata: Valeu pelo link.

Camila: Vê o que acha, eu fiquei com raiva, porque são palavras muito importantes para mim que configuram outra coisa.

Enviado às 23:00 de quarta-feira

Renata: Sim, agora me deixou curiosa, vou ter que ler e ver o que há de errado.

Camila: Acho que não estou muito inspirada hoje.

Renata: Ou o que perturba.

Camila: Se quiser me manda essas respostas também que posso refazer o que ficou muito caótico. Puxa seria lindo poder saber o que sente com isso.

Renata: Com certeza, vou fazer isso.

Camila: Depois me conta? Ok.

APÊNDICE M – Entrevista com Rodrigo Lourenço

Entrevista concedida a Renata Machado Camargo por Rodrigo Lourenço, em 27 de setembro de 2011, a partir de transcrição fiel do que disse.

Renata: O que a Desvenda representa para ti? E como podes defini-la?

Rodrigo: “Vou falar da história, como é que surgiu. Em 2008, aluguei um espaço na Travessa dos Venezianos, que é uma travessinha na Cidade Baixa, que é um conjunto de casas tombado pelo patrimônio. Ali, tive um atelier de cerâmica com a Lia, com quem estava casado, fizemos o atelier dela e cerâmica e o meu atelier de gravura. Como o lugar era legal e como alguns que abrem um atelier, ficam com vontade de fazer algo, algum movimento tive essa vontade. Mas nem todo mundo, tem certas pessoas que tem uma visão de que arte é feita para fora e não para dentro. Pensam em atelier e galeria como algo mais para fora. Pensamos em como utilizar o espaço para fazer algo, um movimento voltado para dentro. Pensamos em fazer uma exposição, uma galeria, um espaço expositivo. Arrumei o espaço, mas não ficou muito arrumado o suficiente para expor”.

“Andando pela cidade, percebi que tem muitos espaços expositivos bons. Tem lugares ótimos para expor em Porto Alegre, não tem carência nenhuma de espaço expositivo na cidade. O problema da cidade não é esse. A ideia de fazer alguma coisa era para atender alguma necessidade. Não era para simplesmente reproduzir, fazendo mais um espaço. Para mim não faria sentido fazer mais um espaço expositivo, só por fazê-lo, não há a necessidade disso. Pensando percebi que faltava um espaço de convívio e de um lugar onde se pudessem mostrar trabalhos com mais facilidade, menos burocracia, que é o que realmente falta. Todos os lugares, os espaços são por editais, dentro de procedimentos burocráticos e de relações humanas, chatíssimos. Pensei em um lugar melhor, onde não precisasse ter um trabalho mais constituído, onde se pudesse, também, comercializar as obras”.

Os espaços existentes são elefantes brancos, faz-se um trabalho, precisa-se constituir um trabalho extremamente complexo, pronto e acabado, não se vive uma experiência, não se tem um espaço para a discussão do trabalho. É um espaço para a exposição do trabalho, não para discussão sobre o mesmo. E não se pode comercializar, porque a maioria são espaços públicos. Não tem galeria de artes para todos basta pensarmos em quantos se formam no Instituto de Artes por ano, uns 40? Não tem espaço para todos”.

“Logo que abri a Desvenda o que vinha dos trabalhos eram fragmentos de exposição de artes de artistas. Quase todos os trabalhos da Desvenda eram fragmentos de exposição de arte que estavam guardados na casa de alguém ou em algum canto do atelier que não tem nenhum galerista vendendo, que não tem o que fazer, na verdade. Eram trabalhos de gaveta. É isso o que acontece o pessoal desenvolve um trabalho, começa a pesquisar e faz uma exposição, faz duas exposições e tem uma reserva técnica do seu próprio trabalho. Então, propus fazermos algo assim, pensando nesse sentido: juntar algumas pessoas, mostrar o trabalho, mostrar a pesquisa, mostrar não só a exposição de arte, mas a pesquisa em arte e que esse lugar pudesse comercializar os trabalhos”.

“Para escapar do modelo de galeria de arte, que é outro problema, onde tem outro pressuposto muito complicado, pensei em chamar de feira de arte, que não tinha em Porto Alegre e que não tem além da Desvenda. Pensei nas feiras, naquelas

grandes feiras que não são de artistas são de galeria, em que várias galerias se encontram, pagam um estande e vão compradores para gastar em torno de U\$ 100.000,00, são dólares, nem são reais. Então, pensei chamar de feira de arte contemporânea. Pensei em propor para as pessoas, mas achei que ninguém ia querer. Comecei a divulgar isso e a convidar pessoas, mas acreditando que fossem participar. Os artistas querem passar em algum edital, ou na Funarte, ou ser convidado para algo diferente, ou, então, fazer uma grande exposição em uma galeria, tem toda uma situação de pompa ou circunstância que envolve a arte. Não havia a ideia de o artista querer criar alguns minimercados, colocar seu trabalho à prova, os seus pares, não. Mesmo assim resolvi experimentar e a primeira Desvenda teve 46 artistas, lotando o lugar. Foi impressionante e fiquei cansadíssimo também, isso foi em 2008. Fiquei feliz, muitas pessoas queriam participar e a proposição era essa, não era uma exposição com luz, com uma museografia completa, onde os trabalhos tem certa distância entre um e outro, onde tem todo um campo de proteção. Era algo em que se poderia mostrar todo o seu trabalho, bem no estilo da proposta de gabinete de curiosidades. Todos juntos, permitindo um se contaminar com o outro”.

“Tem isso de que um trabalho não pode se aproximar do outro que vão desenergizar, sei lá, algo místico, sei lá o que é. Não tem nada disso. Então, divulgamos o acontecimento e pensei agora não vai vir ninguém na exposição. São sempre os mesmos que vão à exposição, as figurinhas que sempre vão: parente do expositor, alguém que viu no jornal, filão de vernissage, aqueles de sempre. No final, vieram muitas pessoas. E a outra preocupação era que obra de arte não vende. Era um experimento, fazer uma feira de arte para quê? Ninguém vai querer comprar nada. Compraram tudo, esvaziaram. Quando se queria um trabalho podia pegá-lo da parede para levar e era embalado no mesmo instante para a pessoa. Era uma fila enorme que não conseguia dar conta de tantas obras a serem embaladas para que fossem levadas por seus compradores”.

“Descobri que tem gente querendo comprar, que tem gente querendo vender dessa forma, têm artistas querendo sair dessa situação burocrática, não sei como chamar essa situação do edital, da exposição pronta, legal e tal. Tem gente querendo isso e ainda se tem isso como verdadeiro. Fiz a primeira Desvenda, depois, fiz à segunda. Percebi que nenhuma proposta de arte consegue ter continuidade. O Bando de Barro fazia alguma coisa, como ocupar algum lugar e tem atividades assim que são uma vez por ano. Então, pensei em criar algo contínuo, alguma situação, algum modelo alternativo e contínuo. Não adianta fazer uma e esquecer, se não é fadado a não funcionar mesmo. As pessoas dizem: Ah, a gente fez, mas não deu certo. Tem que ter investimento”.

“Fiz a segunda Desvenda sob um calor insuportável, em pleno verão de Porto Alegre, aquele verão terrível. Aconteceu a mesma coisa, várias pessoas foram e vendeu horrores e todo o mês fazia-se a feira e muitas pessoas apareciam. Não aquelas mesmas pessoas de sempre, por ter configurado ela de outra forma de exposição de arte, diferente de exposição de arte com vernissage, com todos aqueles acessórios que estamos acostumados, configurando-a em feira possibilitando e dando outra abordagem, que atraía muitas pessoas diferentes. Pessoas que não iam a exposições de arte, por acharem muito chatas. Exposição de arte é um evento social e obviamente vão pessoas desse meio. Não pessoas que não são e que quando vão sentem que estão invadindo o espaço”.

“Vou em exposições que não são do meu grupo e sinto como se estivesse invadindo o espaço alheio. Até por estar perguntando quem é essa pessoa, que não sei, é muito estranho e imagino que deve acontecer isso o tempo todo. Tirar esses acessórios que impedem para alguns e, que a princípio para mim não estava servindo. A Desvenda atraiu muita gente diferente e os trabalhos não eram baratos. Não é porque tem formato de feira que tudo é barato. Tinha trabalho de R\$ 1.000,00 e o pessoal comprava. Ia lá ver o que estava acontecendo, alguma coisa estranha”.

“Como tem a Chico Lisboa ali do lado, outros ateliês, também, o pessoal começou a achar interessante e pediam para participar da feira e eu deixava. Perguntavam como faziam para participar e os convidava para isso fazendo, ou propondo algo. O desejo de fazer algo foi alimentado e no final agrega tudo e neutraliza todo esse desejo das pessoas de fazer. É o momento de estar aceitando tudo na Desvenda e de estar neutralizando todos esses desejos das pessoas, de formarem novas ideias. No final das contas, quem estava ao redor começou a propor outras atividades. Isso foi muito legal por um período, porque os ateliês começaram a pensar em programações para o primeiro domingo do mês. A partir desse momento, era a Desvenda e vários acontecimentos na rua. Multiplicou-se muito mais a quantidade de pessoas e virou uma festa de rua. Aquilo se sustentou por uns dois anos, algo assim. Como eram pessoas que tinham atelier por ali, tinham grupo começaram a se mudar dali a desativar um pouco. Então meio que desenergizou. Mas a Desvenda continuou o que é algo interessante, porque se tivesse vinculado ela àquela movimentação grande, talvez tivesse se esvaído junto com o resto”.

“Teve um mês que teve umas seis atividades, tinha música e banda na rua. Conseguimos o som da Prefeitura, no outro mês não teve, foi só a feira. Diminuiu num mês e em outro aumentava a movimentação, alguns com mais e outros com menos acontecimentos ocorrendo. Não havia uma previsão do tamanho que seria. Tinha vezes que se conseguiam mais coisas e às vezes não. E não era movimentado por mim. Eram as pessoas que tinham desejo de fazer algo no local. Ajudava no que podia, por ter o atelier ali. A CowBees quando queria fazer, fazia algo. A Azul Galeria, da Gaby, se quisesse fazer uma banca lá na rua fazia”.

“Não era algo gerenciado. Tinham pessoas que diziam vamos fazer uma grande feira e eu dizia não, vamos fazer cinco eventos, coloca lá na Travessa. Tinham pessoas que diziam ser interessante criar algo único, mas eu respondia que não é interessante criar uma coisa só, o interessante é ter vários acontecimentos. Muitas artistas estão interessadas em fazer coisas e não em fazer uma proposta. Acredito que isso não fortaleça nada. Depois, isso começou a ter uma repercussão, o pessoal começou a me mandar e-mail, viram que estava na Internet”.

“O pessoal começou a me mandar e-mail de Curitiba, perguntando se eles poderiam fazer uma Desvenda. A mesma situação ocorreu, as pessoas achavam interessante fazer e pensar em algo desse tipo. Ligaram-me pedindo como poderiam participar da Desvenda. Tem uma menina que é de Curitiba e que eu não me lembro do nome, queria participar e tem algumas coisas de produção também. Disse que podia mandar o trabalho para cá e que a Desvenda não tem custo nenhum, podendo assim participar. O único custo seria para postar os trabalhos para cá. Como mandaria o trabalho dela lá de Curitiba eu disse para fechar um malote com uns dez trabalhos, de dez artistas, para fazermos uma feira especial dessa cidade. É muito simples, em vez de gastar R\$ 50,00, vais gastar R\$ 100,00 para mandar o trabalho

de todos e isso gerou outro gosto, o da vontade de ser associativo. Gerou um movimento que junta cinco, seis pessoas e faz mais barulho e tudo começa a ter mais consistência. Depois, teve o pessoal do Rio de Janeiro, o coletivo Filé de Peixe, que resolveu vir para Porto Alegre e eles vieram, eles tinham uma proposta, logo quando fizemos a primeira feira de intercâmbio: Curitiba, Rio de Janeiro e Porto Alegre. O Coletivo Filé de Peixe é que pagou tudo, até a estadia aqui em Porto Alegre”.

Renata: Falaste que o problema da cidade não era a questão do espaço expositivo, então, qual é o problema da cidade?

Rodrigo: “O problema é a falta de espaço desburocratizado. O problema não é a falta de espaço é a falta de espaço gerenciado. Os problemas são as políticas de fomento a cultura. O problema não é a falta de espaço expositivo é como ele existe. Faz-se um edital a Prefeitura não te oferece nada no edital, tem que pagar as obras, o Buffet, pagar o convite mal impresso e branco e, no final, precisas oferecer uma obra. Faz-se uma exposição de arte, paga-se todos os custos da exposição, paga a confecção da obra, a pesquisa, paga a vernissage, a abertura e tem que doar uma obra, ainda. Isso não é para fazer nada, então. Realmente tinha feito e fiquei furioso quando passei em um edital do DMAE, de visual, ali na Galeria do DMAE e o pior é que foram pouquíssimas pessoas no lugar. E o meu projeto não era uma impressão, o meu projeto era fazer no local. Na primeira semana eu estava lá fazendo meu projeto no local e ninguém visitou”.

Renata: Achas que é por falta de divulgação?

Rodrigo: “É por falta de interesse, porque é um modelo “capenga”, o que as pessoas vão fazer em uma exposição de arte? Divulgação sem dúvida é o que falta, além de remuneração para o artista desenvolver um trabalho realmente interessante. Imagina, gasta-se R\$ 5.000,00 em um trabalho de arte e vais mandar para a FUNARTE não vais mandar para o DMAE para expor o trabalho e não ganhar nada com isso. E ter que doar uma parte do trabalho, para não ter reforço, não ter segurança, não havendo recurso nenhum. Não há grana, pois não se investe, não tem recurso. Chega-se em um espaço expositivo e eles dizem que não tem dinheiro, então, como vou expor meu trabalho aqui? Quem irá pagar pelo meu trabalho? Quem irá pagar pelas fotos que tenho que revelar, eu? Pensam que se queres ser artista tem que pagar pelo teu trabalho. Não, não é assim, ainda doas teu trabalho porque é gratuito. No teatro não é assim, teatro tem incentivo”.

Renata: Por que o artista visual tem que doar o seu próprio trabalho?

Rodrigo: “O artista visual tem que doar seu trabalho integralmente. O artista visual passa em um edital público e tem que doar integralmente o trabalho dele. O edital público é para a doação integral de seu trabalho. Não é para expor, é para doação, porque pega um trabalho para expor e tem que ser doado para o acervo”.

Renata: Quando falastes sobre a Desvenda como algo alternativo, alternativo ao quê? Ou a quem?

Rodrigo: “Alternativo a esse problema, ao modelo de exposição, talvez do século XIX. Dessas exposições francesas, de vernissage. Uma exposição de arte tem uma função para o artista, mas se tem custos com ela. Depois, vais expor, vai ter o crítico de arte que irá à tua exposição, vai ver teus trabalhos, vai fazer uma crítica que será

publicada no jornal, na revista. Então, o teu trabalho fica na galeria e terá mais visibilidade vai aparecer na mídia. Vão ter jornalistas que irão ver teu trabalho, irão compradores na exposição. Mas, nada disso acontece. Faz-se uma exposição e não vai um crítico ver teu trabalho, não tem um galerista que irá se interessar se queres que entres para a galeria dele ou não, não existe uma imprensa especializada, as pessoas que vão não são compradores é assim, pelo menos em Porto Alegre. A exposição não serve para nada, serve para mostrares para teus amigos o teu trabalho, para melhorar o currículo, para conseguir depois expor em algum lugar. Aquela eterna formação. Ou forma-se artista, tenta o mestrado. Bom, o artista não precisa necessariamente ir para academia, ele pode se formar na academia, mas o objetivo é ter uma linha. Para que serve toda essa obra, essa exposição de arte, não é para galerista, não é para o público te conhecer, não é para a imprensa te conhecer, não é para críticos te visitarem, é para quê, então? A alternativa que eu tenho é se pensar em algo, em algum lugar o meu trabalho existe para alguma coisa”.

Renata: Quando falastes que a Desvenda é realizada no primeiro domingo de cada mês é algo que foi determinado pelo coletivo, ou foste tu?

Rodrigo: “A Desvenda não foi, eu criei um projeto independente: a Desvenda é independente. É um dos únicos projetos que fiz e que é independente. Eu faço a SEU e não é independente, a SEU é dependente, ela precisa de incentivo financeiro para existir, a Desvenda é independente. Uma vez mandamos um edital para um salão, mas quando temos que fazer algo a gente rateia os custos. É a grande vantagem de ter um grande grupo, que rateia os custos de uma exposição que viram irrisórios. Fizemos uma exposição no Pelourinho por R\$ 30,00 cada um. Tem essa coisa de agregar para viabilizar também. Quem estipulou foi eu de acordo com o funcionamento das minhas agendas. Foi o pior dia que escolhi. Todos os primeiros domingos de cada mês em 2008, 2009 e em 2010, sempre caíam em um feriadão, também. Impressionante, sempre tinha um feriadão. Eu via no calendário era impressionante sempre caía em um feriadão ou em um jogo do Grêmio. Mas sempre vinha um monte de gente igual. Por ser no feriadão eu também não saía. No verão, muito calor e eu lá. Por que inventei de ser no primeiro domingo? Antes, era no último domingo, mas daí eu desisti do último domingo”.

Renata: Por quê?

Rodrigo: “Porque cansei do último domingo. Ah, o último, cansei. Tinha que ser o primeiro”.

Renata: Então vistes que o primeiro era mais complicado?

Rodrigo: “É”.

Renata: Por quê?

Rodrigo: “Porque eu não quero ser o último quero ser o primeiro. Era algo bem bobo assim”.

Renata: E como conseguiram a caixa de som da Prefeitura?

Rodrigo: “Acho que foi a Cláu, do CowBees. Só que era uma incomodação com a Prefeitura, porque a Prefeitura se achava dona total do equipamento, sendo que é

algo público. Essa coisa da política, acreditam que os equipamentos de cultura são propriedade dos gestores”.

Renata: O que pensas sobre a Desvenda enquanto oportunidade para artistas iniciantes?

Rodrigo: “É muito difícil convencer quem está começando a mostrar seu trabalho. É uma insegurança absurda. É incompatível com outros lugares. Viajei por aí e não se vê isso, o pessoal mostra. Aqui o pessoal não mostra, é um horror. Vê pessoas com trabalho de qualidade e não querem mostrá-lo, tem medo por estarem começando e, é claro, ao longo do tempo o trabalho das pessoas vão ficando mais complexo. É um projeto de construção sempre. É como um ‘lego’ gigante, que começa simples e vai criando complexidade ao longo do que a pessoa continua trabalhando”.

Renata: Tem como mostrar o processo de trabalho de quem participa?

Rodrigo: “Não sei se tem como mostrar o processo de trabalho, depende do trabalho. O mais interessante é que a pessoa crie coragem de mostrar o que produz. É que nem contar uma piada muito engraçada, só vai saber se acham graça ou não no momento que conseguir contar para outras pessoas que vão dizer se é ou não realmente engraçada. Ela só começa a existir no momento que sai daquela condição de experiência. Quando se faz uma experiência tem que se comprovar para ver se funciona como se imagina. É importante que as pessoas tenham um espaço facilitado para isso. Uma das coisas da Desvenda é que começou a ficar muito acomodada, começou ter muito pouco artista. A Desvenda hoje se constitui com poucos artistas. Convidam-se as pessoas e não entendem que não é uma feira fechada, não compreendem direito o que é e ficam esperando serem convidadas. Mesmo quando peço para que mandem uma proposta, porque as pessoas estão acostumadas com o sistema de convite, onde é convidado para algo, onde se tem esse “amiguismo” ou onde se faz um edital. Não conseguem conceber outro modelo de participação. É muito difícil”.

Renata: Acredita que a Desvenda seja forma de dar notoriedade aos artistas iniciantes?

Rodrigo: “Uma exposição nesse sentido serve para isso, né? Ela é para isso, é um jeito de o artista sair da sombra e estar em um espaço em que se pode ter visibilidade é ótimo. A Desvenda é algo horizontal, tem vários artistas já consagrados que participam da Desvenda e tem outros que já estão numa escalada de sucesso, que participam de vários editais, participam da Desvenda e que participam com várias pessoas que hoje estão iniciando o trabalho”.

“Têm vários critérios que são muito flexíveis da Desvenda. Envolve comprometimento, e comprometimento com trabalho é o que se vê. Percebe-se quando a pessoa está comprometida a partir do histórico dela como artista. Sempre peço vários comprovantes de que a pessoa é um artista não é um artista de fim de semana, ou uma pessoa que tem um *hobbie*. Peço para ver se é um artista e se tem essa liberdade. Não há espaço de mercado para quem está pesquisando, em processo de pesquisa e desenvolvendo um projeto embrionário. Na Desvenda os artistas já tem um trabalho e podem estar trocando. O artista vai à feira e tem contato com os outros, conversa sobre o que faz e vê se ele funciona. O trabalho não faz nada sozinho, a pessoa tem que estar lá em contato. No início, vi uma desorganização muito grande dos artistas, mandavam o trabalho, a foto do trabalho

torta, e eu dizia que não era isso que eu queria: uma foto desfocada, um currículo pela metade, um blog que fala do cotidiano, mas não do trabalho. Quer ser artista, precisa se socializar, ter um currículo, fotografar o trabalho direito, não precisa ser um fotógrafo profissional, mas ao menos uma foto com foco. Precisa inscrever teu trabalho, dizer o tamanho que tem”.

Renata: Em relação ao tamanho, existe alguma determinação de tamanho máximo?

Rodrigo: “Não, não existe isso. Não existe tamanho e nem proposta, já teve proposta sonora, já teve performance, tudo quanto é tipo. A Desvenda não é uma exposição de parede. Tem uma proposta “bizarra”, uma ideia maluca de arte com muito convívio que gosta, manda que não têm essa limitação do suporte tradicional, não. Aqui em Porto Alegre não vejo muitos trabalhos de performance”.

Renata: Na parte conceitual sobre a Desvenda, concebe-a como grupo, comunidade, coletivo, uma cooperativa, outra forma de organização um modo de exposição, ação, evento artístico?

Rodrigo: “Acho que ela é um colaborativo, é uma proposta colaborativa. Porque ela não é um grupo fechado, não é um coletivo. Acho coletivo é uma mentira, muita gente quer um coletivo e não é coletivo coisa nenhuma. Coletivo tem vários modelos e daí, pode-se inventar o papo que quiser. A Desvenda é colaborativa alguns artistas não perceberam, ainda, que não tem instituição ali, não tem instituição nenhuma. E o que legitima a Desvenda e os artistas da Desvenda são os próprios artistas ao participarem de um evento. O artista participa e não vê que o trabalho alimenta essa proposta que apoia todos os outros artistas que possibilitam essa proposta e todos os outros projetos. Que me apoia também, por isso ser colaborativo, por ser dessa forma. As pessoas não se deram conta dessa situação ainda que não é uma proposta da FUNARTE, não tem financiamento público, o que existe na Desvenda são os artistas. As pessoas começaram a participar, a fazer convites para participar, a dar sugestões. Não se deram conta ainda de quem manda na Desvenda, quem legitima ela são os artistas mesmo. Olha no site da Desvenda e vê que tem uns 200 artistas, tem todo esse grupo de criadores, apoiando-se. Na verdade é um apoio, no momento em que diz vou fazer uma exposição não sei aonde, e só é viável se tiver tantos artistas aí se vai. Eu sou um gerente”.

Renata: Quais os tipos de obras que têm na Desvenda?

Rodrigo: “Não tem, é uma desvenda. Os artistas tem medo de expor, é uma insegurança, e eles não querem vender seus trabalhos. No início de carreira, não querem vender e colocam um valor pequeno no trabalho, é uma defesa. Tem que colocar o valor cultural que tem, se fosse assim a Monalisa iria custar R\$ 15,00, porque é pequena. O valor que o mercado dá para uma obra de arte não é o valor que tem culturalmente”.

Renata: Existem exposições que são promovidas com auxílio do IEAVI?

Rodrigo: “Não, é um convite que a gente recebeu”.

Renata: Eu queria saber como funciona isso.

Rodrigo: “Nos convidaram e achei bom”.

Renata: Não patrocinam nada também é só o convite?

Rodrigo: “Às vezes, patrocinam, quando para viabilizar algo precisamos de algum recurso. Ou, também quando o lugar é muito interessante para a gente, daí organizamos um grupo para participar. Normalmente convidam dão alguma facilidade para viabilizar”.

Renata: Sim, mas o que patrocinariam?

Rodrigo: “Normalmente é transporte de obras, hospedagem, para viabilização. É a viabilização física, algum transporte de obras, algum suporte de mídias, alguma assessoria de imprensa”.

Renata: No caso, a oportunidade surgiu quando o IEAVI começou a ver a movimentação da Desvenda e assim a convidaram?

Rodrigo: “É, viram e convidaram para a gente abrir um SPA, lá. Pediram para vermos a possibilidade de custo, com orçamento para viabilizarmos a proposta. A verdade é que tem compromisso e muita gente a viabilizar, então discutimos. Em Fortaleza participamos de um salão de arte que pagou o prêmio em dinheiro o que viabilizaria expor lá. Outra vez fomos para outro lugar e outro espaço e sugeri para ratearmos os custos. Normalmente participam o pessoal de Porto Alegre, vou ao lugar levo as obras e rateamos esses custos. O pessoal de Porto Alegre tem o custo de enviar a obra, inclusive, aqui em Porto Alegre, tenho a curadoria da mala, tenho duas ou três malas em que levo todos os trabalhos. Há a limitação daquele espaço, aí o pessoal diz que queria mandar um trabalho grande, por exemplo, então digo: - Não tem problema, mas o custo é teu. Às vezes, isso acontece é o custo de transportar. O pessoal da década de 1960, 1970 chamava esse tipo de curador de curador de “sovaco”, porque pegava uma mala enchia de gravuras e colocava em baixo do braço e ia para os locais expositivos com as obras. Em São Paulo, fizemos uma loja o Coletivo Cachalote convidou e vendia obras de arte. Eu acho interessante fazer isso, convido os artistas e acho interessante também a nossa gerência. Não é para fechar em um modelo. Queremos fazer algo no Fórum Social, estamos vendo alguma data para fazermos alguma coisa no Fórum Social. Mas, tem-se a mesma situação os artistas é que lançam a chamada, expõe as limitações do momento, dizem como será e acho interessante participar”.

Renata: No ano passado comentou que faltava incentivo do governo nas artes, para que ocorressem exposições, queria saber que tipo de incentivo deve ser dado pelo governo na tua opinião?

Rodrigo: “Incentivo financeiro e uma política cultural clara, que não tem. Agora esteve aqui o FAC que foi um horror, achei que ia ser uma ótima, mas foi uma péssima ideia. Gerou um monstro, eles criaram o sistema de uma forma que estou enlouquecido. Até ajudei a gerir, mas quando chegou no momento da implementação criaram um sistema de perguntas e respostas, em que hoje não tem mérito as propostas, tem uma planilha onde dão uma pontuação de um a cinco e qualquer um pode fazer isso, não há capacidade de gerar parcerias. É algo burocrático, completamente burocrático, semelhante à LIC”.

Renata: É fora da realidade?

Rodrigo: “É fora do tamanho que é necessário. A planilha oferece uma alíquota de até R\$ 30.000,00 e aparece até apresentação de impacto ambiental. A partir desse valor e do que irá entrar ali e poder ficar tem que pontuar o máximo em todos”.

Renata: Isso afunila muito?

Rodrigo: “Totalmente, porque só vai poder se for utilizar até R\$ 30.000,00, se não utilizar tem que apertar muito para conseguir fazer um projeto que pontue tudo com esse valor. Só que o FAC não é para isso é para ser de R\$ 2.000,00, o grafiteiro ganhou o muro para pintar e ele precisa tinta para o que quer fazer e ele pede apoio ao FAC que é de apoio a cultura, só que se for fazer isso não consegue, porque não terá a análise de impacto ambiental, não vai ter cada parceria, não vai ter entrosamento com o sistema acadêmico, acaba com o projeto”.

“A SEU teve inscrição pela FAC quem propôs foi a Manuela [Eichner] (pessoa física) e agora chegou à resposta, depois de certo tempo, e a produtora que se inscreveu, já estava achando que nem podia, porque era para artista, não para produtor. Quando não se é produtor se recebe o valor integral, e os produtores recebem com 26% de desconto do imposto de renda. Faz um projeto de R\$ 30.000,00, tabela, o projeto deles é tão difícil que tem que ter contador, tem que pagar todos os impostos, tem que responder como patrocínio, o Estado dá o dinheiro e é preciso prestar contas. Na verdade, não dá o dinheiro para pagar as faturas do que comprovou: pagar a hospedagem dá o dinheiro e que se transfere para a hospedagem. Só que chegou o dinheiro como prêmio no valor de R\$ 30.000,00 precisa comprovar a destinação do projeto e não comprovar a destinação do dinheiro, que é outra coisa”.

“Por exemplo, a Manuela que é produtora, para receber como produtora precisa pagar 33% de imposto, então vai emitir uma RPA com 33% de imposto e o dinheiro que recebeu vem com 27% de impostos também, no final fica com aproximadamente 60% de imposto que vai pagar e isso é uma atrocidade é isso que estou falando. Não é para isso, e no final estamos tendo que refazer a SEU, repensar a SEU 27% menor, então, isso não é política, é aí que estão os problemas. Como se faz uma exposição sem dar um centavo para o camarada que está expondo. Uma vez fui a uma exposição no Érico Veríssimo e tinha fotos expostas de uma viagem de alguém, o artista fez uma viagem e fotografou Bali e o que recebeu em troca? Desse jeito vai acabar mandando para São Paulo, ou Rio, onde têm muitos gaúchos, Minas, Recife, os artistas não têm patrocínio, estão indo embora. Por exemplo, quanto um monitor ganha no Iberê Camargo para ser monitor, dever ser uns R\$ 400,00? Adeus né, estão indo embora, vão trabalhar com outra coisa”.

Renata: Como surgiu a SEU? Sei que foi uma parceria tua com a Manuela Eichner e a Camila Mello.

Rodrigo: “Sim, participamos de alguns eventos e de uma Desvenda de encontro de artistas, que envolviam atividades de intervenção urbana. Com esse foco em obras ambientais. Nós tínhamos esse tipo de trabalho e não tínhamos espaço para isso, porque não víamos pessoas fazendo esse tipo de coisa em Porto Alegre, que é uma cidade muito pacata. Participamos de vários encontros, no SPA, participamos em 2006. Percebemos que seria interessante fazer isso em Porto Alegre e começamos a pensar em como fazer esse encontro, qual seria o objetivo desse tipo de atividade artística”.

“Queríamos uma instituição menos institucional, aproximação maior das pessoas e não do trabalho das pessoas. O artista tendo a oportunidade de mandar um trabalho, em que tivessem pessoas pensando em suas propostas em conjunto para a cidade, propostas de convívio e relação. Depois, começamos a pensar e foi isso que nós fizemos mesmo trouxemos as pessoas para cá. A SEU tinha essa coisa mesmo de cuidado com o artista. E tinha essa coisa de tomar a cidade para si. E a seleção dos trabalhos que fizemos foi toda com essa questão do cuidado do que pensa fazer numa cidade, não eram propostas estéticas, eram propostas de relação, mas não eram meramente estéticas, era algo que questionasse o convívio, o cotidiano, o dia-a-dia”.

“Tinham trabalhos muito bons, mas não condiziam com o a nossa proposta, não pressupunham a participação das pessoas, tinham muitos artistas que propunham a rua como espaço de exposição, sem introduzirem nos seus trabalhos a

relação com esse espaço. Era como utilizar o espaço da rua como galeria, ou como espaço de performance, não havia troca. Nós queríamos essa aproximação das pessoas”.

Renata: Quando falas dessa questão da proposta de relação e que não é só estética tem alguma base teórica?

Rodrigo: “Devo ter sim. Se ler Deleuze ou Guatari, que trazem ideias relacionais. Não sei citar, não. Tem coisas que li, da própria literatura que foram mais importantes: O Barão nas árvores (Ítalo Calvino). Na verdade a SEU surgiu da experiência de convívio com outros artistas que a gente começou a constituir isso. Não foi a partir de um conceito abstrato, foi a partir da nossa experiência, do que vivenciamos e pensamos como poderia ser realizada para ter a possibilidade de que saísse ideias fantásticas. Temos diferenciais dos outros eventos, agregamos coisas que nem outro evento faz. Agregamos todos os artistas no mesmo espaço, alugamos um só lugar, um prédio, ou vários quartos de hotel, no mesmo lugar e a ideia é de que haja esse convívio intenso”.

“Em outros eventos eles chamam as pessoas que ficam dispersas é muito difícil esse convívio, e com alguns problemas sérios. A gente tem toda uma capacidade de construir um evento e de integrar essas pessoas para gerarem uma produção, gerarem um conhecimento. Seria uma troca intensa. De não ser só como um evento de salão de artes, um salão de intervenção urbana, aonde o artista vai lá e mostra seu trabalho. Tem a possibilidade de alterá-la como um cardápio de coisas que estão acontecendo, como um cardápio de artistas. Acreditamos que não é por aí. Unimo-nos para repensar o que foi feito. Temos o desejo de gerar conhecimento e não só de mostrar o que foi feito”.

Renata: Em termos conceituais, caracterizarias a SEU como grupo, comunidade, coletivo, cooperativa, colaborativo, ou outro tipo de organização?

Rodrigo: “A SEU é gerida por mim pela Camila e pela Manu, nós três que debatemos os caminhos. Conversamos desde o começo de ser um espaço de abertura e que pudessem outras pessoas ser agregadas no momento de constituição da SEU. Chamamos pessoas como consultoras e dissemos: - Entrem, façam propostas. O Davi da Paz, de Fortaleza, é um que está muito integrado, ajudando a conceitualizar, ideias, dando uma outra visão de como fazer as coisas. Estamos chamando pessoas, temos ideia de abertura, para não ficar centralizado. A SEU está se constituindo também. Constituindo por que o fato é que a SEU não é independente, precisa de recursos e a gente não está convidando as pessoas para trabalhar de graça. Não temos esse desejo, meio sacana”.

Renata: Ela é um tanto diferente da Desvenda, é que a Desvenda expõe em lugares fechados, não? E a SEU é na cidade mesmo, espaço urbano?

Rodrigo: “Espaço urbano, é”.

Renata: Isso é o contraponto?

Rodrigo: “É pode ser, mas estamos abertos a fazer parcerias também”.

Renata: A SEU pode expor dentro de algum lugar também?

Rodrigo: “Não temos muito. Tem que ter uma situação de necessidade”.

Renata: Mas tem que ser lugar onde passam pessoas também, por que se não, não tem razão de ser não é?

Rodrigo: “Não, não temos essa necessidade, a cidade e não é feita só de ruas, entendeu? Uma galeria é um espaço público, não é utilizada como tal, por uma série de convenções, não é? Que não são inerentes ao lugar”.

Renata: Mas o espaço de uma galeria lota muito menos que na rua, por exemplo.

Rodrigo: “Mas mesmo assim, a galeria é pública, é um espaço público, depende de como a administração o percebe. Um exemplo de outro espaço fechado de galeria pode ser o Mercado Público, que tem um espaço de exposição, com outra abordagem. Aí escolhe uma galeria a Casa de Cultura tem outra abordagem, diferente do Mercado Público”.

Renata: Quando fui visitar a Desvenda, na Casa de Cultura Mário Quintana, parecia menos movimentada, tinham poucas pessoas passando e indo vê-la. Situação diferente do que se ocorresse no Mercado Público, por exemplo.

Rodrigo: “É o Mercado é um lugar de passagem, estão indo para fazer muitas coisas”.

Renata: É e acabam vendo sem querer a exposição, de certa forma interagindo como dissestes.

Rodrigo: “É uma escolha dos administradores do espaço, como, por exemplo, tem o Memorial do Rio Grande do Sul que é um mausoléu que não tem nada, não existe nada, não existe público e não tem nada naquilo. É um mausoléu e também um espaço expositivo. Isso é um problema da administração e isso ocorre com todos os espaços públicos. Se um espaço público de galeria se constitui dessa forma não é inerente a ele, é inerente a sua administração. O memorial poderia ter o mesmo tipo de trabalho que tem a Casa de Cultura, até por ter o mesmo público, um público circulante, mas não tem nada. É um espaço de convívio, as pessoas podem passar, podem entrar, não é privado. E o espaço da rua também”.

Renata: É que as pessoas têm um medo de entrar.

Rodrigo: “Claro é um mausoléu. É um espaço opressivo também. Mas na Prefeitura também tem um lugar de exposição que abre em horário comercial e tem um guarda na frente com a porta fechada, então, quem vai entrar, ninguém vai entrar. É um espaço público também. No Mercado Público ninguém cuida, todos entram, veem e vão embora”.

Renata: E, nesses lugares, pode-se ter a proximidade com a obra, diferente dos outros, onde não dá nem para chegar perto.

Rodrigo: “É, mas o espaço de rua também. Queríamos fazer, mas não vamos conseguir por causa do FAC, fazer oficinas também. Fazer um edital de oficinas legais. Sou um gravurista e não vou fazer uma oficina de gravurinha de xilogravura. Não precisamos disso, precisamos de alguém que faça uma oficina de verdade”.

Renata: Como assim, por exemplo?

Rodrigo: “Não sei, vê uma proposta imagina. Pensa em algo que possa compartilhar com as pessoas. Não uma oficina que te treina para desenvolver a técnica naquele momento, ela te treina para fazer arte, que te dê a chance de experimentar aquilo dali. Uma vez participei de uma de gravura em metal que foi um horror. Duas horas se fez uma gravura em metal. Para te ver como saiu, a experiência que foi feita. Eu já sabia, mas fui lá porque queria usar o equipamento. Mas, pensa um pouco que ideia é essa de fazer uma oficina relâmpago para que a pessoa tenha a experiência de fazer gravura em metal. Não tem como é só uma alegoria”.

Renata: E a atuação da SEU é só na cidade de Porto Alegre, querem tentar ir para outras cidades também?

Rodrigo: “Não tem essa limitação, não precisa ser necessariamente Porto Alegre. Vamos tentar fazer mais alguma coisa por aí. Na verdade estamos conversando com

o pessoal, vindo no que dá, mas é algo muito trabalhoso. Fazer algo assim dá muito trabalho e outra coisa, precisa-se de grana. É muito caro. Para nós que já conhecemos a cidade e, conheço bem a cidade, então tem um trânsito facilitado que posso conseguir fazer um evento com R\$ 30.000,00, fazer a SEU com esse valor. Mas fora daqui, não sei não, precisa de muita parceria. Mas estamos tentando vamos ver o que acontece”.

Renata: Então, no caso ela precisa desse patrocínio para sobreviver?

Rodrigo: “Sim, ela precisa para acontecer, porque trazemos os artistas, pagamos cachê para os artistas. Pagamos hospedagem para os artistas”.

Renata: É isso que eu queria saber a hospedagem e o cachê é do bolso de vocês mesmo, ou é patrocínio?

Rodrigo: “Não, patrocínio. Estaríamos fazendo aquilo que não queremos fazer, que é dar nosso trabalho gratuitamente. No edital temos que dar o valor, então o viabilizamos para pagar passagem e tudo o mais. A SEU é presencial, não tem a opção de não ser e de o artista dizer: - Ah, vou mandar, não”.

Renata: Não tem como mandar nada?

Rodrigo: “Não, não tem como mandar nada é presencial”.

Renata: E esse patrocínio também vem do FUMPROARTE além da FAC?

Rodrigo: “Acho que o patrocínio foi da FUMPROARTE a primeira vez?”

Renata: Sim.

Rodrigo: “O segundo pelo FAC, mas virá muito reduzido. No primeiro tivemos 24 artistas e nesse teremos uns quatro. Porque fizemos um projeto com 40% do valor que precisávamos. E é tudo baseado em RPA”.

Renata: Qual foi o percurso até chegar a essas instituições?

Rodrigo: “São por editais públicos, que são muito legais. São editais públicos de fomento, só que é a única forma de financiamento para um evento desses”.

Renata: Vocês conversaram e chegaram à conclusão de que não tinha como, de que tinha que ser dessa maneira?

Rodrigo: “Não sempre foi assim, nunca houve dúvida de que precisaríamos de financiamento. Não tínhamos o desejo e de repente pensamos e agora quem irá financiar isso. Elaboramos pensando em certos valores. A SEU é um evento financiado mesmo. A proposta é independente, ela é elaborada por nós. Nós pensamos e determinamos os critérios, mas quem financia nesse caso é o poder público. A SEU não é bem um evento, é uma proposta de evento. Ela não é só um evento e as coisas que acontecem no evento. Ela é uma proposta de como se portar dentro do evento. A próxima SEU terá todas as contas abertas. Teremos uma transparência total em tudo. É a nossa proposta. Além de chamar os artistas, pensar nos artistas, pensar no processo de curadoria, etc. Temos a ideia de abrir as contas, porque é dinheiro público. E como é dinheiro público temos que prestar contas. Temos até um site: o transparência, que colocamos lá o projeto”.

Renata: Ah, vocês têm um site?

Rodrigo: “É, mas o site não está pronto ainda. Está em construção vai mostrar bem o projeto, tem as fichas de avaliação da SEDAC e vamos colocar tudo lá. A pessoa quer saber quem recebeu o que, quantos foram. E isso é muito importante, assim o pulo do gato nessa história é essa”.

Renata: E isso dá credibilidade para vocês também?

Rodrigo: “Nem é credibilidade, a contrapartida é isso, é o mostrar o que se faz com o dinheiro público e acabar com essa pouca vergonha”.

Renata: Sim é mostrar isso, a credibilidade vem daí, de as pessoas terem acesso, de saber o que vocês estão fazendo com o dinheiro.

Rodrigo: “É isso, o que estamos fazendo não é um favor e acho que tem que ser público isso. Acredito que essas coisas tem que ser bem claras, porque falta dinheiro público e sobra para algumas coisas. E sobra, por exemplo, para pagar o Marcelo D2”.

Renata: Vocês estão fazendo o site da Desvenda, o site para vendas. O site vai ser feito?

Rodrigo: “Não, o site está lá. Desde 2008”.

Renata: É aquele site mesmo?

Rodrigo: “É ele começou como blog e agora é site: desvenda.net. estão lá todos os trabalhos, com dados do evento, do trabalho, do artista e o valor da obra e tudo”.

Renata: É porque tem aquele o wordpress.

Rodrigo: “Sim, ele é baseado naquele site, só que eu mudei os dados e o layout e as pessoas se comunicam por lá agora”.

Renata: A Camila comentou que para ela a SEU ainda é embrionária.

Rodrigo: “É mais é. Ele é um projeto em construção, ainda não estamos dizendo que é assim, pronto e acabou”.

Renata: Mas a Desvenda também está em constante transformação, porque ela já está em intercâmbio e ela não tinha essa ideia no início de intercambiar?

Rodrigo: “É ela não tinha. Agora estamos fazendo um projeto de residência também, tem essa coisa de mudar. Essa ideia de projeto pronto e acabado já era. Em um tempo atrás se dizia é assim, agora não”.

Renata: E acredita que não existe mercado de arte aqui?

Rodrigo: “Existe, na verdade tem comprador de arte, não existe mercado. Têm compradores de arte, tem gente que compra arte. As galerias procuram especuladores de arte, mas tem compradores também. Não tem é investidor em arte. Tem galerias que fazem esse trabalho que entendem que o artista é interessante e vai investir nele. Deixa o artista expor no Rumus, expõe na Pinacoteca daí ela pega o artista. O empresário da arte não é muito investidor”.

Renata: É por isso que não tem mercado, porque não tem investidor?

Rodrigo: “É que nem abrir concessionária de carro, vai achando que irá ganhar muito dinheiro, só que não tem investidor. Falta isso, que o galerista tenha rankings A,B,C com o que ele está trabalhando, investindo. O galerista tem que ser um pouco pesquisador e pensar naquele sistema. Não temos crítico, o que é outro problema sério. Estava até pensando nisso, um sistema sem crítico faremos o quê? Aqui é muito falho, é muito fraco”.

Renata: Por isso acho importante fazer um trabalho sobre o que está acontecendo, é onde começa a crítica?

Rodrigo: “É, também tem que ter subsídios para ser crítico tem que buscar informações se não é difícil de tê-las, né”.

ANEXO A – O sítio da Desvenda na *Internet*



ANEXO B – O sítio da SEU na *Internet*

The screenshot displays the website 'portoalegreseu.wordpress.com' in a browser window. The browser's address bar shows the URL. The website's navigation menu includes: INÍCIO, ARTISTAS DO SEU 2010, CONTATOS, CONVOCATÓRIAS, DOCUMENTOS, ESQUINA DEMOCRÁTICA, FORA DO EIXO – BRASÍLIA, IMPRENSA, QG, and AÇÕES.

The main heading is 'SEU SEMANA EXPERIMENTAL URBANA SEU' in large, bold, black letters.

Below the heading is a section titled 'VIDEO SEUcopyleft' with the text 'Posted on maio 5, 2011 | 1 comentário'. A video player shows a scene of people in a public space.

To the right of the video, there are two sections: 'Financiamento' and 'Apoio'. The 'Financiamento' section features logos for 'LUMI' and 'Secretaria Municipal de Cultura PORTO ALEGRE - Nossa cidade, nosso futuro'. The 'Apoio' section features the logo for 'CASA AZUL hostel'.

At the bottom of the page, there is a link that says 'BAIXE O CATÁLOGO DO SEU'.

The browser's taskbar at the bottom shows various application icons and the system tray with the date '25/06/2011' and time '19:36'.

ANEXO C – Integrantes da Desvenda

1. Adauany Zimovsky (São José dos Campos/ 1983)
2. Ana Paula Tomimori (São Paulo)
3. Adreson (de Sá)
4. Adriana Aranha
5. Adriana Xaplin (Porto Alegre)
6. Alessandra Pohlmann (Porto Alegre)
7. Aline Daka
8. Alya Nery (Porto Alegre)
9. Ana Thompson Flores (Porto Alegre/ 1962)
10. Ananda Kuhn (Porto Alegre)
11. André Malinski (Curitiba/ 1966)
12. André Venzon (Porto Alegre/ 1976)
13. Andréa Lopes da Silva
14. Angela Cagliari (Porto Alegre/ 1985)
15. Antônio Augusto Bueno (Porto Alegre/ 1972)
16. Augusto Lima
17. Bebel Abreu
18. Beth Mello
19. Betina Frichmann (Porto Alegre)
20. Bruna Pedrosa
21. Camila Mello (Porto Alegre/ 1976)
22. Camila Schenkel
23. Caren Czerwinski
24. Carine Betker (Santo Ângelo/ 1980)
25. Carlinhos Rodrigues
26. Carlos Asp (Porto Alegre/ 1949)
27. Carlos Cardoso
28. Carmen Krauspenhar
29. Christel Kam-Mone
30. Clarissa Cestari

31. Cláudia Fontana
32. Claudia Hamerski (Seberi – RS)
33. Cláudio “Dimas” Celestino
34. Daiane Schröpel
35. Daniela Adams (Porto Alegre)
36. Dayene Mari
37. Denis Nicola (Porto Alegre/ 1979)
38. Denis Siminovich (1974)
39. Diego Amaral
40. Diego Bachmann
41. Marcelo Donadussi (Cruz Alta – RS)
42. Eduardo Montelli (1989)
43. Eduardo Uchôa (Rio de Janeiro)
44. Eladia Martín
45. Ena Lautert (Lajeado – RS/ 1924)
46. Fernanda Barroso
47. Fernanda Bec
48. Fernanda Soares
49. Fernanda Manéa (Porto Alegre/ 1980)
50. Fernando Rosenbaum
51. Flávia Giroflail
52. Fernando Peres
53. Filé de Peixe (Felipe Cataldo, Fernanda Antoun e Alex Topini - 1979)
54. Fred Duarte
55. Yara Baungarten (Caxias do Sul – RS)
56. Gaa Pas
57. Gabriel Netto
58. Gabriela Zilli (1984)
59. Gaby Benedict
60. Gerson Reichert
61. Glaré Eva Macalós (Soledade – RS/ 1941)
62. Helena de Nadal

63. Humberto Dutra (1967)
64. Inara Vidal Passos
65. Ingrid Noal Schirmer
66. Juan Parada
67. Júlia Berenstein (Porto Alegre)
68. Juliana Lima (Boa Vista – RR/ 1983)
69. Juliana Scheid (Porto Alegre)
70. Kátia Costa (Porto Alegre/ 1969)
71. Leandro Machado
72. Leandro Michels
73. Leisi Moraes
74. Leopold Kunrath (Porto Alegre)
75. Letícia Lampert (Porto Alegre)
76. Lia Braga
77. Lílian Santos Gomes (1984)
78. Lívia Santos
79. Lucas Strey (Porto Alegre/ 1986)
80. Luciano Montanha
81. Luís Drum
82. Mabel Fontana
83. Magna Sperb
84. Manoel Veiga (Recife)
85. Manuela Eichner (Arroio do Tigre – RS/ 1984)
86. Marcelo Monteiro (Porto Alegre/ 1975)
87. Marcieli Compagnon
88. Mayana Redin
89. Mariana Xavier (Porto Alegre/ 1980)
90. Marcio Rivera
91. Marcio Schenkel
92. Marcos Fioravante
93. Mariza Fischer
94. Mastrey

95. Michal Kirschbaum (1978)
96. Michele Philomena (Porto Alegre/ 1979)
97. Miriam Scott Fontoura
98. Nathália García (Porto Alegre)
99. Nicole Lima
100. Paula Langie (Pelotas)
101. Paulo Chimendes
102. Paulo José Frydman
103. Paulo Moretto
104. Pedro Alice
105. Pedro Gonzalez
106. Pierre Lapalu (Curitiba)
107. Priscilla Zanini (1981)
108. Rafa éis
109. Rimon Guimarães
110. Roberto Bitencourt
111. Rodrigo Braga
112. Rodrigo Lourenço (Porto Alegre/ 1975)
113. Rodrigo Pecci
114. Rodrigo Uriartt (Porto Alegre/ 1966)
115. Romy Pockstaruk
116. Sandro Ka (1981)
117. Sol Casal (Benos Aires/ 1984)
118. Solange Caldas
119. Suzana Azevedo
120. Susy Rolland
121. Swami Silva (São Paulo)
122. Talitha Bueno Motter (Porto Alegre/ 1986)
123. Tatiana Moés
124. Tahis Leite
125. Treze Numa Noite
126. Valesca Kuhn

127. Vinicius Stein (São Paulo)

128. Zupo (Belo Horizonte)

ANEXO D – Integrantes da SEU (2010)

1. Bim Fernandez (Sabará - MG)
2. C.I.M. (Buenos Aires - AR) – (Flor Firvida, Andrea Vegazzi, Nicolás Casalnuovo e Santiago Cao)
3. Camila Lima Barreto (Porto Alegre - RS)
4. Chicamatafumba (Porto Alegre - RS) – (Ana Paula Tomimori – São Paulo, Claudia Paim – Porto Alegre, Leandro Machado e Thaís Leite)
5. Clube da Sombra (Porto Alegre/ RS)
6. Coletivo SD (Sala Dobradiça) (Santa Maria - RS)
7. Coletivo Curto Circuito (Fortaleza - CE) – (Airton Lima, David da Paz e Naiana Cabral)
8. Daggi Dornelles (São Leopoldo - RS)
9. EIA (Experiência Imersiva Ambiental) - (São Paulo - SP)
10. Fernanda Manéa (Porto Alegre – RS/ 1980)
11. George Sander (Resende - RJ)
12. Grupo C.D.M. (Centro de Desintoxicação Midiática) - (Pelotas - RS) – (Eduardo Silveira – 1975, Leonardo Furtado – 1977, e Ricardo Mello – 1980)
13. Isabela Silveira (Miraflores, Lima - Perú – Mora em Salvador - BA)
14. Izidorio Cavalcanti (Recife – PE/ 1966)
15. Júlio Leite (Campina Grande – PB)
16. Leopoldo Kunrath (Porto Alegre – RS)
17. Letícia Ramos (São Paulo – SP)
18. Lia Letícia (Porto Alegre – RS)
19. Lourival Cuquinha (Olinda – PE/ 1975 – Mora em São Paulo – SP)
20. Maíra Vaz Valente (São Bernardo do Campo – SP/ 1981 – Mora em São Paulo – SP)

21. Milena Duarte (Salvador – BA)
22. Projeto Cérbero (Rio de Janeiro – RJ) – (Vinicius Saisse Nascimento, Anna Terra Saldanha, Filipe Codeço, Pedro Bento, Carolline Cantídio e Fernando Codeço)
23. Teatro Porcos com Asas (Porto Alegre – RS)
24. Treze Numa Noite (Rio de Janeiro – RJ)
25. Vânia Medeiros (São Paulo – SP)
26. Wolder Wallace (Natal – RN/ 1962 – Mora em Recife – PE)